O FUTURO DA V REPÚBLICA — POR PIERRE VIANSSON-PONTÉ (PÁGINA 13)


# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 584 ANO 48.º UM ESCUDO



ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA


## LULU CASOU-SE

**Lulu, a conhecida cantora «pop» inglesa e que representará o seu país no próximo Festival da Eurovisão, casou-se, anteontem, com um dos elementos do conjunto «Bee Gees», Maurice. A cerimónia, a que assistiram mais de 300 pessoas, efectuou-se na igreja de St. James, em Gerrade Cross. Lulu, de 17 anos, e Maurice, de 19, vestiam ambos de branco, e sorriam felizes para os «fans», apesar de poderem gozar um só dia de lua-de-mel, devido ao facto de a noiva estar a participar num programa de Televisão da BBC**

### O «DIÁLOGO» ENTRE O MUNICÍPIO E A CARRIS

# QUE DIZ O RELATÓRIO DA COMISSÃO NOMEADA POR DESPACHO MINISTERIAL?

## — GOSTARIA DE SABER UM VEREADOR

**O problema dos transportes colectivos urbanos de superfície voltou a ocupar grande parte da reunião da Câmara Municipal de Lisboa, a que presidiu o sr. general França Borges que, após a chamada, começou por apresentar uma proposta (depois aprovada por unanimidade para a concessão da Medalha de Ouro da Cidade ao Ateneu Comercial que agora comemora o seu cinquentenário.**

O «prato forte» da reunião foi, no entanto, o problema do aumento dos bilhetes dos autocarros e eléctricos e dele se ocuparam os dois únicos vereadores que usaram da palavra, continuando-se, assim, o «diálogo» que se vem desenrolando entre o Município e a Carris.

O vereador sr. dr. Bernardino Pereira Bernardes começou, no entanto, a sua exposição, recordando que «passa a 4 de Março próximo, o centenário do nascimento de Eugénio de Castro, poeta e escritor que alcançou renome europeu na literatura».

Em resumo: aquele vereador salientou o facto de Eugénio de Castro ter passado grande parte da vida em Lisboa, onde tirou o Curso Superior de Letras e se dedicou ao jornalismo, n'«O Dia», no «Jornal do Comércio» e nas «Novidades».

Todos estes motivos e mais ainda pelo facto de ter sido «sempre um poeta lírico, genuinamente português», o sr. dr. Pereira Bernardes propôs que seja evocado o centenário do seu nascimento e ainda que «o seu nome ve-

(Continua na página seguinte)

*HOJE 36 PÁGINAS*
*VISADO PELA CENSURA*

## BORMAN EM LISBOA

O prof. Armando Cortesão, orientador da visita desta manhã, entrega ao astronauta de Indiana o colar da Sociedade de Geografia. Borman retribui com uma fotografia colorida da Lua, tirada, segundo disse, à distância de 60 milhas. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

### POR ORA...

# *O ataque ao avião da «El Al» não provocará represálias*

## *— afirma-se em Jerusalém*

**JERUSALÉM, 20.—(A. N. lita, no aeroporto de Zurich I.) — Israel decidiu, apor — afirma-se em círculos ofi-ciais, não tomar qualquer tamente colocados de Jeru-medida de represália pelo salém.**

**ataque de um comando Todavia, afirma-se na árabe contra o avião fran- mesmo tempo que o minis-**

**tro israelita da Defesa, Moshe Dayan, fez a seguinte declaração:**

**«Considerando os Estados Unidos como responsáveis por todos os actos de terrorismo desencadeados contra nós, [illegible] e os recebere-**

(Continua na última página)

Edição da noite

# Jantar de homenagem ao embaixador IBAÑEZ-MARTIN

Encerra-se no sábado, á tarde a inscrição para o jantar de homenagem ao embaixador D José Ibañez-Martin, a realizar na próxima segunda-feira, no Hotel Tivoli.

São já numerosas as pessoas que se inscreveram, contando-se entre elas destacadas figuras da diplomacia, da política, das artes, das letras e do jornalismo, bem como da colónia espanhola de Lisboa.

As listas encontram-se na Livraria Bertrand, Rua Garrett, na sucursal do Rossio do nosso prezado colega «O Século» e na recepção do Hotel Tivoli.

# Vai ser prorrogado por 30 dias o funcionamento da Assembleia Nacional

Com a presente sessão legislativa termina o mandato dos deputados da actual Assembleia Nacional, eleitos há quatro anos. E, de acordo com o respectivo regimento, deveria terminar esta semana, a actual sessão legislativa. Embora subsistindo, para o caso de convocação extraordinária por parte do Presidente da República a Assembleia Nacional terminaria os seus trabalhos no dia 22, termo normal do fim da presente legislatura. A nova Assembleia será eleita ainda este ano, provàvelmente em Outubro ou Novembro.

Entretanto, e de acordo com os poderes que lhe competem o vice-presidente em exercício vai prorrogar por mais 30 dias o funcionamento da Assembleia o que lhe permitirá pronunciar-se sobre alguns problemas pendentes como foi há anunciado.

Hoje, a Assembleia Nacional reuniu-se á hora regimental, continuando na ordem do dia o debate do aviso prévio sobre os direitos das pessoas idosas estando inscritos, para esse efeito, os deputados drs. José Santos Bessa e José Maria de Castro Salazar e rev. Jorge Barros Duarte.

No período antes da ordem do dia está inscrito o deputado contra-almirante Jerónimo Henriques Jorge.

## Em três linhas

A folha oficial publica um despacho do ministro das Corporações e Previdência Social que estabelece os ordenados mínimos para os profissionais ao serviço da indústria vidreira representada pelo Grémio Nacional dos Industriais Vidreiros.

///

Um outro despacho do mesmo membro do Governo determina o alargamento do âmbito da alteração ao contrato colectivo de trabalho para a indústria de curtumes dos distritos do Porto, Braga e Santarém.

///

O Decreto-Lei n.º 48871 promulga o regime do contrato de empreitadas de obras públicas.

///

O Decreto-Lei n.º 48 875 cria os Serviços Sociais do Ministério da Saúde e Assistência.

**ESTE É O ROSTO DA «PRINCESA»... Maria Eduarda Setil, das Transportes Aéreos Portugueses, foi eleita «princesa do ar» no Concurso Internacional de Hospedeiras de Bordo, realizado em Punta del Este. O título de «rainha» foi conferido a uma hospedeira norte-americana, havendo ainda uma uruguaia distinguida com outro título de «princesa». Facto digno de nota: a companhia portuguesa de aviação é a única cujas representantes se classificaram num dos três primeiros lugares em qualquer dos três concursos até agora realizados**

## VIDA SOCIAL

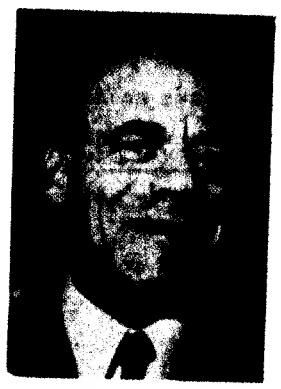
NASCIMENTO

Teve o seu bom sucesso a dr.ª D. Maria José Cardoso da Silva, esposa do artista Mário Silva Mãe e filha encontram-se bem, tendo sido médico assistente o dr. Pedro Monjardino.

# ora diga-nos...

## — Costuma jejuar na Quaresma?

**Começou ontem, para os católicos, o período do jejum e da abstinência. Nos primeiros tempos da Igreja, a Quarta-Feira de Cinzas era designada por «Começo do Jejum». Hoje, as leis da Quaresma estão muito suavizadas. Tanto no que respeita ao jejum como à abstinência, mas estas sete semanas continuam a ser dedicadas à penitência, na liturgia católica.**



● *O sr. Joaquim José Rocha Mendes oficial dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, não jejua nem sabe definir concretamente jejum e abstinência. Mas disse:*

— Não, não costumo...

— Sabe em que consiste jejuar?

— Consiste em abster-mo-nos de qualquer qualidade de carne.

— Já alguma vez jejuou?

— Já... Hábitos de família.

*A menina Dina Maria Pereira Esteves jejua e guarda abstinência (ontem, por exemplo), mas .. começou por dizer:*

— É difícil...

— Responder ou jejuar?

— Responder. É que agora há na Igreja as bulas ou pequenas esmolas que permitem comer carne em todas as sextas-feiras dos 40 dias da Quaresma. Mas eu jejuo sempre pelo menos na Quarta-Feira de Cinzas e na Quinta e Sexta-Feira Santas.

● *Por último, o sr. Tomás Manuel Góis, pintor de construção civil, que não jejua nem guarda abstinência, mas tem ideias próprias sobre o assunto:*

— Não não jejuo..

— Nunca jejuou?

— Nunca. Porquê? Olhe, tenho sempre apetite e não vou nessas coisas... Como de tudo quando calha e quando posso. Além disso, o médico manda um «gago» tratar-se, de maneira que, já vê..

# O Município vai comemorar o centenário do nascimento do poeta Eugénio de Castro

(Continuação da pág. anterior)

nha a ser lembrado ás gerações futuras, em um monumento que recorde os anos da sua vida vividos em Lisboa».

(No fim, o sr. general França Borges disse que vão ser tomadas providências no sentido de uma homenagem a Eugénio de Castro).

### A Carris e os buracos das ruas de Lisboa

O sr. dr. Pereira Bernardes continuou, no entanto, a sua exposição com um assunto totalmente diferente do primeiro: o dos Transportes urbanos de superfície.

Começando por referir a recente exposição do «principal responsável da Carris» na R. T. P., aquele vereador afirmou, após alusão á resposta do presidente do Município: «E só terei a acrescentar que, se se entender que o assunto deve ser publicamente tratado, *conveniente seria começar por dar publicidade ás conclusões do relatório da Comissão, nomeada pelo sr. ministro das Comunicações, para estudar a situação financeira da Carris, a que aludiu o seu presidente do conselho de administração*».

Noutro passo, e irónicamente, acentuou: «Estou inteiramente de acordo com os responsáveis da Carris quando afirmam que o seu caso não pode confundir-se com o do Metropolitano.

Na verdade, este paga inteiramente á sua custa a construção onerosa e difícil da via onde circula. E provê exclusivamente á sua conservação. Ao passo que a Carris encontra o seu caminho construído pela Câmara, que tem de constantemente, reparar as consequências de os pesados autocarros e eléctricos circularem nas ruas de Lisboa. *Não é só á chuva e á natureza do terreno que os lisboetas devem os buracos nas ruas. Também o devem ás concessionárias*».

### Uma boa partida carnavalesca

Falou, depois, o vereador sr. Casimiro de Almeida que apresentou uma exposição bem humorada, com várias alusões carnavalescas («...e eu tomei o arrazoado do sr. administrador da Carris como uma boa, embora prematura, partida carnavalesca...») e muita ironia á mistura.

«Este caso só pode ser tratado de duas maneiras: muito a sério ou a brincar — começou por dizer aquele vereador. As suas considerações num tom de brincadeira surgem-nos contudo, como muito sérias, «precisamente na ocasião em que o Governo se manifesta empenhado em suster a alta de preços», conforme ele recordou.

E dirigindo-se ao presidente do Município: «Disse V. Ex.ª, sr. presidente, o necessário e o suficiente para o comum das gentes se aperceber da improcedência das razões alegadas pela Carris e do descabido da comparação que se pretendeu estabelecer com os insinuados benefícios concedidos ao Metropolitano.

Como se a respectiva empresa, no período de arranque e de investimentos que atravessa já tivesse arrecadado e distribuído lucros como a Carris se fartou de fazer desde 1897 até hoje, ainda que ultimamente — acedamos — em menor escala!».

ESTA SEMANA

motor

SAI AMANHÃ

com assuntos de grande actualidade, artigos do maior interesse e, além de todas as suas secções habituais,

uma completa reportagem do Rallye das Camélias e um artigo de Philipp Tonssaint sobre a próxima época de corridas de Fórmula 1

Sai às 5.as feiras ● Preço 2$50

Contas novas para gente nova

BANCO DO ALENTEJO

MEDICINA GERIÁTRICA — Prevenção, tratamento, recuperação

(doenças do envelhecimento)

por DR. JOSÉ REIS JR.

Pela 1.ª vez em Portugal. Único livro existente na literatura médica ibero latino-americana, focando os seguintes problemas:

O que é a velhice; Histórias da curiosidade; teorias do envelhecimento; psicologia; arteriosclerose; doenças das velhices; Exigências nutritivas na velhice; vida sexual; tratamento; recuperação; tentativas de rejuvenescimento

À venda nas livrarias e na CITECNICA — Rua Tristão Vaz, 15, 2.º, Dt.º Tel. 61 1989 — Lisboa-3

# Suspensa pelo Pentágono a instalação da rede de foguetões antifoguetões

**por JACQUES AMALRIC**

**MELVIN LAIRD, o secretário de defesa americano, anunciou agora uma decisão um tanto surpreendente: foi interrompida a colocação da rede «delgada» de foguetões antifoguetões, cuja construção havia sido decidida no Outono de 1967 pelo presidente Johnson. Um comunicado do Pentágono esclarece que a compra dos terrenos e a construção de silos destinados a abrigar os foguetões antifoguetões ficam suspensos pelo menos até ao mês de Março, data em que deverão, em teoria, estar terminados os reexames da política militar dos Estados Unidos por Richard Nixon.**

Foi depois duma viva controvérsia que o presidente Johnson e o seu secretário da Defesa do momento, Robert MacNamara, acabaram por dar luz verde para a construção de uma rede antimíssil «delgada», cujo custo era então avaliado em 5 milhões de dólares. Oficialmente, esta rede — cuja eficácia é considerada mais que duvidosa por bom número de especialistas — destinava-se a interceptar um ataque nuclear proveniente da China comunista. Com efeito, a sua entrada em construção foi em grande parte resultado das pressões exercidas pelos representantes do que o presidente Eisenhower baptizou como *«complexo militar-industrial»*. Para os retardados da guerra fria, a rede «delgada» não devia constituir mais que a primeira fase duma operação mais ambiciosa: a construção duma rede «densa» destinada a interceptar um ataque proveniente da União Soviética. O preço de custo de semelhante barragem — sempre susceptível de ficar saturada com um ataque em massa de foguetões de cabeças nucleares múltiplas — é calculado nuns cinquenta biliões de dólares (qualquer coisa comparável a 1450 milhões de contos portugueses), repartidos por alguns anos. Na esperança de ter a adesão de novos partidários da sua causa, os preconizadores dum novo lançamento da corrida aos armamentos — defensivos, desta vez — fizeram grande ruído em volta da construção de uma rede antimíssil na região de Moscovo. A despeito das suas declarações, designando a China como responsável pela luz verde dada á construção da rede «delgada», é provável que o presidente Johnson tomasse, igualmente, em consideração, em 1967, este elemento novo. Em todo o caso, foi o que deu a entender recentemente o antigo vice-presidente Humphrey: para ele, Johnson só terá autorizado a construção de uma primeira rede, na esperança de levar a U. R. S. S. á mesa das negociações.

Mas estas discussões foram blocadas pela invasão da Checoslováquia. Em 20 de Janeiro último — dia da entrada em funções de Nixon — a U. R. S. S. dava novamente a saber que estava pronta a discutir a limitação dos foguetões ofensivos e defensivos. Eis porque, a despeito do esclarecimento do Pentágono, que apresenta a suspensão do programa «Sentinela» como consequência de uma simples decisão administrativa, pode, igualmente, interpretar-se esta medida como um gesto de boa vontade. Isto não quer dizer, contudo, que Nixon tenha dominado — ou queira fazê-lo a todo o custo — os partidários de uma rede «densa».

## Uma campanha bipartida

Há algumas semanas a esta parte, por outro lado, desenvolve-se nos Estados Unidos uma importante campanha pedindo a suspensão do programa «Sentinela». Esta campanha é particularmente viva no Senado, onde foi lançada de novo — pela tomada de posição do senador Edward Kennedy a favor da cessação do programa. Os senadores hostis a este projecto são, segundo se calcula, mais de quarenta e cinco (em cem). São tanto democráticos como republicanos, pois entre eles notam-se pessoas como William Fulbrigt (democrático do Arcansas), Edward Kennedy (democrático do Massachusetts), Sherman Cooper (republicano do Kentucky) e Charles Percy (republicano do Illinois). o decidir suspender a construção da rede, Nixon não se limitou, portanto, a um gesto de boa vontade em relação á U. R. S. S., evitou, também, envenenar uma crise que ameaçava o seu próprio partido. Se os senadores votaram, o ano passado, 647 milhões de dólares para a construção da rede «delgada», teriam muito bem podido recusar conceder os 1400 milhões de dólares previstos a este capítulo no ano presente.

*«Como é que*, perguntam os opositores, *os Estados Unidos poderão esperar um reforço da sua posição em discussões com a U. R. S. S., construindo uma rede cuja eficácia ainda está por demonstrar, e que é oficialmente dirigida contra a China?»* Foi, sem dúvida, para destruir em parte esta tese que Nixon declarou na sua conferência de Imprensa — quebrando definitivamente com a tese Johnson na matéria — ser erróneo dizer que a rede «delgada» se destinava a deter uma eventual ameaça chinesa. Inscreve-se esta, disse, no âmbito da defesa global dos Estados Unidos. Mas se assim é, a rede «Sentinela» está desde já ultrapassada, pois ficaria muito fàcilmente saturada em caso de ataque soviético. Continuam, portanto, a ser possíveis duas soluções: ou parar com a sua construção, de acordo com Moscovo, ou desenvolver uma rede «densa», com todos os riscos financeiros, sociais e militares que isso implica.

A oposição aos antimísseis não se encontra ùnicamente no Capitólio. Igualmente se verificaram numerosos protestos entre a população das cidades escolhidas para serem «protegidas» por estas armas. Um grupo de cidadãos de Chicago acaba de apresentar queixa contra o secretário da Defesa para se opor á construção de uma base não longe da capital do Middle West. A acreditar neles, a construção de semelhante base designaria a cidade aos golpes de um eventual adversário, em vez de a proteger: atrairia, por outro lado, graves riscos de acidentes. Iniciativas semelhantes estão em curso em Detroit, Seatle e Sain-Louis.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

# Nota do dia

## MÃOS À OBRA...

**HÁ UMA CERTA TRADIÇÃO** na localização geográfica das origens, não do Poder, mas daqueles que o exercem. Essa tradição situa-se na Beira; como toda a gente sabe e há relativamente pouco tempo o relembrou Luís de Oliveira Guimarães, num daqueles seus periódicos e preciosos repositórios de informação que a sua «verve» faz embrulhar, como aos filetes panados, em saborosa capa de ironia. Claro que o catálogo de L. O.-G. chega às dezenas. Mas para resumo e documento citam-se os três mais representativos nomes de outras tantas épocas da história política portuguesa mais recente: a Monarquia liberal, com João Franco; a República democrática, com Afonso Costa; e o Estado Novo, com Oliveira Salazar, todos beirões da gema.

**Aí há uma dúzia de anos,** o grande peso no mesmo Governo era o distrito de Bragança, com os Ministérios do Interior, Justiça, Finanças e Ultramar, pelo menos, confiados respectivamente a Trigo de Negreiros, Cavaleiro Ferreira, Águedo de Oliveira e Sarmento Rodrigues, sem a certeza certificada de que não fossem mais, pois o apontamento vai de memória, por não estar à mão o recurso de ficheiro. Mesmo que fossem só esses, porém, não se pode dizer que fossem poucos ou pouco significativos. Foi uma fase importante da representação trasmontana nos gabinetes do Terreiro do Paço e na mesa do Conselho de Ministros.

**Desta vez mudou-se**... O centro geográfico da política do País fixou-se agora noutra zona, com um Presidente do Conselho natural de Pampilhosa da Serra, que aliás já visitou e onde foi muito festejado pouco depois da sua investidura. Diga-se desde já em abono da verdade que esse «interland», situado entre Coimbra e Castelo Branco, é das regiões mais desprotegidas do País, com uma economia própria muito débil, em que são escassas as actividades industriais. Não obstante, aí se situam algumas das mais importantes barragens do nosso sistema de aproveitamentos hídricos, com estes nomes que dizem alguma coisa: Cabril, Bouçã, Castelo de Bode.

**O último fim-de-semana** passou-o o Chefe do Governo, precisamente, na barragem do Cabril, na companhia de dois ministros do seu Conselho, os do Ultramar e da Saúde. Uma saltada a Pedrógão, ali a dois passos, deu pretexto para que o último daqueles membros do Governo ouvisse do provedor da Misericórdia local os habituais e justificados lamentos, com oportunidade para ver ou rever o projecto de construção do novo hospital. Ficou o provedor, por certo, muito confiante do projecto, que talvez até se possa erguer de pé para a mão. E o resto? Médicos e enfermeiros já os tem? Creia que é o mais difícil.

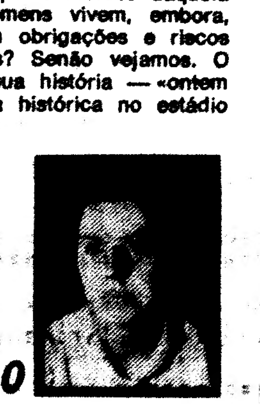
**Uma área mais circunscrita** da mesma zona, só a que se situa no distrito de Coimbra, vai ter agora a visita de outro ministro, o da Justiça. Arganil, Lousã, Penela, Soure, Montemor-o-Velho figuram no itinerário, que tem por motivo ver instalações judiciais, novos edifícios de tribunais e casas de magistrados. Mas haverá também (Coimbra) uma reunião do ministro com os presidentes das Câmaras Municipais do distrito. Não é para contar anedotas nem feijões, mas para apurar necessidades.

**Um amigo nosso queixava-se muito**, há alguns anos, da falta de iluminação na rua onde vivia. Isto era em Lisboa. Passados tempos, amigo que o visitou lembrou-lhe os seus lamentos e jogou-lhe em cara o que lhe pareceu a falta de fundamento para tais queixumes, pois não tinha visto a rua às escuras, mas pelo contrário bem iluminada. «É que veio agora para cá morar um vereador e a coisa arranjou-se». Não será um método que venha nos tratados, mas, se se revelar útil, porque não? Contanto que se arranje um vereador para cada rua .

# RECTÂNGULOS DA VIDA

## A BOLA

**por MARIA JUDITE DE CARVALHO**

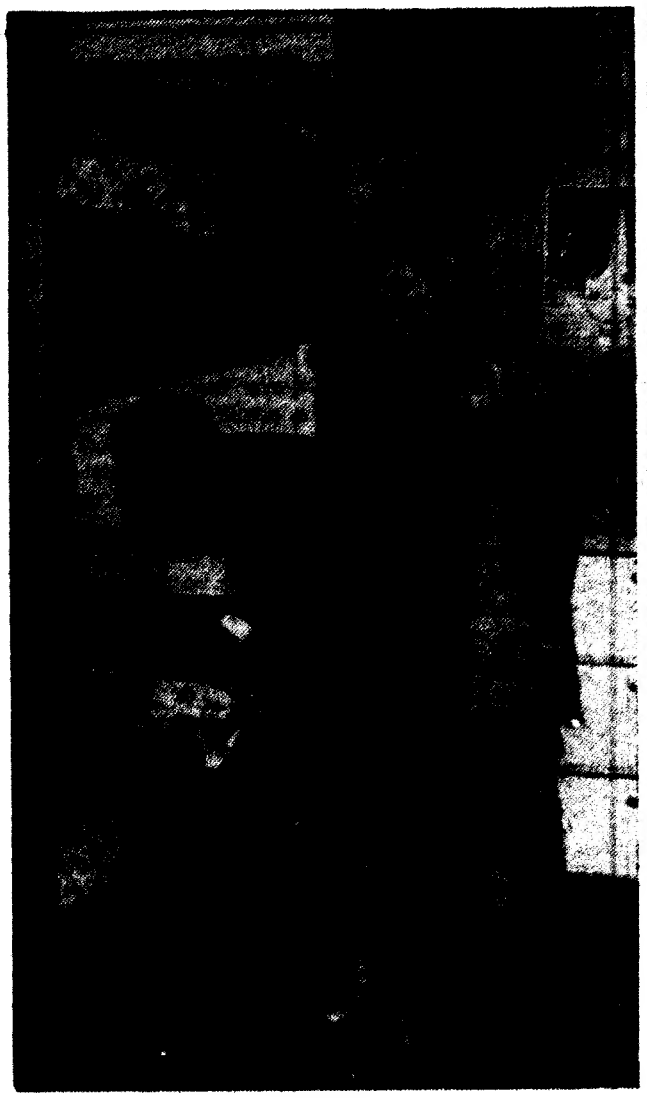


Há tempos, creio que no dia do regresso da «Apolo 8» (ou de qualquer outro acontecimento importante), estava eu na sala de espera de um consultório, quando na minha frente se sentou um cavalheiro bem vestido, já de certa idade, que logo desdobrou um jornal desportivo. Foi então que me pus a pensar no caso, enfim a magicar em coisas que decerto muitas pessoas já pensaram. Não há nada novo no mundo. Mas antes de mais devo dizer que não tenho nada contra o futebol. Só o que me aflige é a obsessão do futebol.

Não seria ele, o tal futebol, perguntei então a mim mesma, ali, no consultório, uma agradável e entusiástica fuga às responsabilidades chamadas cívicas? Não seria esse mesmo futebol uma atitude lúdica, inconscientemente copiada pelos moldes daquela em que os homens vivem, embora, claro está, com obrigações e riscos muito diferentes? Senão vejamos. O futebol tem a sua história — «ontem foi uma jornada histórica no estádio de X» — li eu no jornal aberto do cavalheiro bem vestido. Tem também os seus heróis de pés de barro, entronizados por uma eternidade relativamente curta e os seus clubes. E há claro, a «massa associativa». Quando os estrangeiros chegam cá ou nós vamos ao estrangeiro (o que está certo), é que a coisa toma foros de batalha, e às vezes há feridos, embora sem gravidade. A «massa associativa» leva a semana a discutir. Lê também «o seu jornal». E discute com os opositores de café, tabacaria e carro eléctrico.

Claro que não há mal nenhum nisto, que mal podia haver? Só que há um grande exagero. Parece-me indispensável que os entusiastas «só de futebol e mais nada», se lembrem um pouco — de vez em quando — de que há outra bola muito maior chamada Terra, onde eles próprios, distraidamente, moram.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO



Os beliches permitem o total aproveitamento do espaço. Em cada quarto dormem quatro raparigas. No novo edifício, porém, cada pensionista terá aposentos individuais

# ONDE SÓ ENTRAM MULHERES...

Motivos familiares levaram Rosa de Jesus, de Coimbra, a transferir o seu emprego na Federação das Caixas de Previdência para Lisboa:

— *Estou em Lisboa há cerca de três anos. Fui criada por uns tios que tinham propriedades em Coimbra, mas quando a minha prima se casou comecei a sentir-me a mais. Entretanto, uma outra prima queria vir para Lisboa como monitora de enfermagem, mas os pais só a deixavam vir se eu viesse também. Afinal acabei por vir eu só. Fui para o Lar D. Pedro V, mas depois mudei para este* — Lar de Nossa Senhora do Bom Conselho — *e penso continuar aqui, a não ser que a minha vida mude, me case...*

Outra jovem, Maria de Lourdes Brízido, de 21 anos, natural de Trás-os-Montes, empregada no Grémio dos Industriais de Panificação e a estudar no Instituto Britânico explica:

— *Vim para Lisboa porque na minha terra há muita falta de empregos e também queria continuar a estudar e lá não há grandes facilidades, principalmente em línguas. Queria um dia ensinar Inglês, mas ainda me faltam quatro anos para terminar o curso.*

## LARES DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA

Depois de, em precedentes reportagens termos falado de duas iniciativas da Associação Internacional de Protecção ás Raparigas, quisemos contactar com a outra: os Lares. Daí termos escolhido o Lar Universitário e Lar-Abrigo de Nossa Senhora do Bom Conselho, um dos vários de orientação católica que existem espalhados pelo País e sob a égide da referida instituição.

A rapariga que habita um Lar encontra-se, em geral, longe da família, por motivos de trabalho ou estudo, como acabámos de verificar pelos depoimentos de três das pensionistas do Lar de Nossa Senhora do Bom Conselho. A escolha deste é, quase sempre, determinada pelos pais que desejam, por interposta pessoa, prosseguir a vigilância que exerciam em casa sobre a filha.

**Reportagem de**

**ANTÓNIA DE SOUSA**

— *Os nossos Lares não são simples pensões* — observa-nos a sr.ª D. Maria Joana Mendes Leal, conselheira-assistente da Associação Católica Internacional para Raparigas. — *Neles, as raparigas encontram o que nem o melhor hotel lhes pode dar: segurança moral, amizade, tranquilidade, a intimidade e a alegria de uma verdadeira vida familiar.*

Quanto aos objectivos do Lar, diz-nos a mesma senhora:

— *É este o nosso fim: substituir a família e criar ás raparigas um ambiente que compense as más influências exteriores, agravadas pela ausência do meio familiar. Porque não basta oferecer às raparigas hospedagem segura e auxílio material —através de módica mensalidade —; os nossos Lares preocupam-se também com a formação moral das raparigas, pois num mundo em que quase todas as defesas exteriores ruíram, são necessárias sólidas defesas interiores.*

## QUE DIZEM AS RAPARIGAS DO REGULAMENTO?

Depois de termos visitado o Lar, instalado, provisòriamente, em dois andares do mesmo edifício na Avenida Visconde Valmor — aguarda aprovação camarária a planta do novo Lar, a ser construído, com todos os requisitos para o fim em vista, perto da Fonte Luminosa —, conversámos, na hora do almoço, com algumas das raparigas que iam chegando.

— *Sim, concordo com o regulamento* — assegurou-nos a Maria de Lourdes Brízido. Aliás, e o aparte é nosso, uma das condições para ser admitida como pensionista no Lar é, se não concordar, aceitar e observar o regulamento.

A mesma jovem contou-nos como decorre o dia no Lar:

— *Não temos hora fixa de nos levantarmos, mas o pequeno-almoço tem de ser tomado até às dez horas.* — («Não é permitido ir para a mesa em roupão» — diz o regulamento, assim como «cada residente deverá fazer a sua cama e deixar a parte do quarto que ocupa em ordem até ás 10 horas da manhã»). — *Eu saio para o emprego ás nove menos cinco, trabalho perto. Venho depois almoçar (almoço das 12 e 30 às 14 horas) e durante o almoço conversamos sempre de qualquer coisa. De novo o emprego, depois as aulas. Estudamos quase todas no quarto. Umas explicam ás outras. No Carnaval fizemos partidas umas ás outras. Cosemos os lençóis, os pijamas. No outro dia, numa das camas puseram uma mão...*

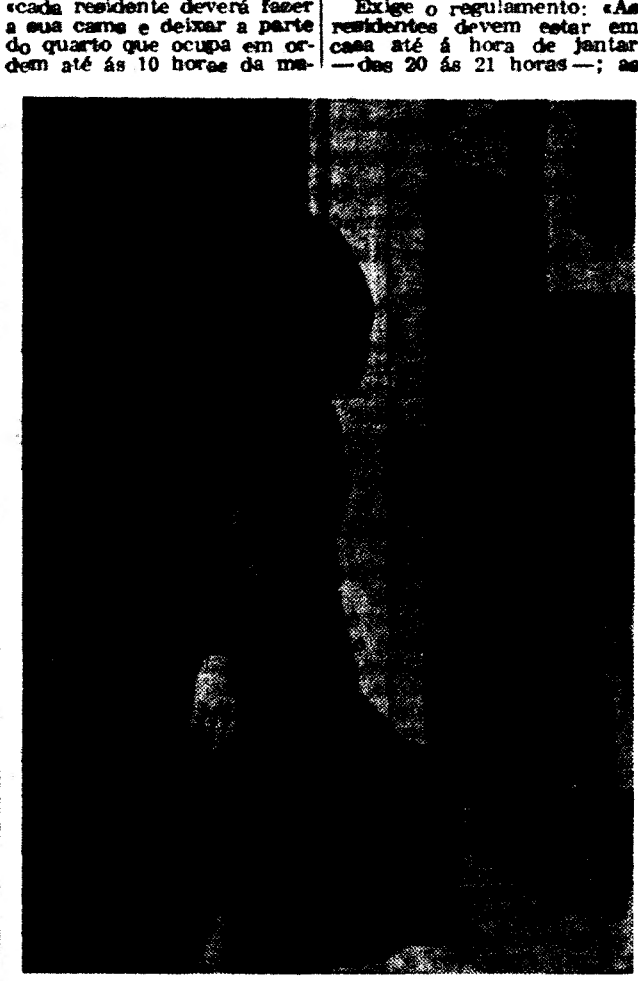
Do lado, uma jovem interrompeu:

— *É verdade. Pode acrescentar isso. São coisas da Graça. Vê-se logo. Fiquei a tremer.*

Prosseguiu a Maria de Lourdes:

— *Somos todas camaradas. Tentamos fazer bom ambiente. Ás luzes podem estar acesas até á meia-noite. Deitamo-nos até ás 11 e 30 ou meia-noite.*

Exige o regulamento: «As residentes devem estar em casa até á hora de jantar — das 20 ás 21 horas —; as saídas á noite só são autorizadas aos sábados, não podendo, em caso algum, o regresso verificar-se depois da 1 hora; nos meses de Maio a Outubro, as residentes poderão sair depois do jantar até ás 22 e 30, com prévio conhecimento da Directora ou de quem as suas vezes fizer; aos domingos, feriados e dias santos, as residentes poderão regressar até ás 23 horas, uma vez que de tal dê igual conhecimento á Directora ou a quem a substituir; só poderão jantar ou dormir em casa de pessoas de família, se para tal tiverem *licença por escrito* dos pais ou encarregados de educação e obtiverem para *cada caso* autorização da Directora.



Os namorados não as podem acompanhar á porta. «É quase pecado mortal». Daí a curiosidade do sector masculino quanto á forma como decorre a vida das raparigas nos lares

## QUANTO AOS NAMORADOS

Como as instalações do Lar são provisórias, cada quarto tem quatro camas, algumas estão camaratas, outras sob forma de beliche. Isso, se prejudica o estudo, facilita e leva as raparigas a um convívio mais imediato.

Foi ainda com a Maria de Lourdes Brízido que falámos acerca da posição das dirigentes do Lar em relação aos namorados. Perguntámos-lhes:

— *Aceitam muito bem os nossos namorados... desde que a gente não namore ao pé da porta. Isso é que não.*

(Continua na 10.ª página)

# Como e porque vivem as raparigas nos lares?

**A CURIOSIDADE é natural. Ginoceus interditos a indivíduos do sexo masculino, os lares atraem as atenções para a maneira de viver das raparigas, regras a que obedecem e limitações que inevitàvelmente se reflectirão na sua personalidade.**

**Por que habitarão, pois, as raparigas em Lares? Como decorre o seu dia a dia? Aceitam de boa mente as regras a que têm de se sujeitar? Perguntas pertinentes.**

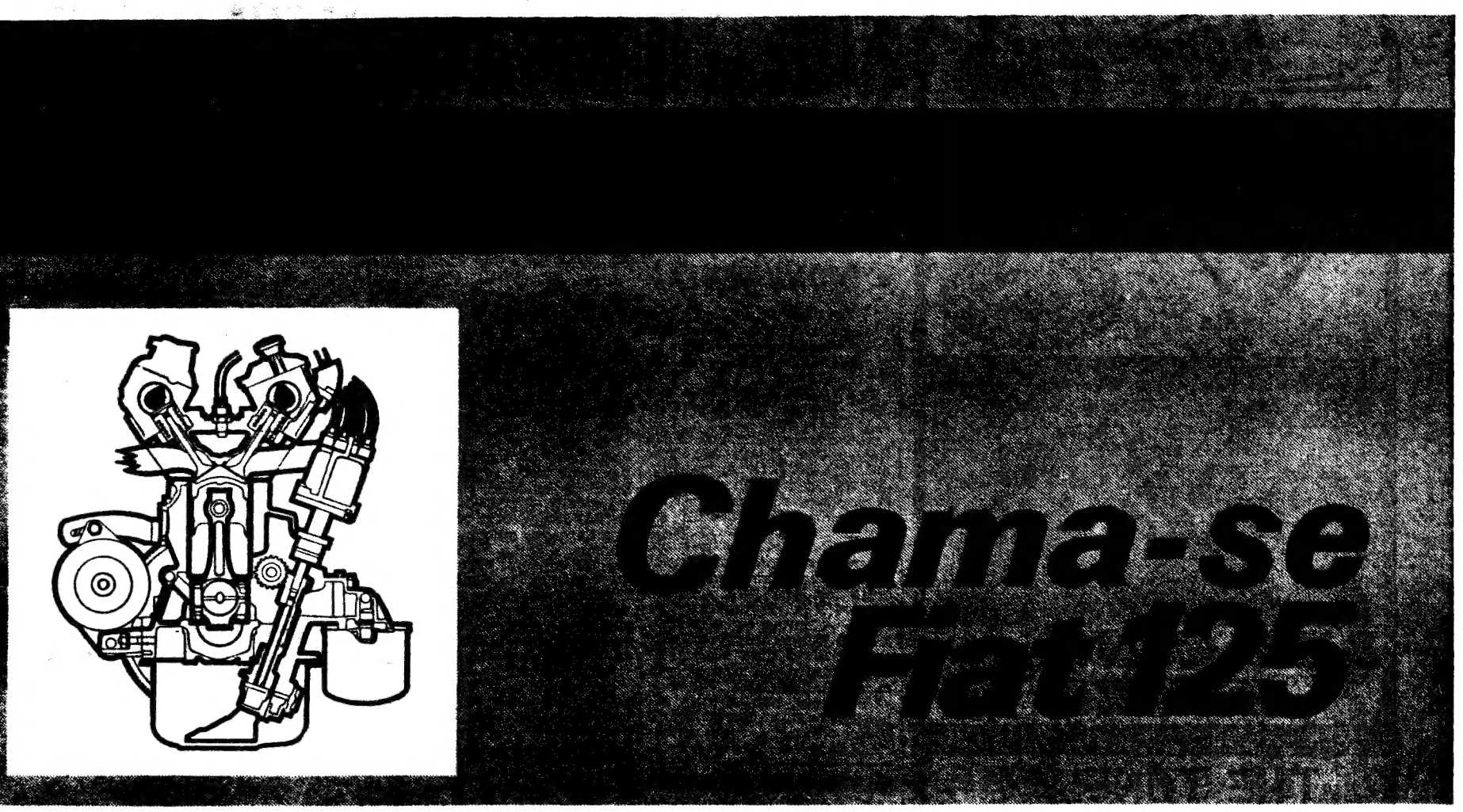
O problema dos Lares e das suas normas de funcionamento, em muitos casos absoletos, foi levantado, em 1960, por jornais diários e revistas femininas, uns para condenar pretensos ou reais vestígios de incultetação ou liberalização e outros a fim de pugnar por uma abertura, indispensável á vida moderna, em função do lugar que a mulher, a rapariga, nela ocupa ou pode e deve ocupar.

## OS LARES DESENVOLVEM MAIS O CONVÍVIO

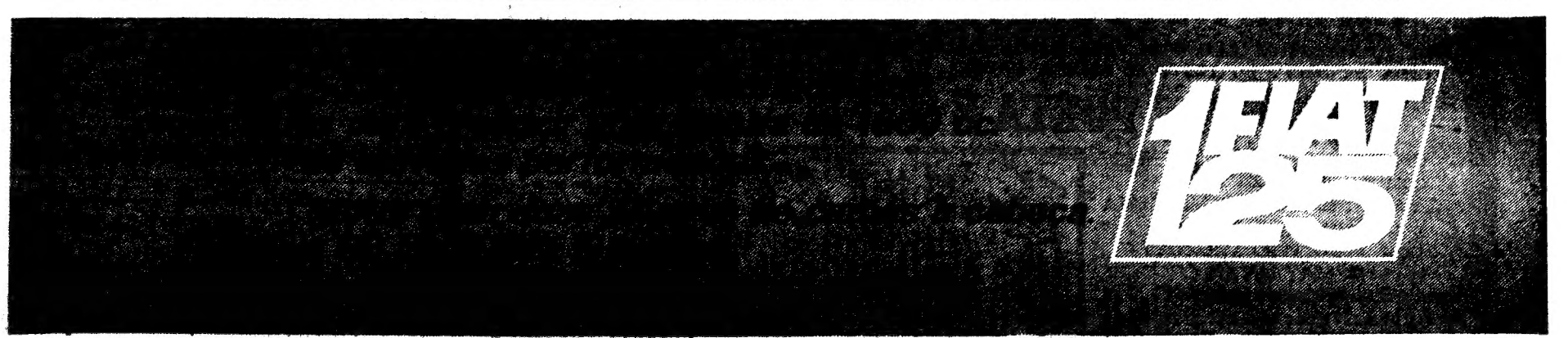
Não chegámos ainda ao tempo das raparigas viverem em lares pelo gosto exclusivo de partilhar o dia-a-dia com outras jovens, porventura de interesses e gostos idênticos. Isso pressupunha uma independência económica e de facto que não é vulgar entre nós.

— *Sou de Aveiro. Vim para Lisboa estudar Engenharia Química. Estive algum tempo numa casa particular, daí vim depois para o Lar. Tem contras, mas acho formidável viver num Lar, principalmente porque nos desenvolvemos mais nos dar-mos mais despreocupadas* — disse-nos Maria José Gamelas, de 21 anos.

As jovens pensionistas são servidas sem atropelos. O ambiente calmo permite que as horas das refeições sejam o melhor momento para confraternizar




Adapt. BÉLARTE




EM EXPOSIÇÃO: LISBOA - FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L. Av. Eng. Duarte Pacheco, 15
PORTO - Av. dos Aliados, 173 E EM TODOS OS AGENTES DO PAÍS

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

LES CINQ PÈRES

FAMOSOS COMEDIANTES DA CANÇÃO

THE TONELY'S

ORIGINAIS ACROBATAS FANTASISTAS

ESMERALDA AMOEDO

PARIS JAZZ BALLET

UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA

OS "SHEIKS" JIRINA'S COMBO

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

na grande sala restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

No CINEMA às 17 e 21.30 (M. 17 anos)

O AGIOTA


# PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

## • MONUMENTAL

**TÍTULO — «Eles com elas» («Los Chicos con las Chicas» — 1965).**
**REALIZADOR — Javier Aguirre.**
**INTÉRPRETES — Los Bravos, Enriqueta Carballeira.**

Imagine o leitor um monstruoso «TV Clube» com inúmeras canções e um realizador de imaginação delirante. O resultado só pode ser «Eles com elas». Colaboraram no argumento nada mais nada menos do que seis pessoas, e todas elas se esforçaram certamente por encontrar episódios com um mínimo de graça e de humor para ligar os números musicais. Esforçaram-se, mas em vão. E o resto é uma realização deplorável, onde não escapamos nem ás mais variadas «gracinhas», nem á mais espantosa gama de efeitos e contra-efeitos a que julgaríamos poder ser submetidos. A prova é dura, acreditem.

***Em complemento:*** **uma curta metragem sobre Madrid: uma total monotonia, intenções propagandísticas, um texto deplorável e um locutor que ainda não sabe bem o português — e tudo se conjuga ao som da zarzuela, que ainda é o que nos vale. Um documentário para esquecer. — *E. P. C.***

## As «Bodas de Aurora» pelo Grupo Gulbenkian de Bailado

No propósito de apresentar ao público português algumas das mais válidas obras do repertório balético clássico-romântico, o Grupo Gulbenkian de Bailado incluiu no programa dos seus próximos espectáculos, a realizar no Politeama nos dias 21, 22, 24 e 25 do corrente, o bailado de Tchaikowsky-Petipa «As Bodas de Aurora» (2.º acto de «A Bela Adormecida»). A direcção de ensaios está confiada a Roland Casenave, novo «maitre de ballet» do Grupo, e os principais papeis serão interpretados por Isabel Santa Rosa e Jelko Juresha.


Teatro MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)

2 SESSÕES

20.45 e 23 h.

UM ESPECTACULO de VASCO MORGADO

UMA FARSA DE GARGALHADA

com desempenho notável de

CAMILO d'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIROS

nos protagonistas

CARLOS COELHO

CARMEM MENDES
YOLA • LINDA
ALDA • CARLA

encenação de

SANTOS CARVALHO

maqueta de Lucio Estrela Santos

AS QUIZENAS DO BOM CINEMA

apresentam

UM MESTRE DO CINEMA AMERICANO

BILLY WILDER

HOJE

— O GRANDE CARNAVAL

com Kirk Douglas, Jan Sterling, etc.

DIA 21:

— O PECADO MORA AO LADO

com Marilyn Monroe, Tom Ewell, etc.

DIA 24:

— SABRINA

com Humphrey Bogart, William Holden, Audrey Hepburne, etc.

DIA 28:

— QUANTO MAIS QUENTE, MELHOR

com Marilyn Monroe, Jack Lemmon, Tony Curtis, etc.

Todas as sessões são para ADULTOS

às 2.ª, 4.ª e 6.ª-feira, pelas 18.30 h.

NO CINEMA

No CARNAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

2.ª SEMANA

UM ÊXITO SENSACIONAL NO ODEON

PROVA-O AS LOTAÇÕES ESGOTADAS

ROCIO DURCAL

REALIZAÇÃO DE LUIS CÉSAR AMADORI

com o ídolo da rádio PALITO ORTEGA

NAS ASAS DO AMOR

UM FILME DE GENTE NOVA QUE SABE DE AMOR O QUE NÃO LEMBROU AO DIABO

CANÇÕES! DANÇAS! GRAÇA!

Exc. IMPERIAL FILMES MAIORES 12 ANOS

Eastmancolor

UMA COMÉDIA ESPECTACULAR NO MAIS ADMIRÁVEL E DELICIOSO ESTILO DE FESTIVAL

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

DOMINGO, 23 DE FEVEREIRO, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ

Concerto pela BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.

Direcção: MAESTRO TENENTE SILVA DIONISIO

PROGRAMA

SAKUNTALA — Abertura — GOLDMARK • CANTO GREGORIANO — GUERRA VICENTE — (1.º Audição em Portugal) • CONCERTO DE HARPA EM SI b — HAENDEL — Solista: — FAUSTO SILVA DIAS • AMOR DE PERDIÇÃO — ópera — JOÃO ARROYO — Fragmentos Sinfónicos • LAS GOLONDRINAS — USANDIZAGA — Pantomima • IRIS — Hino ao Sol — MASCAGNI — (1.ª Audição pela Banda)

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje

Maiores de 6 anos

Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

(Adultos)

• ATENÇÃO! ENTRA HOJE NA ÚLTIMA FASE DE REPRESENTAÇÕES NO

• MARIA VITÓRIA

DUAS SESSÕES ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS

POR COMPROMISSOS ASSUMIDOS PARA A SUA ESTREIA NO TEATRO SÁ DA BANDEIRA DO PORTO A FAMOSA REVISTA DA GARGALHADA

• GRANDE POETA É O ZÉ!

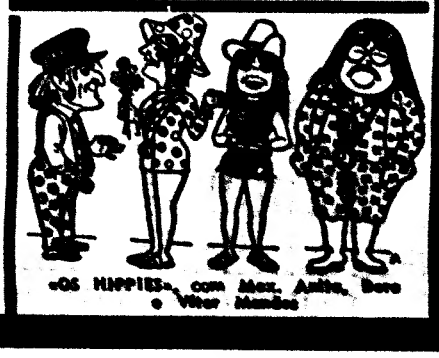
(PRÉMIO DA IMPRENSA — 1968)

COM OS POPULARES ARTISTAS

SALVADOR • VIANA • MARIEMA

E UMA GRANDE COMPANHIA COM A NOTÁVEL ATRACÇÃO

• MAY AVRIL




• Aproveite estes últimos dias para se divertir e rir à farta!!!

• DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 •

VARIEDADES

HOJE às 21.45 h. (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta

EUNICE MUÑOZ • FERNANDO GUSMÃO

na obra de ARNOLD WESKER

AS QUATRO ESTAÇÕES

numa encenação de

PAULO RENATO

ESTUDANTES 50% DE DESCONTO

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, às 21.45 (17 anos)

• T. N. P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes com Leonor Norberto no protagonista

SÁBADO, tarde às 16 h.

CASA da COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 38

T. 670299

Hoje ESTREIA às 22 h.

A CARTA DE BANDEIRA de Fernando Amado

(M. 12 anos)

subs. pelo Fundo de Teatro

# JAMAIS O CINEMA FOI TÃO LONGE!

FILMES CASTELLO LOPES apresenta em filme MGM

Richard Burton · Clint Eastwood · Mary Ure

em

# O Desafio das Águias

(WHERE EAGLES DARE)

A CENA DO TELEFÉRICO, ESPANTOSA, INESQUECÍVEL É

## UM DESAFIO À SUA CORAGEM!

70 m/m

Maiores de 12 anos

com Patrick Wymark · Michael Hordern

História e Argum. de Alistair MacLean · Realiz. de Brian G. Hutton · Produção de Elliott Kastner

Panavision® e Metrocolor

UM ACONTECIMENTO MEMORÁVEL NA HISTÓRIA DO CINEMA

## AMANHÃ,

## CONDES ESTREIA ROMA

---

# GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

TEMPORADA DE 1968/69

POLITEAMA

4.º PROGRAMA

Dias 21, 22 e 24 às 18.30 horas

Dia 25 às 21.30 horas

ENSAIO DE DANÇA E MOVIMENTO

Música: Bäck, Rabe, Hambraeus

Coreografia: Walter Gore

SANGUE NO CAIS

Música: Humphrey Searle

Coreografia: Walter Gore

AS BODAS DE AURORA

(3.º acto de A BELA ADORMECIDA)

Música: Tchaikosky

Coreografia: Petipa

BILHETES À VENDA

50% de desconto a estudantes

Espectáculos das 18.30: M. de 6 anos

Espectáculo das 21.30: M. de 12 anos

---

Teatro LAURA ALVES

Às 21.45 e 23 h. (Tel. 56...) Adultos

Sábado «matinée» às 16 h. para todo o público

(Para estudantes preço único de 10$00)

VASCO MORGADO apresenta

UMA PEÇA DE PALPITANTE INTERESSE!

# O JOVEM MENTIROSO

---

## ABC

ELAS É QUE SABEM

Revista com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, Delfina Cruz, Acácio e José de Castro.

MARIA DA FÉ

TONI DE MATOS

HOJE, às 20.45 e 23 h.

(ADULTOS)

---

## POLIBAR

CAFÉ-RESTAURANTE SNACK

Rua Palmira, n.º 27-C

Telef. 82 14 32

*

Para ALMOÇAR

para JANTAR

para CEAR

POLIBAR

Aberto até às 2.30 da madrugada

VISITE... A CAVE DO

POLIBAR

Encerrado aos DOMINGOS

---

## SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

---

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET ADULTOS

EM 2 SESSÕES, às 21 e 23 h.

EM 3.º MÊS DE GRANDE ÊXITO

# com RAUL SOLNADO

(O HOMEM DA PREGUIÇA)

## A PREGUIÇA

UMA COMÉDIA POPULAR CHEIA DE INTERESSE

e ainda

FERNANDA BORSATTI

ALINA VAZ

MÁRIO JACQUES

ANTÓNIO MONTEZ

e

DAVID SILVA

---

# Supermercados MODELO

LISBOA

INVICTOS Supermercados

PORTO

## CAMPANHA CONTRA OS PREÇOS ELEVADOS

PREÇOS EXCEPCIONAIS VÁLIDOS DE 19 A 25 DE FEVEREIRO

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| ARROZ GIGANTE | QUILO | 6$90 | EM VEZ DE | 7$30 |
| FRANGOS QUAL. EXTRA | | 23$50 | | |
| MANTEIGA EXTRA DO VOUGA | 250 GR. M/SAL | 10$30 | EM VEZ DE | 11$30 |

ALÉM DAS NOSSAS TRADICIONAIS *OFERTAS ESPECIAIS*

(VÁLIDOS ATÉ 1 DE MARÇO)

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| NESTUM | SÓ | 9$80 | EM VEZ DE | 12$50 |
| BAUNILHA TRIUNFO | 5 PACOTES POR | 4$50 | EM VEZ DE | 6$00 |
| CAFÉ MONTARROIO O SEGREDO DO BOM CAFÉ | SÓ | 6$50 | EM VEZ DE | 9$00 |
| SABÃO CLARIM | SÓ | 3$50 | EM VEZ DE | 3$90 |
| POMADA NUGGET | SÓ | 3$80 | EM VEZ DE | 5$00 |
| CHOCOLATE FAVORITA | SÓ | 8$70 | EM VEZ DE | 11$00 |

NOS NOSSOS SUPERMERCADOS O SEU ESCUDO VALE MUITO MAIS

# Artes plásticas

## A exposição de Amadeu de Sousa Cardoso

Encontra-se na Livraria Buchholz, à Rua Duque de Palmela, 4, a exposição comemorativa do grande pintor que foi Amadeu de Sousa Cardoso, com quadros que pertencem a diversas individualidades.

A exposição abrange obras das diversas fases do artista, neste ano em que se comemora o meio século da sua morte.

## M. Luz Lino expõe hoje no «Diário de Notícias»

É inaugurada esta tarde, na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, a exposição de M. da Luz Lino, artista que já ali expôs e que em diversas exposições colectivas tem marcado boa presença.

M. Luz Lino é uma desenhista de primeira plana, embora tenha entrado no mundo das artes plásticas há pouco tempo ainda.

A cerimónia inaugural efectua-se às 17 e 30 horas.

## Arnaldo Ferreira no Palácio Foz

Amanhã, no Palácio Foz, Arnaldo Ferreira apresenta a sua exposição de pintura, que está a ser aguardada com grande interesse.

A exposição segue-se àquela que Arnaldo Ferreira realizou há meses, no Palácio Galveias e que tamanho êxito teve. E' inaugurada às 18 horas.

## J. Dias Sanches na Sociedade Nacional de Belas Artes

O sr. Presidente da República inaugura, no próximo sábado, às 15 e 30 horas, a exposição do artista José Dias Sanches.

José Dias Sanches, antigo jornalista e diplomata, apresenta esta exposição em que tem trabalhado nos últimos meses na sua casa de Torroselo, nas faldas da Serra da Estrela.

A exposição ficará aberta durante alguns dias.

# COLUMBANO E MALHOA E OUTROS CONTEMPORÂNEOS VÃO NO SÁBADO A LEILÃO

Os leilões de obras de arte começam a estar na moda. Os leilões de obras de arte e os de livros, demonstrando assim que os valores do espírito começam a ser apreciados até no seu aspecto material.

E não apenas aquelas obras artísticas ou literárias sobre que rolaram os séculos e entraram na consagração publica. Referimo-nos há dias a um leilão de livros em que os modernos estiveram na berra. Agora são pinturas, desenhos, aguarelas de artistas do nosso tempo que no sábado próximo vão a leilão no Palácio Ficalho

E o catálogo que temos presente traz logo na capa uma linda pintura de Columbano. Inacabada talvez, nem por isso deixa a pequena figura de menina (0,24 por 0,19), sobre madeira, de ter a força, a graciosidade e o mistério que são a marca das obras do grande mestre. A obra de Columbano vem datada de 1895

A par de Columbano, um retrato de senhora, garrido, de Malhoa, paisagens de Carlos Reis, desenhos de Abel Salazar, de Malhoa, de Vieira Lusitano, Silva Porto, Tomaz da Anunciação, Artur Bual e tantos outros.

Nas aguarelas destaca-se uma de Alberto de Sousa sobre Evoramonte, outra de Ricardo Hogan, de Salvador, de José Leite, Alfredo de Morais, Bonvalot.

Nas pinturas antigas, há duas telas de batalhas atribuídas a Jacques Courtois notáveis. E desse mesmo século XVII, um quadro com Adão e Eva da escola de Jan Breughel.

Mas o conjunto vale sobretudo pelas obras dos pintores portugueses que vêm desde o último quartel do século passado a nossos dias. Francisco Metrass, Falcão Trigoso, Tulio Vitorino, José Campas, Severo Portela, Ezequiel Pereira, Jaime Murteira, Eduarda Lapa, Armando de Lucena, José Dias Sanches e outros ali se encontram bem representados.

O Hermínio de Mendonça irá bater o seu delicado martelinho de marfim quando chegarem àquela conta em que possa dizer: «arrematada».

**O quadro de Columbano que vai no sábado á tarde a leilão, é verdadeiramente representativo da maneira de trabalhar do grande artista**

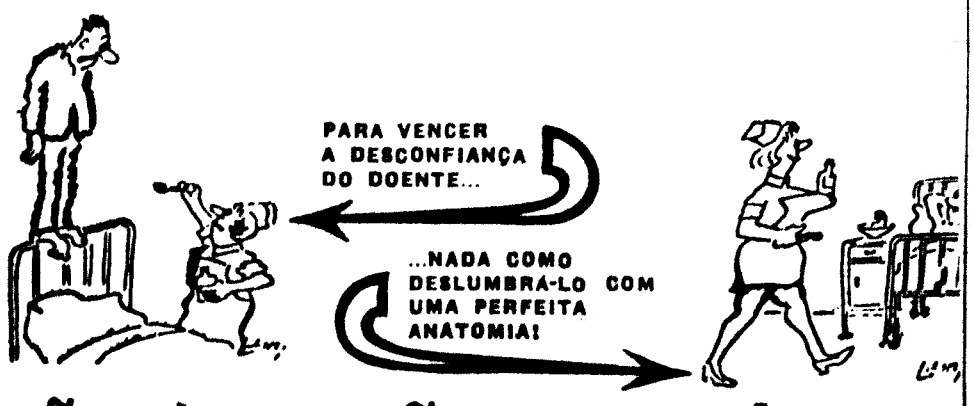
# ÓPERA EM S. CARLOS E NO COLISEU

A temporada de Ópera de 1969 do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue amanhã, pelas 21 e 15 horas, com a ópera de Massenet, «Werther», interpretada por um elenco de excepcionais cantores: Suzanne Sarroca, André Turp, Franz Petri, Álvaro Malta, Florence Raynal, Armando Guerreiro, Manuel Leitão e ainda Regina Barreto e António Camilo. Dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional o maestro Jean Fournet e a encenação é do regista Pierre Medecin. Os maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali ensaiaram o Coro do Teatro Nacional de S. Carlos. Cenários de Alfredo Furigo.

O espectáculo repete-se no domingo, pelas 16 e 30 horas, em tarde cultural e no dia 25, no Coliseu dos Recreios, pelas 21 e 15 horas, em récita popular.

Outras óperas serão apresentadas no Coliseu, ás 21 e 15 dos dias a seguir indicados: 12 de Março «Aida»; 18 de Março «Os Puritanos»; 25 de Março «Cavalleria Rusticana» e «Os Palhaços»; e 1 de Abril «Fedora».


AQUI SE REVELA A MAIS REVOLUCIONÁRIA «VACINA» CONTRA O MAU-HUMOR!




NÃO É FICÇÃO CIENTÍFICA!

É UMA ANTECIPAÇÃO NA ARTE DE FAZER RIR

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO PARK

DETÊM O MAIOR ÊXITO DE GARGALHADA DO MOMENTO

EM:

2.ª SEMANA

UMA ESPECIALIDADE RESERVADA PARA ADULTOS

FRANKIE HOWERD · SIDNEY JAMES · KENNETH WILLIAMS · CHARLES HAWTREY · JIM DALE
BARBARA WINDSOR · HATTIE JACQUES · JOAN SIMS · ANITA HARRIS · BERNARD BRESSLAW

CAPITÓLIO
Tel. 328379
HOJE, ás 21.45 horas
O grande êxito de Slawomir Mrozek
TANGO
M/ 17 anos
Sábado e Domingo — Tarde, ás 16 horas

O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS E A FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO
(F. N. A. T.)
iniciam a nova temporada de
ÓPERA PARA TRABALHADORES NO COLISEU DOS RECREIOS
com a apresentação da ópera:
WERTHER de J. Massenet

3.ª-feira, 25 de Fevereiro, com o seguinte elenco:
Suzanne Sarroca, Florence Raynal, André Turp, Alvaro Malta, Manuel Leitão e Armando Guerreiro.

Maestro director — Jean Fournet
Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional
Corpo Coral do Teatro Nacional de S. Carlos

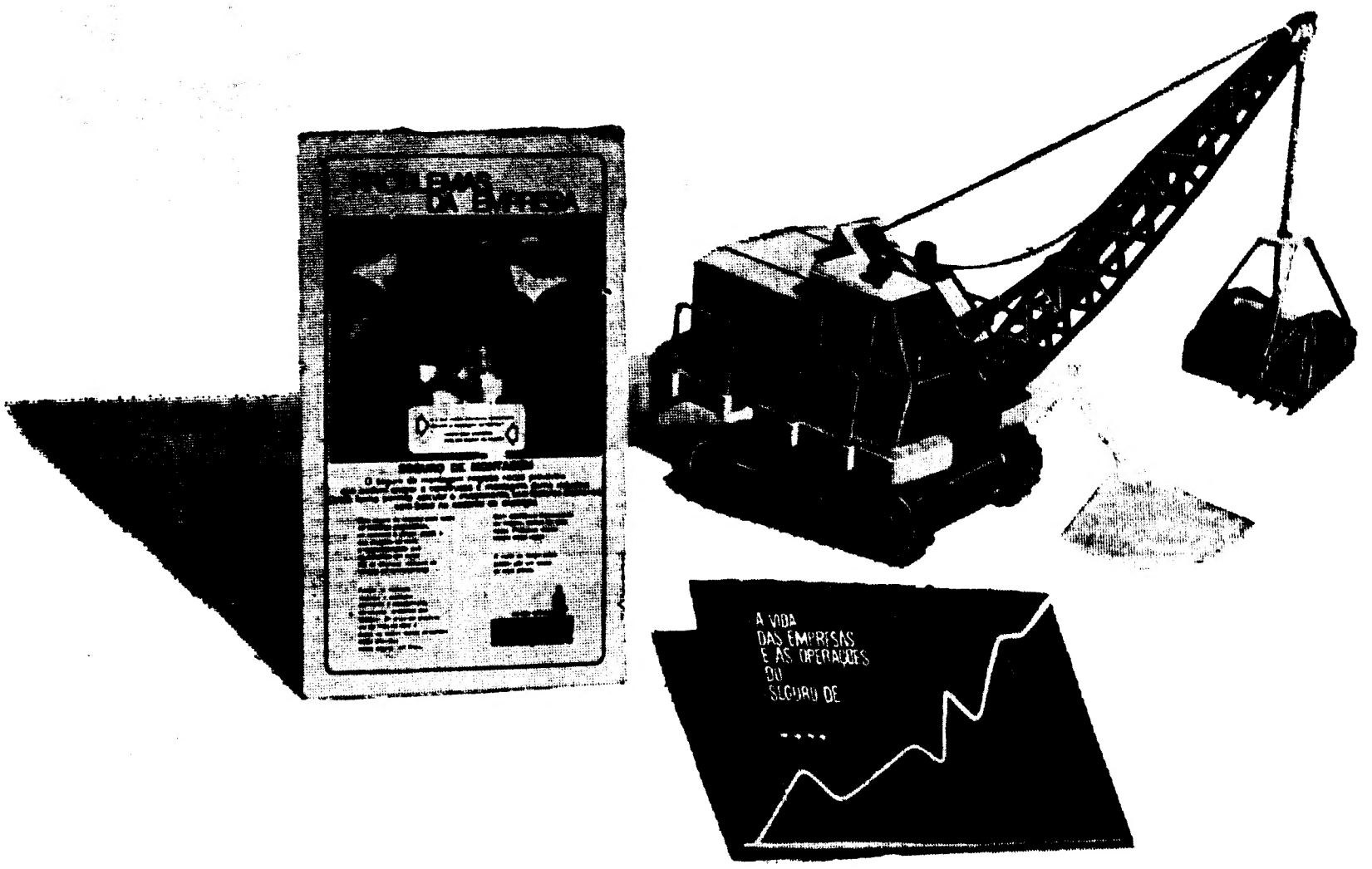
A série a apresentar compreende ainda as récitas:

Março
Dia 12 — «Aida», de G. Verdi
» 18 — «Os Puritanos», de Vicenzo Bellini
» 25 — «Cavaleria Rusticana», de P. Mascagni e «Os Palhaços», de R. Leoncavallo

Abril
Dia 1 — «Fédora», de Umberto Giordano

Os bilhetes, a preços reduzidos, encontram-se á venda a partir de 5.ª-feira anterior a cada espectáculo, na Sede do F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, onde poderão ser adquiridos pelos beneficiários deste Organismo e pelos sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos C. R. P.
M/ 12 anos

TIVOLI
AMANHÃ E DEPOIS
ÀS 18.30 H. E 21.45 H.
DOIS ÚNICOS CONCERTOS
PELO PIANISTA MAIS GENIAL DESTE SÉCULO
O ARTISTA SOVIETICO
SVIATOSLAV RICHTER
BILHETES A VENDA
Maiores de 6 anos




# Eis por que a Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing

Há 10 anos, havia mûitas empresas que julgavam completamente resolvido o seu problema de seguros. Deixámos então de lhes falar em seguros. Passámos a falar-lhes em segurança. Passámos a falar-lhes nos problemas duma época em que o futuro das empresas é determinado pela capacidade de previsão, de planeamento a médio e longo prazo, de adaptação a todas as conjunturas. E surgiram muitos outros seguros: MÁQUINAS, MONTAGENS, PERDAS INDIRECTAS DE EXPLORAÇÃO, COMPLEMENTAR DE ACIDENTES DE TRABALHO, GRUPOS, PENSÕES DE REFORMA, RESPONSABILIDADE CIVIL DA EMPRESA... são apenas alguns dos exemplos!

Nós e os nossos clientes chegámos bem depressa à conclusão de que o mais importante é uma estreita colaboração entre a empresa e o seu segurador.

**As empresas que se projectam para o futuro inspiram-se hoje numa filosofia de mercado (marketing) em que as necessidades do cliente orientam toda a sua acção.**
**A IMPÉRIO é uma dessas empresas.**

Estamos também sempre à disposição de outras empresas para estudarmos os seus problemas de segurança.

Cada novo contacto não tem necessàriamente de se transformar num novo cliente. Mas contribui, dia a dia, para nos actualizarmos em relação a novas necessidades. Por isso somos hoje uma Companhia de Marketing.

AO SEU SERVIÇO!
IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

# Onde só entram mulheres...

(Continuação da 4.ª página)

*É quase um pecado mortal. As despedidas têm de ser feitas a um quilómetro de distância...*

Do lado, uma jovem que não identificámos:

— *É proibido o estacionamento dos carros dos namorados!*

E outra:

— *Eu acho que é muito pior sair dum carro longe da porta do que junto á porta. Assim, parece uma rapariga que entra ou sai dum carro qualquer! É muito pior.*

— E quanto a passarem as noites fora do Lar? Não podem?

Respondeu a Maria de Lourdes:

— *Não. É uma complicação. Mais vale não ir!*

A presidente diocesana da Obra de Protecção ás Raparigas, sr.ª D. Manuela Morais Araújo, dissera-nos que, em casos muito especiais, quando a jovem já estivesse oficialmente noiva e os pais autorizassem, o noivo poderia ir ao Lar visitá-la ou acompanhá-la. Parece não ser muito vulgar esse facto.

A jovem universitária Maria José Gameiro afirmou-nos:

— *Eu acho que os rapazes poderiam entrar cá dentro. Isso não afectava nada. Ficar aqui a permanecer, não, até porque a casa não tem condições. Mas cada um tem o seu ponto de vista...*

Dos benefícios e possíveis inconvenientes dos Lares, ajuizará o leitor. Poderíamos descrever-lhes em pormenor os quartos, os corredores, as salas de estar de mais um dos locais onde só entram mulheres. Cada Lar, porém, é diverso do outro, com objectivos idênticos, mas regulamentos próprios a rever, talvez, em face da sociedade moderna, das concepções actuais de vida e da exigência de formação diferente da rapariga.

ANTÓNIA DE SOUSA

## JOGOS FLORAIS DA SOCIEDADE ALHOSVEDRENSE

ALHOS VEDROS, 20 — Ao comemorar o 1.º centenário da sua fundação a Sociedade Filarmónica R. U. Alhosvedrense promove os seus segundos Jogos Florais, admitindo produções, poesia lírica soneto, conto e quadra alusiva ao 1.º centenário da S. F. R. U. A.

Haverá prémios para todas as modalidades, e os trabalhos deverão ser entregues ou enviados até 31 de Julho de 1969.

Outras informações podem ser pedidas á Comissão do Centenário — Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense — II Jogos Florais — Praça da Republica, 4, Alhos Vedros.

**Maria Del Carman Vasquez Andrade, «Maja de Espanha-1967», momentos antes de iniciar a sua viagem até Nova York, quando foi convidada como «Rainha», para as «Fiestas de la Hispanidad»**

## «MAJA DE PORTUGAL»

Até ao final do mês corrente, as raparigas portuguesas podem candidatar-se ao título de «Maja de Portugal»: um prémio á fotogénia que vale, no mínimo, uma magnífica viagem a Saragoça, nas asas da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha).

Para concorrer basta que as candidatas tenham mais de 18 anos de idade, ostentem um rosto gracioso e linhas harmónicas. «Maja de Portugal» é, acima de tudo, uma homenagem ao genial pintor Goya que imortalizou, em telas deslumbrantes, a mulher da sua época. Quase duas dezenas de países estarão, este ano, presentes na eleição da «Maja Internacional»: e, entre eles, graças ao «Diário de Lisboa», uma jovem alegre e esbelta que pode, em absoluto, representar em 1969 o ideal consagrado pelo mestre de Fuendetodos.

Muitas dezenas de candidatas tem acorrido á nossa chamada: por motivos óbvios, nem todas podem ser consideradas em condições para eleição. Mas, para que o júri prévio analise detalhadamente todas as candidaturas, é absolutamente necessário que elas nos sejam remetidas com fotos esclarecedoras da fotogénia da concorrente: imagens de rosto e de corpo inteiro. Depois, é apenas questão de sonhar um pouco: e esperar.

## PROCURADORIA DOS ESTUDANTES ULTRAMARINOS

No prosseguimento das comemorações do seu quinto aniversário o Círculo de Cinema da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos promove hoje, ás 21 e 30, uma sessão de cinema dedicada ao documentário ultramarino, que decorrerá no Colégio do Sagrado Coração de Maria, na Avenida Manuel da Maia, 2

As comemorações continuam no sábado e no domingo, destacando-se um concerto com a Orquestra Sinfónica de Viena e, no encerramento, uma sessão com o filme «O Deserto Vermelho», seguida de um almoço de confraternização.

## Vem a Lisboa a esquadra francesa do Atlântico

Chega a Lisboa na segunda-feira a esquadra francesa do Atlantico, comandada pelo vice-almirante Lainé, que permanecerá no Tejo até sexta-feira.

A esquadra, que se compõe de dez unidades, tem um efectivo total que ascende a cerca de quatro mil homns.

## Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Moçambique o soldado n.º 06564466, Francisco Sousa Rodrigues, e na província da Guiné o soldado n.º 07898486, Jaime Antunes de Almeida, natural de Lisboa e filho do sr. José Maria Almeida de Machado e da sr.ª D. Rosa da Conceição Antunes de Machado.

# Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 20 — (A. N. I.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 9 a 16 de Fevereiro, que é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou a vila de Bula e os aquartelamentos de Biambe, Buba, Bedanla, Guilege, Cameconde e Nhala; atacou elementos da população que transportavam arroz na região de Cubedu; implantou engenhos explosivos na estrada de Nova Lamego-Cabuca; e armou emboscadas ás nossas forças em Madina, Mandinga, região de Capafa Rio, a sudoeste de Bissalão, na região de Teixeira Pinto e na estrada de Cacoca-Debia.

«Na noite de 9 de Fevereiro o inimigo, partindo da Republica do Senegal, atacou de surpresa a Tabanca de Cambanju, armada em autodefesa, tendo chegado a penetrar mesmo. As nossas tropas em acção conjunta com as forças da milícia e a população em autodefesa reagiram ao ataque perseguindo o inimigo até á fronteira. As forças militares e as milícias não sofreram baixas nesta acção e a população civil da Tabanca sofreu cinco mortos. O inimigo sofreu quarenta mortos além da apreensão de munições.

«Em resultado de outras acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu em Madina-Madinga (Mansabá) um morto, na região de Teixeira Pinto e um morto e a apreensão de armamento e munições, na região de Cubedu um morto, e na região de Cacola-Debia a apreensão de munições.

«Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição. Nas matas foi destruído um celeiro e apreendidos óleos de palma e sal.

«Durante o período o inimigo sofreu 43 mortos. As nossas forças sofreram quatro mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação.»

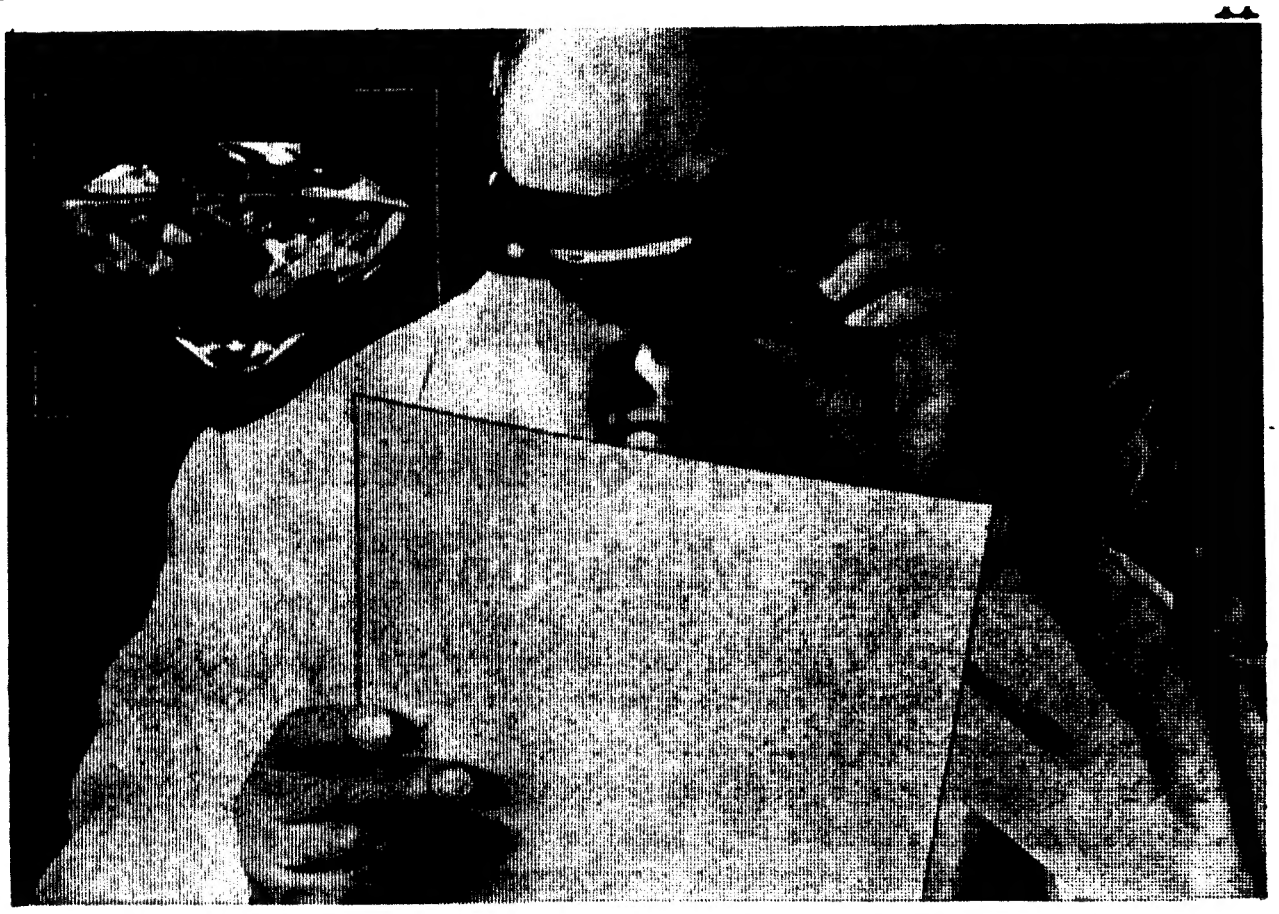
P. N. A. M.

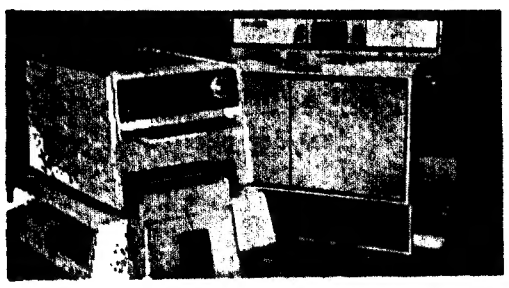
## Maria Adelina Bello e Carneiro de Sousa Tavares

**Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja**

**PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA**

Francisco José de Sousa Tavares, Maria Madalena Carneiro de Sousa Tavares, Maria Teresa Carneiro de Sousa Tavares, António José Carneiro de Sousa Tavares e sua mulher, Francisco José de Sousa Tavares, sua mulher e filhos, Maria da Piedade Tavares de Mello Bandeira e seu marido, Maria da Conceição de Mello Tavares Rodrigues Leal, Maria de Lourdes de Mello Tavares, Gabriela Direnger de Mello Tavares (ausentes), e mais família, participam que foi Deus servido chamar á sua Divina Presença, no passado dia 14 do corrente, a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, cunhada e parente, e que amanhã, dia 21, ás 12.15 horas, na Basílica da Estrela, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.



Qualquer copiador/duplicador RX...

...movimenta automàticamente uma assistência completa ...

...e não imobiliza o seu capital!

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?...

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento ao seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Ponhos de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox.® Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução da burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de serviço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox.

No panorama da cópia e duplicação, a Xerocópia também representa tempo: o que se poupa com a operação num copiador/duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um copiador vulgar — porque um copiador/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerocópia e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para: 53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

RANK XEROX

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

# GANHE UM AUTOMÓVEL

# Gillette® SUPER SILVER

## dá um "Vauxhall Viva" cada quinzena!

**Veja como é fácil ganhar um magnífico automóvel Vauxhall Viva. Cada quinzena a Gillette Super Silver sorteará um automóvel.**

**É TÃO FÁCIL CONCORRER!**

**Para concorrer a cada concurso, basta colar num postal a parte da frente de um pacote de 3 ou mais lâminas Gillette Super Silver, escrever o seu nome e morada e enviar para a Gillette Portuguesa, Apartado 1383. Pode concorrer com qualquer número de postais. Envie o seu postal até ao dia 28 de Fevereiro para o primeiro sorteio, que terá lugar no dia 7 de Março. Só poderá concorrer aos sorteios seguintes mediante o envio de novos postais.**

**Os resultados serão publicados no Diário de Notícias, Diário de Lisboa, Diário Popular, Século, Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias no dia imediato aos sorteios.**

**Concorra já! É tão fácil!**

**E não esqueça – há um novo sorteio em cada quinzena.**

GILLETTE PORTUGUESA
APARTADO 1383
LISBOA-1

GILLETTE É UMA MARCA REGISTADA

# Necrologia

## FALECIMENTOS

### D. Maria Luisa de Gouveia Miranda Sá

Faleceu a sr.ª D Maria Luisa de Gouveia Miranda Sá, de 42 anos, natural de Mormente da Beira, professora primária, casada com o sr Vitor Ferreira Gomes Sá, gerente comercial, mãe dos meninos João Vitor e José Miguel de Gouveia Miranda Sá, filha da sr.ª D. Maria Augusta Cardoso Gouveia, professora primária aposentada, irmã das sr.as D. Maria Aurora Gouveia Miranda Xavier, casada com o sr. António dos Santos Xavier, D Olinda de Gouveia Miranda Gouveia, casada com o sr eng.º António Nunes Fernandes Gouveia, e D. Maria Fausta de Gouveia Miranda Amaral, casada com o sr. eng.º Granado Monteiro Amaral.

O funeral, a cargo da Casa A G Magno Ld.ª da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. João de Brito, para o cemitério do Lumiar Ás 10 e 30, será celebrada missa de corpo presente

## FUNERAIS

### Joaquim Maria Feijóo

Efectuou-se esta tarde, com grande acompanhamento, da Avenida Duque de Loulé, 95, 4.º, direito, residência do extinto, para jazigo no cemitério do Lumiar, o funeral do sr Joaquim Maria Feijóo, de 77 anos, viuvo, natural de S. João Baptista, ilha Brava (Cabo Verde), que exerceu ali as funções de presidente da Camara de S. Vicente, e de presidente da Acção Comercial, Industrial e Agricola de Barlavento. Foi também vogal do Conselho Superior Técnico das Alfandegas do Ultramar. Era pai das sr.as D. Celeste Feijóo Pereira, D. Sara de Oliveira Feijóo Harrios, casada com o sr. Vivian John Harries, D. Lucilia de Oliveira Feijóo Gomes, casada com o sr. Joseph Gomes, e dos srs. eng.º Tito Livio Maria Feijóo, deputado da Nação, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Barbosa Duarte da Silva Feijóo e do dr. Aristides Maria Feijóo, adjunto da Direcção da Hidroeléctrica do Alto Catumbela, casado com a sr.ª D. Maria Luisa Sampaio Feijóo.

### António Joaquim de Azevedo Machado

Foi esta manhã a enterrar, seguindo o funeral da sua residência, na Avenida 24 de Julho, 84, 2.º, esquerdo, para o cemitério da Ajuda, o sr. António Joaquim de Azevedo Machado, de 80 anos, natural de Guimarães, irmão de D Beatriz de Freitas Machado e D. Maria Matilde Machado, já falecidas, e dos srs Manuel Azevedo Machado, proprietário, Joaquim Freitas Machado, oficial do Exército e Eduardo Azevedo Machado, jornalista já falecido. O extinto foi proprietário e director, durante largos anos, do jornal «O Comércio de Guimarães» Exercia actualmente funções no Instituto Português de Conservas de Peixe Deixa viuva a sr.ª D Amália de Azevedo Machado e era pai dos srs Eduardo de Azevedo Machado e António de Azevedo Machado

## SUFRÁGIOS

### Esther de Castro Fernandes

Na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, dos Salesianos, aos Prazeres, foi hoje celebrada missa de setimo dia sufragando a sr.ª D Esther de Castro Fernandes esposa do sr. dr. Castro Fernandes, administrador do Banco Nacional Ultramarino e antigo ministro, mãe da sr.ª D. Maria do Rosário de Castro Fernandes Farmhouse, avó das meninas Maria Margarida e Maria Leonor, e cunhada do sr. capitão Alvaro de Castro Fernandes O funeral efectuou-se no dia seguinte, daquele templo para o cemitério dos Prazeres e, embora o falecimento não tivesse sido anunciado incorporaram-se no préstito centenas de pessoas entre as quais, os srs coronel Gaspar do Amaral, representando o Chefe do Estado; presidente do Conselho, prof Marcello Caetano; vice-presidente em exercício da Assembleia Nacional, dr. José Soares da Fonseca; o procurador-geral da Republica, dr Furtado dos Santos; o ministro do Interior, dr Gonçalves Rapazote; dr António José Paisana, que também representava o ministro da Educação Nacional, e os subsecretários de Estado da Administração Escolar e da Juventude e Desportos; ministro das Comunicações, eng.º Canto Moniz; ministro das Corporações prof. Gonçalves de Proença; dr. Alves Machado, secretário de Estado do Comércio, em representação também do ministro da Economia; secretário de Estado da Informação, dr Moreira Baptista; dr. Amaral Marques, em representação do ministro da Saude

Além de outras altas individualidades estiveram, ainda, presentes o comandante Guilherme Tomás e as filhas do Chefe do Estado, D. Maria Madalena Thomaz Figueiredo e D Natália Thomaz.

# Conselho de Ministros

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano, reuniu-se esta tarde, no Palácio de São Bento, o Conselho de Ministros.

# O vento e o mar amainaram na zona da Cova do Vapor

Na fatídica zona da Cova do Vapor não se repetiram hoje, felizmente, as destruições provocadas pelo mar que galgou a muralha de pedra. Afortunadamente, e ao contrário do que se previa, a maré viva da madrugada de hoje não teve a intensidade receada quer quanto ao vento como relativamente á altura das vagas. O vento e o mar amainaram e a tendência é para melhoria

Mas ontem, por volta das 5 horas, as ondas, atingindo cerca de cinco metros de altura, destruiram parte de duas casas de madeira, numa das quais funciona, no Verão, um restaurante e puseram em perigo as restantes casas situadas naquela zona. A situação foi agravada pelo vento impetuoso, soprando de sudoeste.

Num repente, o mar galgou a muralha de pedra ali existente — e que, segundo nos informaram, há já um mês que estava a ser devorada, a pouco e pouco, pela furia do mar — derrubando a casa pertencente ao sr. Reinaldo Lopes Lima conhecido industrial, casado, residente em Queluz, que perdeu, práticamente, todos os haveres ali guardados.

O sr Reinaldo Lima há 12 anos que tem ali aquela casita construida com grande sacrifício seu e dos familiares. Ao longo destes anos já tivera outros aborrecimentos, mas nenhum com a gravidade e os prejuizos verificados desta feita. Segundo nos disse, os prejuizos devem ser totais, como se sabe, não estão cobertos pelo seguro, pois as companhias respectivas não tomam responsabilidade com casas de madeira construídas á beira da praia. Segundo nos informou, ainda, é sua opinião de que o acidente de ontem teria menos gravidade se há cerca de um mês, quando a muralha de pedra começou a abater, devido á força do mar, a tivessem reforçado. Mas, aos pedidos dos moradores, foi respondido que o espigão, que está a ser construído perto daquele local, chegava...

Ontem, durante o dia, uma brigada de operários esteve ali a lançar pedregulhos e a reforçar assim a protecção das casas Hoje continuou nesse trabalho

### Destruído novamente o restaurante «Beira-Mar»

Entretanto os maiores prejuizos causados pelo mar revolto devem ter-se verificado na casa do sr. José António, de 58 anos, casado, guarda da mata da Fábrica de Explosivos da Trafaria, na qual, durante o Verão funciona o restaurante «Beira-Mar». A força do mar destruiu, por completo, a parte fronteira da casa arrastando um frigorífico, mesas e bancos, além de outro mobiliário. Os prejuizos elevam-se a cerca de 50 contos Ja há três anos, também na madrugada de quarta-feira de Cinzas, este estabelecimento fora destruído pelo mar em furia.

# Encalhou e safou-se pelos próprios meios um barco da carreira do Seixal

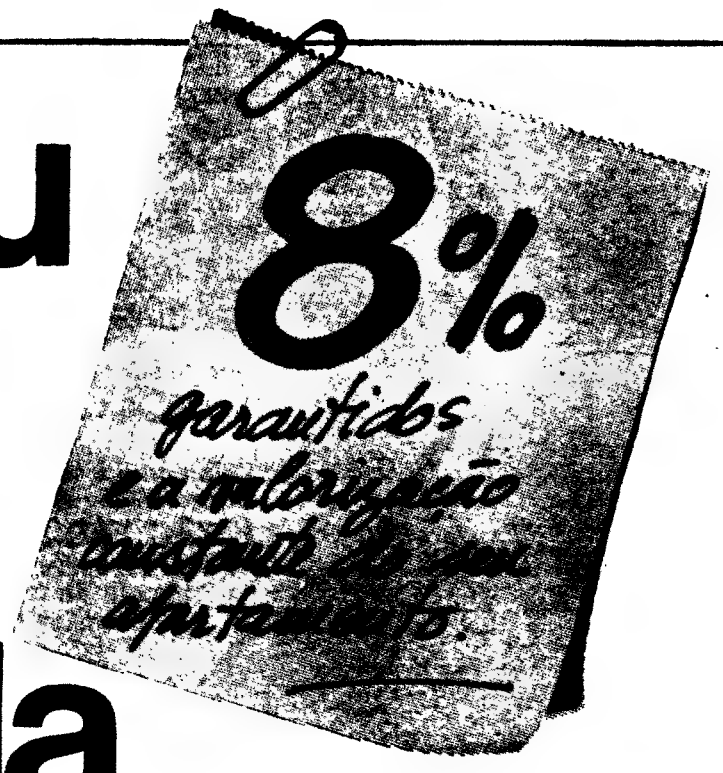
«Dardo», o barco da carreira Lisboa-Seixal, pertencente á Sociedade Marítima de Transportes, encalhou ontem, pelas 20 e 15, quando se encontrava a cerca de 50 metros do batelão-cais, no Seixal. Entre as causas do sucedido encontram-se a corrente fortíssima de água e o vento rijo que soprava, depois de uma manobra de atracagem falhada

O «Dardo» levava 103 passageiros, depois transportados para o batelão em baleeiras dos barcos bacalhoeiros que no local se encontram fundeados. Apesar das condições difíceis em que o transbordo se efectuou, não há qualquer desastre pessoal a lamentar

O barco safou-se pelos seus próprios meios ás 4 horas da manhã de hoje e aguarda vistoria para, em seguida, regressar á actividade.

Não será demais chamar ainda uma vez a atenção para as condições deficientes em que se efectua a acostagem dos barcos da carreira. A' má sinalização do local, acrescente-se o grande açoreamento que ali se verifica. Se estes dois problemas não forem resolvidos com urgência, novos desastres de maior gravidade são de esperar e de temer.


o seu capital pode ser ainda mais rentável




Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA
Informações:
Lisboa—Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve—Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

# A facturação em 1968 do Grupo Interpublic

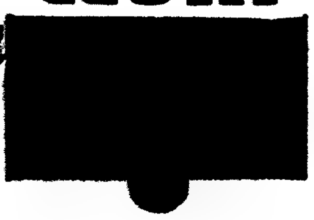
Por ocasião de uma conferência de Imprensa, o sr. Robert Healy, presidente do Grupo Interpublic, transmitiu indicações segundo as quais, em 1968, os resultados obtidos pelo Grupo demonstraram total mudança na situação financeira, a qual, como se recorda, apresentara dificuldades em 1967.

A facturação total do Grupo atingiu, em 1968, cerca de setecentos milhões de dólares, permitindo, pela primeira vez em três anos, a formação de um lucro substancial.

Sete mil e quinhentos é agora o número total de empregados nos cinco continentes.

Em Portugal, o Grupo Interpublic é representado pela agência McCANN-ERICKSON, que, no decurso de 1968, consolidou a sua posição junto à sua clientela, adquirindo, também, novos clientes de reputação e importância.


item



Produtos Item
À venda em toda a parte

PEÇA FOLHETOS



um ambiente mais quente com THERMOVENT!

A gama de aparelhos Thermovent oferece-lhe sempre a solução adequada, seja qual for o seu problema de aquecimento eléctrico. A alta qualidade dos convectores, irradiadores e infra-vermelhos Thermovent, alia-se a uma versatilidade de aplicações que proporcionam no lar, no escritório ou na oficina, um ambiente mais quente com THERMOVENT.

EKCO THERMOVENT

Peça catálogos no seu fornecedor.

Distrib. Gerais: Monteiros & [illegible], Lda.
Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º-Esq. — Lisboa
Distrib. no Norte do País: J. J. Gonçalves — Soc. Comercio e Industria SARL. R. de Fraiões, 1273/81 — Porto

À venda nas boas casas da especialidade

BEDFORD KB

PESOS BRUTOS - 3500 - 4370 - 5200 kg
NOVO ACABAMENTO INTERIOR DA CABINA
AQUECIMENTO INSTALADO

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 58111
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 662755 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS


## O FUTURO DA V REPÚBLICA

# 1—GAULLISTAS INQUIETOS

**O GENERAL DE GAULLE tem setenta e oito anos. No fim do ano que vem, será o mais velho governante francês de todos os tempos, com excepção unicamente do antigo chefe do general, o marechal Pétain. Por mais que se recue na História da França, não encontramos nenhum rei nem imperador que tenha reinado com idade superior a 77 anos e apenas um dos dezassete presidentes das Repúblicas anteriores se manteve no cargo até aos 80 anos (1). Doravante, De Gaulle é o decão dos chefes de Estado actualmente em exercício nas grandes nações do Mundo (2).**

O general de Gaulle, o francês que depois de Pétain mais tempo se manteve no Poder

**É certo que a idade, sobretudo nos dias de hoje, não tem nada para o caso: exemplos recentes e ilustres, na Inglaterra, Alemanha e Portugal, sobretudo, bem o demonstraram. De resto, o general não é um presidente como os outros. Nenhum regime francês pode vàlidamente comparar-se com o que ele criou e vem dirigindo há perto de onze anos. É neste sentido que ele se baseia para dizer (como gosta) que não tem predecessor nem pode vir a ter verdadeiramente um sucessor.**

É verdade que o seu reino é, a mais do que um título, singular: detendo embora o poder em resultado de o processo eleitoral e mais democrático possível, exerce uma autoridade solidária e absoluta, mas não abusa dessa autoridade. O seu domínio sobre um dos povos mais instáveis que há, numa época tão movimentada como a nossa, é fruto de uma fascinação. A sua visão histórica e política original e pessoal pode criar-lhe admiradores e imitadores, mas émulos, não; e, do mesmo modo, terá fiéis, companheiros, uma corte, mas herdeiros de verdade, não. Cada palavra sua é um acto político, as suas palavras são a própria acção, de tal modo que o seu poder, é, como frequentemente se diz, de ordem carismática. Contudo, todas estas singularidades contribuem em muito para tornar pesada a herança e complicar o futuro.

O problema da sucessão pôs-se já desde os primeiros passos do regime de 1958. *«Nem a Constituição* — predizia no mês de Dezembro desse ano, um antigo presidente do Conselho da IV República — *nem o sistema que dela resulta vão durar mais de seis meses.»* Estava enganado, mas nas circunstancias do apelo a de Gaulle em Maio de 1958, o clima de concessões recíprocas e de segundas intenções que regia as relações dos gaullistas e dos caciques da véspera, e, sobretudo, o peso da questão argelina, tão carregada de ameaças, desordens e incertezas, conferiam ao novo poder um carácter de fragilidade. A sua resistência, no decorrer dos anos seguintes, era constantemente posta em evidência pelo malogro dos «complots» e das revoltas.

### A GESTA DO REINADO

*Mal se chegou a uma solução, em 1962, logo se procedeu a uma revisão constitucional, que veio a modificar, não dois artigos da lei fundamental, mas toda a natureza do regime. Durante três anos, os cálculos sobre a candidatura do general reforçam ainda mais o sentimento de expectativa e de transição. Ambas cessam no decorrer dos dois anos que se seguem à reeleição de 1965, e, apesar do segundo escrutínio, a V República parece estabilizar-se finalmente. Mas as eleições legislativas de Março de 1967 parece voltar a pôr tudo em causa para depois as agitações de Maio-Junho de 1968, aos gritos de «Dez anos, já chega!», virem a abalar fortemente o edifício.*

Hoje, se bem que faltem ainda quatro anos para chegar ao termo do mandato e se bem que o general tenha dado a saber que tinha «o dever e a intenção» de cumprir os sete anos de mandato, a verdade é que prevalece, com razão ou sem ela, a impressão de que o reinado está no fim. Diga-se que esta impressão reina nos meios gaullistas e talvez mais ainda nestas fileiras que nas da oposição.

*Depois de mim o nada ou o caos*, era o que de Gaulle parecia querer dizer, há já cerca de sete anos, quando, respondendo, no dia 15 de Maio de 1962, a uma pergunta, que aliás lhe não tinha sido feita, anunciava numa conferência de Imprensa: *«O que há que temer* (após o meu desaparecimento) *não é o vazio político, mas sim a saturação política.»* No entanto, durante muito tempo se pensara que, na devida altura, um «homem qualquer», menos prestigioso talvez, mas menos longínquo, receberia uma espécie de investidura moral e eleitoral. Cada qual indicava mesmo o seu «delfim». Supunha-se que o general se preocupava muito com a sucessão, quer porque pensasse em fundar uma dinastia republicana em que cada presidente admitisse um sucessor a benefício da ratificação popular, que, mais simplesmente, porque quisesse escolher, por algum tempo, um guardião para a sua estátua.

O marechal Pétain, o francês que mais tempo permaneceu no Governo

Alguns gaullistas, e não dos de menos importancia, crêem hoje que o general nutre uma perfeita indiferença pela questão de saber quem virá depois dele. A seu ver, será, no melhor dos casos um incompetente e no pior dos casos, um intendente infiel. Que os pretendentes se dêem a conhecer que se afirmem, que se imponham e que ganhe o menos mau, que importa! Será uma simples peripécia, que não irá figurar na gesta do reinado. Depois de Luís XIV, nada. A estátua do gigante deve abater-se do cimo de toda a sua altura com um ribombar de trovão, erguendo uma imensa nuvem de poeira que lentamente irá caindo sobre a História e sobre a França. Este estado de espírito, contudo, se é na verdade o de momento, pode mudar, amanhã, com as circunstancias. O que não aconteceria pela primeira vez.

### O TRAPÉZIO VOADOR

*De qualquer maneira, parece bem improvável que o general possa pensar (ressalvado o caso de força maior) em vir, num belo dia, a retirar-se, na ponta dos pés, deixando sobre a mesa todos os «dossiers» abertos. Só poderia pensar em tal no dia seguinte ao de um êxito estrondoso para partir «em glória» como se diz.*

Mas que êxito poderia igualar a vitória eleitoral de Junho de 1968? Nunca um grupo tão numeroso de deputados eleitos sob a mesma etiqueta tinha entrado ainda numa Assembleia francesa e com certeza nunca mais voltaremos a ver uma tal maioria saída de eleições livres. Se de Gaulle não aproveitou esta oportunidade, nenhum outro triunfo lhe parecerá bastante. A tarefa nunca está terminada: há sempre uma crise a debelar, uma reforma a pôr de pé uma promessa a cumprir, um papel a desempenhar. *«Que será de vocês sem mim?* — dizia Estaline aos membros do Politburo. — *Seriam autênticos gatinhos cegos».*

Contudo, nos círculos dirigentes do gaullismo e do regime, cada vez se ouve mais frequentemente exprimir o desejo de que o general pense em retirar-se, visto que o próximo referendo lhe trará, sem dúvida uma vitória. Uma das personalidades mais em destaque do regime, falando recentemente perante um auditório estrangeiro (é certo que falava *off the record*), explicava muito singelamente: durante muito tempo admirámos a destreza e a agilidade de uma grande personagem que fazia exercícios de trapézio voador com rede; nestes últimos anos, continuava no trapézio voador mas já sem rede; hoje, entrega-se a acrobacias perigosas sem rede — e sem trapézio; por isso, necessàriamente, concluía o orador, nos sentimos inquietos. Esta descrição irreverente traduz bem a impaciência e o desencanto destes homens de cinquenta a sessenta anos, que, por um lado, esperam ter ainda um futuro, e, por outro lado, sabem que lhes caberá assumir, de qualquer maneira, a responsabilidade e tal-

(Continua na 16.ª página)

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

# ECOS

**UMA recente edição com o título «Esta é a Itália», prefaciada por Angelo Salllsoni, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e vertida para o nosso idioma por iniciativa, ao que supomos, dos serviços do Turismo Italiano em Portugal, contém valiosos esclarecimentos sobre a estrutura económica e a agricultura da pátria de Dante e de Garibaldi.** Diz-nos, por exemplo, acerca da reforma agrária, que principiou em 1944, mas só começou a ter aplicação em 1950, que ela *se refere* à expropriação de latifúndios (propriedades rurais geralmente com uma superfície superior a 300 hectares e a maior parte delas sem cultivação conveniente) e à formação de pequenas propriedades entregues a cultivadores directos, depois de cuidadosamente transformadas. Tal reforma teve portanto duas finalidades, económica e social: o aumento do rendimento agrícola e a diminuição do pessoal saltuário. Traduziu-se o seu efeito num aumento igual a mais de quatro vezes e meia o valor da produção.

★

**NO XXII Congresso do Partido Comunista Italiano, a expressão «reprovações», tão insistentemente pronunciada aquando da invasão de Praga pelas tropas de ocupação soviético-polaco-húngaro-germânicas do Pacto de Varsóvia, foi substituída pelo termo «desacordos», em volta do qual as delegações dos partidos estrangeiros reafirmaram as suas posições respectivas, sem pronunciarem sequer o nome de Praga.** A liberdade do debate e a democracia interna do P. C. Italiano tornaram-se patentes segundo a Imprensa italiana e estrangeira. Quanto aos grupos da extrema-esquerda, ou contestatários, estudantis ou operários, o P. C. Italiano decidiu que não lhe cabe ir ao seu encontro, mas aguardar que eles tenham o bom-senso de se lhe juntarem.

★

**HÁ factos incríveis.** Ou talvez nem o sejam. Tudo depende do local e da mentalidade local. Estamos pensando na sorrisonha e anafada sr.ª Mary Marshall, cujo grande sonho, que conseguiu realizar, consistia em ser solenemente coroada «Mrs. Mundo» pela autêntica e actual «Miss» Mundo. A cena fabulosa decorreu num programa hebdomadário preenchido pelos próprios telespectadores da TV norte-americana. Se as drogas psicadélicas são o meio de expressão de alguns jovens, não resta dúvida que o divismo obceca não poucos representantes das classes médias de idades maduras. Na pátria dos mitos relacionados com o cinema e com o concurso de beleza, a percepção estética autêntica degrada-se e com ela se degradam o instinto e o amor. Até por isso, nesse país imenso que é simultâneamente o da aventura e o da rotina, o da mistificação e o da desmistificação, ganha sentido esta frase de Sidney Cohen: «Duas atitudes extremas poderiam obstar ao progresso e à exploração: a recusa em crer que novos conceitos possam um dia suplantar as idéias herdadas; e um excesso de precipitação em aceitar as novas hipóteses antes de serem verificadas.»

# TELEVISÃO E DESCOBRIMENTOS NA AGENDA DE FRANK BORMAN

**Gravação na R. T. P., visita à Sociedade de Geografia, palestra no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, almoço no Castelo de S. Jorge, passagem pela Torre de Belém e monumento dos Descobrimentos: este foi o segundo dia, com certeza o mais agitante, da estadia de Frank Borman em Lisboa. Mas o sorriso do astronauta permaneceu inalterável.**

Eram 9 da manhã quando o comandante do voo «Apolo 8» chegou aos estúdios do Lumiar. Aguardavam-no o realizador Baptista Rosa produtor da rubrica «Horizonte», e treze individualidades conhecidas dos telespectadores ou dos leitores de jornais: drs. João de Freitas Branco e Ramiro da Fonseca, eng.º Sousa Veloso, rev. Vieira Pires, Maria João Aguiar, Maria Aurora, Maria de Lurdes Modesto, João Coito, António Lopes Ribeiro, Artur Agostinho, Jorge Alves, Joaquim Filipe Nogueira e o lançador de peso José Galvão, operador da R. T. P.

A ideia de Baptista Rosa era fazer uma mesa-redonda sem qualquer cerimónia, para apresentar, hoje mesmo, em programa especial (22 e 30). Quem é Borman? Por que se interessa? Detesta o quê? Faltam poucas horas para sabermos.

Às 10 e 30 em ponto, conforme o plano da estadia, astronauta e comitiva davam entrada na Sociedade de Geografia. Estavam a recebê-los os dois vice-presidentes, conselheiro Trigo de Negreiros e almirante Marques Esparteiro, secretário perpétuo, prof. António de Almeida, secretário-geral, coronel António José Carta, e os directores eng.º Carlos Abecasis, dr. Moreira Rato, coronel Silvino Silvério Marques, comandante João de Figueiredo e prof. Armando Cortesão. Presentes, como convidados, os reitores das Universidades Clássica e Técnica de Lisboa e o almirante Sarmento Rodrigues.

### Futuro sócio honorário

Durante os cinquenta minutos que Frank Borman passou na Sociedade de Geografia houve tempo para visitar a secção de Cartografia, trocar palavras de apreço, assinar o «livro de honra» e beber um Porto «Ferreira» extra-seco.

A visita foi orientada pelo prof. Armando Cortesão. Diante dos olhos da família Borman desfilaram, sucessivamente, a Sala de Portugal, com o seu mapa ramuroso das Grandes Viagens Marítimas dos Portugueses (1482-1600), a Sala de Gago Coutinho, com o espólio do cientista (menos o sextante, retirado para uma conferência), a Salão Nobre e a impressionante colecção de mapas antigos.

Comentário da sr.ª Borman diante de um mapa com a inscrição «Diogo Homem — 1558»:

*Oh my, oh my, oh my!* (Intraduzível — significa espanto).

Pouco depois, o prof. Armando Cortesão entregava ao astronauta o colar da Sociedade, acompanhado de uma medalha. Para Susan Borman havia uma caravela de filigrana e para os filhos do casal, Edwin e Frederick, medalhas e cinzeiros.

Da sua parte, Frank Borman ofereceu (encaixilhada) uma fotografia da Lua, tirada à distância de 60 milhas.

— *Este verde* — explicou *não está perfeito. A cor não é diferente.*

Pormenor revelado pelo prof. António de Almeida: Frank Borman vai ser proposto para sócio honorário da Sociedade de Geografia, em sessão a realizar dentro de dias. A eleição está naturalmente assegurada.

Todos os passos da visita foram filmados por um repórter da N. A. S. A., que deu a máxima atenção aos mapas quinhentistas.

### Um rosto na multidão

À saída do edifício, e depois de a sr.ª D. Maria Augusta Marques, membro da Comissão Asiática da Sociedade, ter oferecido ao astronauta uma imagem de Santo António de Lisboa, o coronel, de 40 anos, foi literalmente *agarrado* por dezenas de mãos.

— *Eu tinha a certeza que era ele!* — gritou uma mulher de meia idade, ao estender-lhe o habitual cartão para autografar.

**E** sem mesmo... A cautela, porque isto de programas tem que se lhe diga, o motorista da Embaixada norte-americana foi abrindo a porta da *limousine*.

### Palestra para os engenheiros

Centenas de engenheiros portugueses assistiram a meio da manhã a uma palestra do astronauta Frank Borman no Laboratório de Engenharia Civil onde o ministro das Comunicações, eng.º Canto Moniz, o secretário de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Fernando de Oliveira, o almirante Sarmento Rodrigues e quase todo o corpo diplomático além de figuras como o ex-rei Humberto de Itália e o conde de Barcelona se dignaram ir.

Durante a palestra, o comandante Borman projectou diapositivos das fotografias da Lua e da Terra obtidas durante o voo da Apolo-8 e falou da sua experiência espacial, tendo sido no final muito aplaudido por toda a assistência de pé.

Borman seguiu depois para a Casa do Leão, no Castelo de São Jorge, onde lhe foi oferecido um almoço pelo ministro de Estado eng.º Vaz Pinto.

A partida do astronauta para Washington está prevista para amanhã às 8 da manhã.

Um aspecto da assistência

# Reunião da direcção geral da Cidla

Conforme a Imprensa noticiou, a Cidla promoveu recentemente uma importante reunião dos principais responsáveis pelas suas 12 direcções e 29 serviços, bem como dos dirigentes das suas filiais do Porto e Coimbra, à qual assistiram, ao todo, 56 funcionários superiores da empresa.

Os trabalhos foram presididos pelo administrador-director geral sr. Francisco do Cazal Ribeiro, acompanhado pelo adjunto da administração, sr. Carlos Tavares Bastos, e pelos subdirectores gerais, srs. dr. Alberto Abrantes Ribeiro, dr. Bernardo Pinheiro de Melo, Henrique de Moraes Vaz, eng.º José Teixeira de Queiroz e Nuno de Brito e Cunha.

O sr. Francisco do Cazal Ribeiro fez largas considerações sobre a actual dimensão da empresa, tendo referido dados de muito interesse para a análise objectiva da sua importância e do seu prestígio nacional e internacional.

No que respeita ao desenvolvimento interno da Cidla e à posição que conquistou no mercado, afirmou que, até 1957, os preços por que se vendia o gás se apresentavam onerados pelo enorme custo por que este era adquirido no estrangeiro. Com o início da sua produção nacional, na refinaria da Sarrpor, foi possível tornar o gás acessível a toda a população. E assim, no que se refere, por exemplo, ao mercado de gás em garrafas, enquanto em 1958 havia apenas 158 431 clientes, 10 anos depois este número elevava-se a 875 289.

«Além disso — acrescentou o sr. Francisco do Cazal Ribeiro — enquanto naquele ano as nossas vendas foram de 17 466 toneladas, em 1968 atingiram 127 668 toneladas.

«Quanto a óleos lubrificantes, colocámos 826 toneladas em 1951; no decorrer de 1968 distribuímos para venda cerca de 7500. Estes números, que dispensam qualquer comentário, situam-nos hoje no 3.º lugar, quanto a volume de vendas, entre as companhias que distribuem óleos lubrificantes em Portugal.»

Noutro ponto da sua exposição, o sr. administrador-director geral da Cidla disse:

«Para se fazer uma ideia do desenvolvimento da empresa nos últimos anos, basta reparar que, enquanto em 1951 tinha 178 empregados ao seu serviço, em fins de 1968 este número havia aumentado para 1849.»

E a propósito, sublinhou:

«Todos dentro desta casa têm possibilidades de acesso, pois este apenas depende do mérito próprio. De facto, os altos cargos da empresa estão abertos — dentro dos limites das necessidades correspondentes — aos seus funcionários que se imponham pelo valor do seu trabalho, pela sua inteligência e, em suma, pela demonstração das suas qualidades pessoais.»

Referindo-se seguidamente á presença da Cidla no capital de outras sociedades, o sr. Francisco do Cazal Ribeiro acrescentou:

«De certo não é por mero acaso que a Cidla tem tido possibilidade de comparticipar na organização e administração de outras empresas. Isto acontece pela maturidade comercial que atingiu e pelo valor emergente da sua própria colaboração em determinados sectores da vida económica nacional. A Cidla, entre o capital já realizado e aquele com que vai subscrever aumentos de capital que estão a processar-se, investiu já em outras empresas cerca de 68 mil contos. Referir esta verba tem particular significado quando se verifica que ela é mais de oito vezes maior do que o capital da sociedade em 1951.»

As principais empresas a que a Cidla está ligada são as seguintes: SIOL — Sociedade Importadora de Óleos S. A. R. L.; Sacor Marítima, Lda., MOCACOR — Distribuidora de Combustíveis S. A. R. L. (de Lourenço Marques); Petróleo Mecânica Alfa S. A. R. L., ANGOL — Sociedade Portuguesa de Exploração de Petróleos S. A. R. L., GEOGÁS — Sociedade Portuguesa de Estudo e Aproveitamento de Hidrocarbonetos Gasosos S. A. R. L., Construtora Moderna S. A. R. L., Companhia de Seguros União, CINEVOZ — Sociedade Portuguesa de Fonovisão Lda., SAAGA — Sociedade Açoreana de Armazenagem de Gás e HIPOLGÁS — Distribuidora de Fogões S. A. R. L.

Referindo-se à posição da Cidla no campo internacional, o sr. Francisco do Cazal Ribeiro esclareceu:

«Quando recentemente se discutiram e assinaram em Paris alguns contratos de grande importância para a nossa actividade futura, alguém salientou que, naquela data, a Cidla atingiu a sua maioridade internacional. E porquê? Não evidentemente porque tenhamos uma dimensão comparável á das grandes empresas cuja actividade se internacionaliza, mas porque, nos mercados internacionais (quer de fornecedores de gás a quem constantemente recorremos, quer de companhias marítimas que se dedicam a transportes marítimos), a Cidla passou a ser um cliente importante, cuja conquista se tem em alto apreço.»

Mais adiante sublinhou ainda:

«Não podemos separar a nossa actual dimensão, o nosso desenvolvimento, o ponto que atingimos dentro da vida económica do País, da posição em que desde sempre nos mantivemos perante a Sacor. Daí nos veio sempre a palavra amiga, útil, indispensável. Neste aspecto, não pode ficar-nos qualquer dúvida sobre o valor das directivas gerais que nos chegam de um conselho de administração onde, entre outras categorizadas individualidades, me permito referir especialmente o sr. prof. João Lumbrales e o sr. eng.º Duarte do Amaral, presidente e vice-presidente da Sacor.

Depois, tomaram a palavra os representantes da Cidla junto das diversas empresas associadas, que sumariam as finalidades de cada uma e deram conta das respectivas actividades.

Seguidamente, foram apresentados numerosos quadros com elementos estatísticos relativos ao movimento dos diversos departamentos da empresa, acompanhados de comentários pelos subdirectores-gerais responsáveis. A certa altura, o secretário-geral da Cidla, sr. dr. Alberto Abrantes Ribeiro, afirmou:

«No ano de 1968, a Cidla despendeu cerca de 100 mil contos com vencimentos e retribuições aos seus funcionários. Este número serve para ilustrar, sob um aspecto diferente, aquilo que anteriormente se afirmou quanto á dimensão actual da nossa empresa.»

O sr. Francisco do Cazal-Ribeiro, administrador-director-geral da Cidla, no uso da palavra

Por seu turno, os subdirectores-gerais srs. dr. Bernardo Pinheiro de Melo, Henrique de Moraes Vaz e Nuno de Brito e Cunha, fizeram vários comentários acerca dos sectores que dirigem. E o sr. eng.º José Teixeira de Queiroz, subdirector-geral técnico, em certo ponto da sua exposição disse:

«Como vendedores de energia que somos, temos actualmente uma posição no mercado que se pode avaliar do seguinte modo: vendemos, em gás, o equivalente a cerca de 30 % do total de energia eléctrica que se consome no País.»

Retomando de novo a palavra, para encerrar os trabalhos, o sr. Francisco do Cazal Ribeiro anunciou o propósito de vir a realizar-se num futuro breve uma nova reunião de trabalho, aberta a maior número de funcionários da empresa e aos seus colaboradores espalhados pelo País, por forma a efectuar-se mais larga troca de impressões sobre os diversos assuntos de interesse para a Cidla.

# Torre de Babel

por João Medina

## Uma história alsaciana:

## O PURGATÓRIO BILINGUE

*Na Alsácia tudo é bilingue, desde os letreiros às pessoas, passando pelos jornais e mesmo pelas anedotas. A historieta que a seguir contamos baseia-se precisamente nessa imbricação germano-francesa que faz desta terra o paraíso dos filólogos e o inferno dos estrangeiros.*

*Embora todos os vizinhos, inimigos e sobretudo inquilinos lhe prognosticassem a danação eterna e as forquilhas de Belzebú no Além, Pierre Klein seguiu direito para o Purgatório quando a Parca lhe cortou o derradeiro fio. Uma vez ali chegado, sem bagagens e mãos a abanar, o ex-riquíssimo senhorio estrasburguês dirigiu-se a um porteiro que dormitava à entrada do estabelecimento. Prudente como todos os habitantes entre Vosgos e Floresta Negra, Pierre começou por observar o porteiro, após o que inquiriu: «É aqui o Purgatório?» O porteiro, acordando da sua madorna (o Purgatório é a capital do Tédio), observou o intruso, coçou o alto da careca e pediu os papeis. Klein mostrou-lhe a guia de marcha passada pelo departamento de Escatologia Cósmica e o funcionário sonolento foi buscar a letra K do livro de entradas. Depois de procurar durante alguns momentos, declarou que havia ali uns vinte Kleins, todos de Strasbourg. «Eu sou o senhorio Klein, morador na Rua de Reims», explicou Pierre.*

*— Rua de Reims?... Cá está. Alsaciano?*

*— De cepa. Mãe e pai alsacianos, avós alsacianos.*

*— Muito bem. Nesse caso tem à escolha entre a secção francesa do Purgatório e a secção alemã: todos os alsacianos gozam desta regalia.*

*— Qual é a diferença entre as duas secções?*

*— Teòricamente, nenhuma. Tanto no Purgatório alemão como no francês a vida e as penitências são as mesmas: dez anos de tédio e espera antes de poder tomar o caminho do Paraíso... O regime é idêntico, tanto junto dos boches como dos gauleses: levantar às seis da manhã, leitura obrigatória da «Gazeta do Purgatório», pequeno-almoço às sete horas (uma taça de alcatrão e um copo de vinagre), leituras selectas e edificantes durante o resto da manhã (autores deste ano: Boécio, S. Tomás, cardeal Fulton Sheen, padres capadócios, Daniélou, João Crisóstomo, Tertuliano e mesmo Karl Barth, para estarmos em dia, como se diz agora na Terra), em alemão para os pensionários do Purgatório além-Reno, em francês para os hóspedes da doce França...*

*— E depois?*

*— Almoço ao meio-dia: outra taça de alcatrão. À tarde, sermões feitos, em alemão ou em francês, por um confessor da Companhia de Jesus e exercícios de mortificação. Não há jantar: jejum rigoroso. Depois das oito da noite, vem um anjo e dá dez marteladas na cabeça de cada habitante deste reino. E é tudo: às nove, cama.*

*— A diferença é então puramente linguística?*

*— Na teoria, assim é. Pelo menos o Legislador celestial assim o decretou para os séculos dos séculos. Mas, como diz o poeta:*

Between the conception
And the creation
Falls the Shadow.

*— Não sei inglês...*

*— O que significa que uma coisa é a teoria e outra, mui diversa, a prática. No caso vertente, acontece, que, ao contrário do que se passa na secção alemã, onde tudo é ordem severa, pontualidade, gritos de comando, meticulosa observância do Regulamento, no Purgatório francês as coisas seguem outro caminho e a vida é diferente: ou se esgota o alcatrão e é preciso esperar um mês ou dois para ter uma nova remessa, ou é o anjo que fica a conversar no café e se esquece de vir à noite punir os hóspedes, ou é o martelo que se extravia e a mortificação fica suspensa por uns dias, ou é confessor que se esquece de dizer o sermão.*

*Estrasburgo, Fev. de 1969.*

# Apresentado em Portugal o FIAT 125 saído das linhas nacionais de montagem

Ficaram a partir de hoje expostas ao público, no salão de exposições da Fiat Portuguesa, as mais recentes realizações das linhas de montagem nacionais: os «Fiat 125».

De uma construção basicamente convencional — motor à frente e propulsão às rodas traseiras — o «125» apresenta-se na realidade com toda uma série de características de desenho e de engenharia que revelam bem a intenção do construtor: um carro familiar de turismo, capaz de elevadas «performances» sem sacrifício das necessárias condições de comodidade, conforto e silêncio.

Uma linha agradável e sóbria, amplo espaço interior, grande superfície vidrada e porta-bagagem de boa capacidade são acompanhados de uma mecânica onde todo o pormenor revela o elevado nível técnico da concepção: o motor, de quatro cilindros, 1600 cc, de duas árvores de cames à cabeça, como os bons motores de competição, cabeça de cinco apoios, largamente dimensionada, carburador de corpo duplo, com a taxa de compressão 8,8/1, fornece 90 HP (DIN) a 5600 r. p. m. A transmissão é convencional, com uma engrenagem monodisco, seca, caixa de quatro velocidades e diferencial hipoide.

A suspensão dianteira é convencional, com braços oscilantes, molas helicoidais e estabilizador de torção, mas a suspensão anterior, ainda que de eixo rígido, é uma interessante «realização, fixada quanto aos movimentos laterais, por molas semi-elípticas de grande largura e transmitido os esforços resultantes das acelerações e das travagens a cruetas barras de reacção ligadas directamente à «cruz» e montadas sobre «silentblocs». Em suma: um conjunto simples, de elevada eficiência e baixa rumorosidade.

Os travões são de disco, com servo-freio de depressão.

As «performances» são elevadas, especialmente se se atender ao diâmetro do carro, que é capaz de 160 km/h, e cobre os 400 metros de arranque em 18,8 s.

A' parte as mudanças de óleo e assistência, por assim dizer, é nula: o «125» não tem qualquer ponto que seja necessário lubrificar.

## Cursos de «Ballet» em S. Pedro de Sintra

No seu estúdio, em S. Pedro de Sintra (Sociedade «Os Amadeo») serão inaugurados depois de amanhã, ás 17 e 30, os cursos de «ballet» clássico de Noemi Fonte.

Durante a sessão inaugural será exibido o filme de longa metragem «A vida da bailarina Maya Plisetskaya».

ESCRITORES RIBATEJANOS EM ALHANDRA

ALHANDRA, 20 — Realiza-se no próximo sábado, nesta vila, um encontro de escritores ribatejanos os quais estarão presentes na inauguração da livraria «Os Lusíadas» onde assinarão autógrafos às 18 horas.

Participam no encontro os escritores Adelaide Félix, Álvaro Guerra, Angela Surmento, António Borga, Jacinto Martins, Júlio Graça, Mário Ventura e Severiano Falcão, os quais se reunirão, ás 21 e 30, no salão de festas da Sociedade Euterpe Alhandrense, para um debate moderado pelo escritor Jorge Ferreira da Silva.

Lisboetas entusiasmados procuram as mãos que pilotaram há menos de dois meses a cápsula «Apolo 8». Foi esta manhã na Rua das Portas de Santo Antão, á saída da Sociedade de Geografia. O astronauta gostou

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

GRIPE
AOS PRIMEIROS SINAIS
1-2 COMPRIMIDOS DE
NEO-BÊPROL
PARA UMA RAPIDA MELHORIA DOS SINTOMAS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

AS JÓIAS AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

# Actualidade internacional

## O JULGAMENTO DE CLAY SHAW

# O F.B.I. IMPÔS SILÊNCIO A UMA TESTEMUNHA

NOVA ORLEANS, 20. — (F. P.) — Apostada em demonstrar que, contrariamente ás conclusões da comissão Warren, o presidente John Kennedy, foi vitima, em 22 de Novembro de 1963 de vários atiradores e não de um só, a acusação apresentou ontem, no julgamento de Clay Shaw, uma testemunha que causou sensação ao afirmar que o F. B. I. lhe havia ordenado que não espalhasse o que vira em Dallas no dia do atentado.

Respondendo a perguntas feitas pelo procurador Jim Garrison, a testemunha, Richard Randolph Carr, que nunca foi ouvida pela comissão Warren, recapitulou pormenorizadamente aquilo que viu naquele dia do alto de um posto de observação de onde dominava a «Dealey Plaza» (o grande terreiro que devia ser atravessado pelo cortejo presidencial). Instalado no 7.º andar dum prédio em construção, Carr ouviu 4 tiros e não três como têm afirmado outras testemunhas. Os tiros provinham, segundo ele, do alto do monticulo relvado sobre o qual outra testemunha, J. Simmons, afirmou há quatro dias ter visto elevar-se um penacho de fumo. Recorda-se que a comissão Warren afirmou no seu relatório oficial que os tiros disparados contra Kennedy o foram todos do armazem de livros situado no lado oposto ao tal monticulo.

Carr acrescentou que avistou pouco depois três homens sairem apressadamente do armazem, onde Lee Harvey Oswald, segundo a comissão Warren, se escondera para alvejar o presidente dos Estados Unidos. Dois meteram-se num automóvel estacionado numa rua vizinha e ao volante do qual se encontrava um homem de tez esverdeada. O terceiro afastou-se rápidamente a pé em direcção ao prédio em construção. «Pude segui-lo com os olhos á medida que caminhava» — afirmou a testemunha. «Olhei bem para ele porque se mostrava muito apressado. De vez em quando voltava-se. Deu-me a impressão de estar observando se alguém o seguia. Sou capaz de reconhecer esse homem entre mil». Carr contou ao F. B. I. o que tinha visto. Mas depois não falou mais no assunto. «Fiz o que me disseram» — explicou — «calei-me».

## GREVE DE PROFESSORES EM BERKELEY

BERKELEY (Califórnia), 20 — (R.) — A união dos professores assistentes decidiu-se ontem em greve na Universidade de Berkeley, aumentado assim o numero dos piquetes que têm sido estabelecidos durante as ultimas três semanas por estudantes grevistas.

Membros da união, afirmando representar 40 por cento dos mil professores assistentes empregados neste estabelecimento de ensino, boicotaram as aulas, com o fim de insistir na retirada da Polícia da gigantesca Universidade e no termo do estado de emergência declarado pelo governador Ronald Reagan.

A Polícia prendeu anteontem 13 estudantes durante uma série de recontros, quando alunos militantes andaram á volta da Universidade estilhaçando janelas e arremessando garrafas e pedras contra os guardas dos serviços de segurança que o dião pediu que viessem para a Faculdade, a fim de assegurarem a ordem.

### GREVE DA FOME EM NANTERRE

PARIS, 20 — (R.) — Catorze estudantes e professores da Faculdade de Letras, de Nanaterre, nos subúrbios de Paris, entram hoje no quarto dia de uma greve da fome, sendo vigiados por uma equipa de médicos.

Os grevistas pedem a retirada de cerca de 100 guardas

## Os ingleses bebem cada vez mais vinho

LONDRES, 20 — (F. P.) — Apesar de uma forte subida de preços, os ingleses bebem cada vez mais vinho e a Espanha continua a ser o seu primeiro fornecedor, seguida pela França, por Chipre e por Portugal.

O volume das importações britanicas de vinho atingiu, em 1968, 1 655 500 hectolitros, ou seja, um aumento de mais de 16 por cento, em relação ao ano precedente.

Os vinhos a granel dominam no mercado, sendo as seguintes as principais importações em 1968:

1 — Espanha, 596 800 hl a granel (aumento de 15,5 por cento).

2 — França, 429 390 hl a granel (aumento de 19 por cento).

3 — Chipre, 175 425 hl a granel (aumento de 39 por cento).

4 — Portugal, 132 522 hl a granel (aumento de 14 por cento).

## Forças navais em presença no Mediterrâneo

LONDRES, 20 — (F. P.) — As forças navais da N.A.T.O. no Mediterrâneo são consideràvelmente superiores ás forças navais soviéticas que aí operam e que se compõem actualmente de uma vinte vasos de guerra, entre os quais figuram um cruzador, oito contratorpedeiros e seis submarinos — esclareceu na Câmara dos Comuns o ministro da Defesa, Denis Healey.

As forças navais da N.A.T.O. compreendem a Sexta Esquadra norte-americana, que beneficia de uma cobertura aérea de várias centenas de aviões com base em terra ou embarcados em porta-aviões, enquanto que a esquadra soviética não tem a mesma vantagem.

Interrogado sobre as recentes afirmações do semanário alemão ocidental «Der Spiegel» segundo as quais a N.A.T.O. pode aumentar a esquadra soviética do Mediterrâneo em alguns minutos, Healey confirmou implicitamente esta afirmação ao precisar que os aliados possuem naquela região de uma superioridade de dois contra um.

Finalmente, o ministro salientou que a presença soviética no Mediterrâneo parece corresponder mais a um objectivo político do que militar.

# LUEBKE CHEGA HOJE A BERLIM-OESTE

BERLIM-OESTE, 20 — (R.) — O presidente Henrich Luebke, da Alemanha Ocidental, chega hoje a esta cidade, num avião militar especial norte-americano para o que a Republica de Pankow classificou como outra visita de provocação e de abuso dos corredores aéreos ligando a cidade isolada ao ocidente.

O presidente de 74 anos vem a Berlim-Oeste para assistir a uma cerimónia a realizar amanhã, em homenagem ao falecido físico atómico alemão Otto Hahn laureado com o Prémio Nobel.

Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão oriental, citado pela agência noticiosa oficial ADN, reiterou a noite passada avisos contra o que os comunistas classificam como política de anexação ilegal de Bonn em relação a Berlim-Oeste.

A A.D.N. disse que o informador emitira novamente um aviso urgente acerca das «inevitáveis consequências desse política de anexação visando a entidade política independente de Berlim-Oeste, que nunca foi nem será jamais parte da Republica Federal Alemã.»

A visita do dr. Luebke á cidade será a ultima que fará antes da Assembleia Federal alemã ocidental eleger o seu sucessor, em 5 de Março em Berlim-Oeste.

A Alemanha de Leste juntamente com a União Soviética, tem protestado enérgicamente contra a intenção alemã ocidental de realizar ali a eleição presidencial e ameaçado com consequências sérias se ela se efectuar na cidade.

A Republica de Pankow proibiu, a semana passada, a passagem, por terra, de todos os membros da Assembleia Federal, o organismo que elege o novo presidente.

### NIXON UTILIZARA O CORREDOR AÉREO

BERLIM-OESTE, 20 — (R.) — O presidente Richard Nixon passará de avião pelo estreito corredor aéreo através da Alemanha Oriental, agora um ponto focal de tensão entre o Leste e o Oeste, quando efectuar esta semana a sua visita relâmpago a Berlim-Oeste.

Contudo, o jacto presidencial «Boeing 707» será guiado pelas instalações de radar americanas, situadas em Berlim, durante os 176 quilómetros de território alemão oriental.

Nixon chegará a Berlim-Oeste em 27 do corrente, vindo de Bonn, como parte da sua primeira viagem á Europa. O presidente americano viajará através do corredor com 32 quilómetros de extensão ligando Berlim-Oeste com Hanover.

O avião do presidente voará a uma altitude de não mais de 3300 metros, em conformidade com as restrições impostas pela União Soviética, uma das quatro potências que fiscalizam os corredores aéreos.

## CONVITE AO PAPA PARA IR AO JAPÃO

TÓQUIO, 20 — (R.) — Os 800 000 católicos e protestantes do Japão vão convidar o Papa a visitar a exposição mundial de Osaka que se realizará em 1970.

Um informador da comissão de organização do pavilhão cristão declarou á Reuter que esperava que o Papa fizesse uma visita em princípios de Agosto.

O pavilhão cristão será construído pelo Vaticano e pelo Conselho Mundial das Igrejas, que engloba todos os protestantes. O contrato para a construção foi assinado ontem.

# O FUTURO DA V REPÚBLICA

(Continuação da 13.ª página)

vez as consequências da política actual e das decisões tomadas cada dia que passa.

Ora, por mais próximos que estejam do cume, não têm qualquer acção sobre estas decisões, nenhuma influência, nenhuma audiência mesmo. Executam ou registam.

Os temores, os arrependimentos, as lamentações, exprimem-se pois abertamente desde há seis meses, nas suas fileiras, e tornam-se cada vez mais vivos á medida que se vai descendo na hierarquia do grupo, e ao mesmo tempo vão-se acumulando inclusivamente quando são contraditórios. Este considera demasiado lentas e muito insuficientes a reforma social da «participação», tantas vezes prometida e a melhoria da sorte dos assalariados; aquele, pelo contrário, denuncia o excesso e a nocividade das concessões feitas aos trabalhadores e aos sindicatos em Maio e daí em diante. A reforma universitária e a reforma regional deparam igualmente com críticas de igual virulência da parte de uns, que as acham por demasia audaciosas, e de outros, que as declaram demasiado tímidas ou, enquanto á primeira, sabotada na sua aplicação. Quer se trate da ordem interna, quer da gestão económica, quer da política monetária, quer do Israel, quer da Europa, quer das relações com a URSS ou com os Estados Unidos, uma irritação cada dia menos surda, uma crescente inquietação reunem num feixe, por fim convergente, as críticas dos «maximistas» e dos «minimistas».

### QUEBROU-SE O ENCANTO

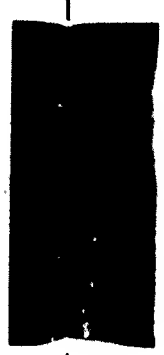
*Claro que nos conselhos ou em «tête-á-tête com o general ninguém ergue a voz, ninguém diz palavra. Mas, uma vez transposta a soleira que concerto de recriminações e, por vezes, que unanimidade! Se a situação se deteriorou desta maneira, foi porque alguns dos fieis, e não dos menos cotados, perderam a fé. Por duas vezes, em Maio e em Novembro, o general se deixou surpreender pelos acontecimentos, se viu constrangido a lutar em campo aberto; embora ele se tenha depois recomposto e tenha, por sua vez, surpreendido toda a gente e tenha endireitado o barco, embora a agitação estudantil se tenha mais ou menos acalmado, embora se tenha operado um regresso paciente e flexível ao equilíbrio económico, a alma está já ausente. Outros poderes, mais fracos, teriam sem dúvida, ficado submersos e teriam sido levados pela vaga na Primavera — ainda que nos devamos lembrar da plasticidade da IV República face á [illegible] comunista de 1947-1948, [illegible] de 1950-1951, e á vaga [illegible] e poujadista. É exacto, em compensação, que poucos governos teriam tido a audácia de recusar a desvalorização no Outono. Mas o grande adivinho, com a sua inspirada presciência, deveria ter sabido e que ia passar-se, impedir a explosão e a crise. O encanto quebrou-se, o prestígio esboroou-se.*

Sempre houve, na família gaullista, como em todas as outras, ralhos, chicanas e discórdias. De Gaulle não se importava com isso. Contudo, nunca, durante estes dez anos, se tinha ouvido pôr assim em causa o próprio general e não já a sua *entourage* ou algum dos seus conselheiros. Nunca se tinha levado a tal ponto, o sentimento de que, para numerosos gaullistas, a sucessão está doravante aberta.

(1) Jules Grévy, que se retirou aos 80 anos, em 1887, 2 anos depois de ter iniciado o seu segundo mandato (de 7 anos). Depois deste vêm, por ordem decrescete: René Coty, que se demitiu aos 77 anos, em 1958; Paul Doumer, trágicamente desaparecido, aos 75 anos, em 1932; Armand Falhoéres, chegado ao termo do seu mandato, aos 72 anos, em 1913; Mac-Mahon, que deixou o poder aos 71 anos, em 1879. Quanto a Thiers, 76 anos quando saiu do poder, em 1873.

(2) O Imperador Hailé Selassié tem menos um ano que de Gaulle, Franco e Tito, menos dois, Mao-Tse-Tung, menos; Salazar era um ano mais velho que de Gaulle, Churchill e Adenauer abandonaram o poder, respectivamente, aos 81 e aos 87 anos.

O VOLGA NASCE NA EUROPA
de
MALAPARTE



Uma das obras mais sensacionais do grande romancista italiano — o conjunto das suas reportagens de guerra, através das quais é a própria guerra que se retrata. Col. Dois Mundos n.º 103 — 45$00

A venda em todas as livrarias ou contra reembolso. R. dos Caetanos, 22 — Lisboa

LIVROS DO BRASIL

# A Grã-Bretanha vai fornecer tanques «Centurion» a Israel

## — segundo o jornal egípcio «Al Ahram»

CAIRO, 20 — (R.) — A Grã-Bretanha concordou já em fornecer a Israel tanques «Centurion», equipamento de radar e armas ofensivas navais, segundo afirma hoje o jornal cairota «Al Ahram».

As autoridades possuem «informações precisas e confirmadas» acerca do assunto — diz o jornal.

O equipamento é parte de material em excesso em bases no Médio Oriente e outras partes do Mundo que a Grã-Bretanha está a abandonar.

Estas informações seguem-se a uma conferência que se realizou ontem no Cairo, durante a qual o embaixador britânico, «sir» Harold Beeley, foi informado pelo subsecretário egípcio dos Negócios Estrangeiros, Samih Anwar, de que o Egipto está profundamente preocupado com as notícias acerca do acordo.

Por outro lado, o mesmo «Al Ahram» afirma que «comandos» árabes desencadeariam ataques contra alvos israelitas em qualquer parte, indiferentes a quaisquer represálias.

O jornal, que reflecte a opinião oficial egípcia diz ainda que a resistência dos árabes palestinianos não abrandaria a despeito de quaisquer contramedidas por parte de Israel.

O ataque dos «comandos» árabes de há dois dias contra um avião israelita no aeroporto de Zurique indicava a determinação do movimento de resistência palestiniano de perseguir o seu inimigo em toda a parte — prossegue «Al Ahram» num editorial.

A reiteração pelo jornal de que não haveria abrandamento dos ataques dos «comandos» árabes registou-se no meio de receio mundial cada vez maior de que o incidente de Zurique poderia levar a um ataque de retaliação israelita contra qualquer alvo árabe. Em Dezembro passado, «comandos» israelitas destruíram 13 aviões comerciais árabes no aeroporto de Beirute, a seguir a um ataque contra outro avião da El Al no aeroporto de Atenas.

### BAIXAS ISRAELITAS

JERUSALEM, 20 — (F. P.) — Nos últimos quatro anos, os membros da organização Al Fatah mataram 114 israelitas (dos quais 37 civis) e feriram 634 (dos quais 347 civis) — revelou perante o Knessett o ministro da Defesa, Moshe Dayan, que respondia a uma pergunta sobre a proclamação de Al Fatah segundo a qual esta organização teria morto 3650 israelitas e teria ela própria sofrido mortos.

Respondendo a outra pergunta, o ministro da Defesa precisou que desde a «guerra dos seis dias» a Aviação israelita entrou em acção por seis vezes contra a artilharia jordana, tendo perdido apenas um aparelho, um «Super-Mystère», no decurso dessas operações.

### O ÓRGÃO DO VATICANO CONDENA O ATENTADO DE ZURIQUE

CIDADE DO VATICANO, 20 — (F. P.) — O «Osservatore Romano» condenou ontem o atentado cometido contra o avião israelita no aeroporto de Zurique.

«Este novo episódio de violência ocorrido num país pacífico, neutro e hospitaleiro para todos os refugiados perseguidos, poderia ter consequências muito graves, que só foram evitadas por um concurso fortuito de circunstâncias», escreve o órgão do Vaticano, prosseguindo: «Este acto vem juntar-se á lista já longa das acções e reacções que paralisam trágicamente a situação no Médio Oriente. O terrorismo e a violência servem apenas para alimentar o ódio. A consciência comum insurge-se contra estes métodos e condena-os sem apelo».

# CONSIDERADOS NULOS PELO VATICANO 223 CASAMENTOS

CIDADE DO VATICANO, 20 — (F. P.) — A nulidade do casamento foi reconhecida pelo tribunal da Rota em 223 dos 398 processos examinados em 1968, revela o anuário da Santa Sé cujo volume foi ontem apresentado ao Santo Padre.

A assistência gratuita foi concedida em 46 por cento dos casos.

O anuário indica que os católicos no Mundo são actualmente 493 milhões, ou seja mais oito milhões e meio do que em 1965.

Os sacerdotes do clero regular e secular totalizam 352 322, o que significa em média um padre para 1400 fiéis, proporção que varia, naturalmente, segundo as regiões. Em 1968 houve 5107 ordenações menos 416 relativamente a 1965.

As pessoas, eclesiásticas e leigas, com nacionalidade vaticana são em número de 534, entre as quais 31 cardeais, 119 representantes da Santa Sé no estrangeiro, 54 guardas suíços, 153 gendarmes e 177 leigos. São 315 as pessoas autorizadas, pelas suas funções, a residir no Vaticano sem possuírem, porém, a respectiva nacionalidade.

O Governo da cidade do Vaticano agrupa aos seus serviços 1455 pessoas eclesiásticas e leigas sendo 70 sacerdotes ou religiosos, 54 religiosas, 496 funcionários e empregados, entre os quais médicos, enfermeiros e farmacêuticos dos serviços de saúde, 153 gendarmes e 681 operários e outro pessoal.

WAGONS-LITS COOK
BENFICA-AJAX
EM PARIS
Viagens especiais

# Novas execuções no Iraque

BEIRUTE, 20 — (A. N. I., F. P. e R.) — O Iraque executou hoje sete homens acusados de fazerem espionagem a favor de Israel — anunciou a Rádio de Bagdad.

Quatro dos executados eram civis e foram enforcados. Três eram soldados do Exército iraquiano, pelo que foram fuzilados por um pelotão militar.

A emissora iraquiana acrescentou que um oitavo condenado pelo mesmo delito teve a pena de morte comutada em prisão perpétua «por ter cooperado com as autoridades do Iraque».

Nenhum dos sete executados era judeu — disse ainda a Rádio de Bagdad.

Tal como aconteceu nas anteriores execuções em Bagdad e em Bassorá, os cadáveres dos sete homens foram expostos ao público, na Praça da Libertação, na capital iraquiana.

As execuções foram efectuadas de madrugada, poucas horas depois de a Rádio e a Televisão da capital terem anunciado o julgamento de oito homens, por um tribunal revolucionário composto por três juízes, no dia 11 de Fevereiro.

Mais tarde, comentando as execuções, a Rádio de Bagdad declarou:

«A execução dos espiões em 27 de Janeiro e a de um novo grupo de espiões hoje, constituem apenas uma etapa no caminho da libertação da Palestina e da liquidação, na frente interna, de todos os agentes do imperialismo e dos espiões.»

# Aviso aos estudantes das quatro faculdades de Madrid

MADRID, 20 — (F. P.) — Reabriu a escola de engenheiros civis industriais de Gijon. Os seus 1200 alunos estavam em greve há três meses.

Por outro lado, a Direcção-Geral da Segurança lançou um aviso aos estudantes das quatro Faculdades madrilenas que vão reabrir amanhã. «As disposições que regem a ordem nas Faculdades serão aplicadas com o mais estrito rigor e a Polícia «tomará todas as medidas necessárias para manter e restabelecer a ordem nas instalações universitárias», diz aquele aviso.

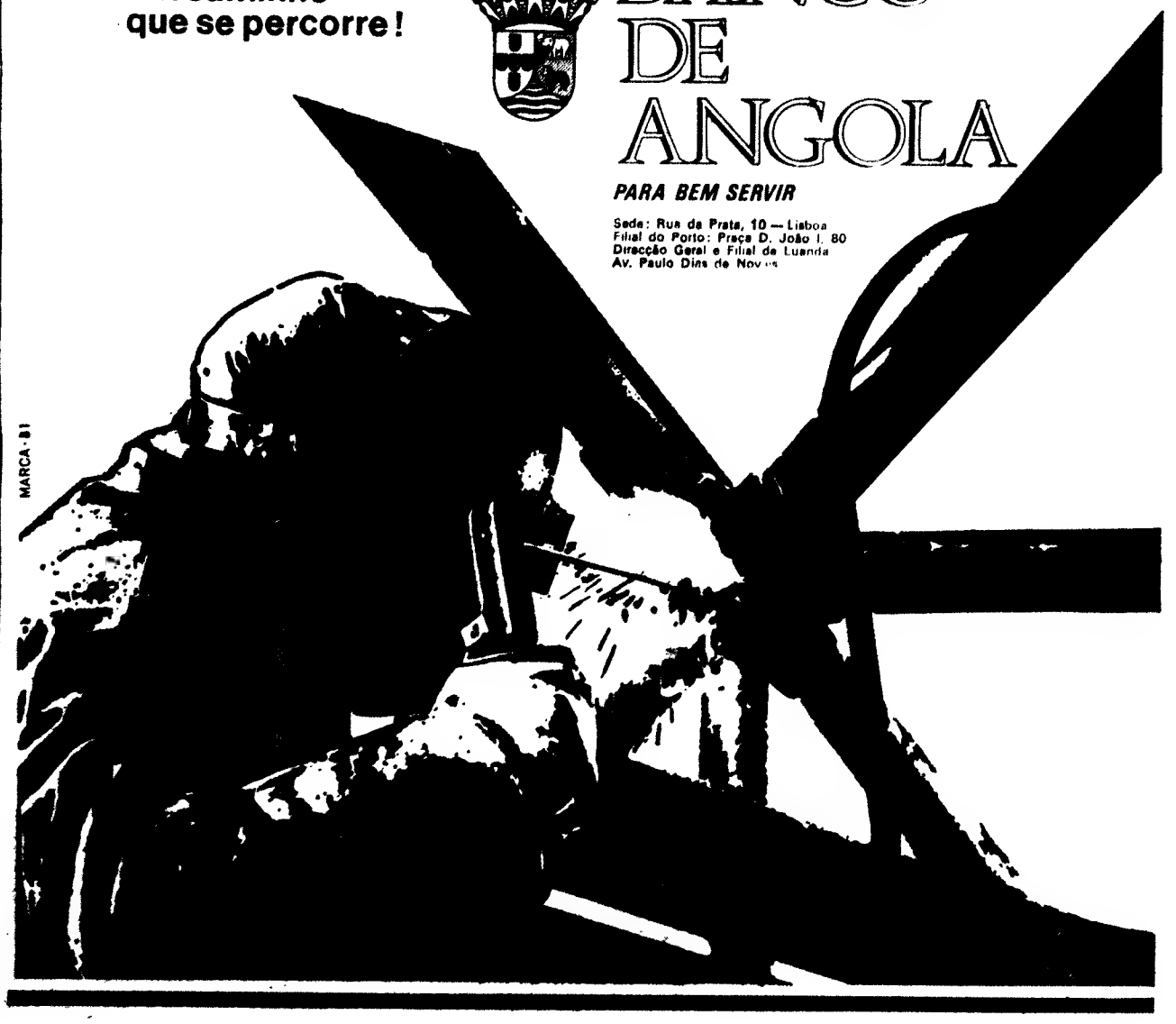
A Universidade de Madrid estava fechada desde 24 de Janeiro. As Faculdades que reabrem serão as de Medicina Farmácia, Ciências e Veterinária. Estas, aliás, são aquelas em que se registaram menos incidentes.

Um relatório da reitoria da Universidade de Madrid mostra que no primeiro trimestre do actual ano escolar (de Outubro a Dezembro) houve 125 assembleias livres. A Polícia teve de penetrar por oito vezes nos recintos universitários. Segundo o relatório, 25 por cento dos 45 000 estudantes da Universidade de Madrid participaram de uma maneira ou de outra, nas manifestações, nas assembleias livres ou, ainda, nos incidentes.

# FEIRA INTERNACIONAL DE COLÓNIA

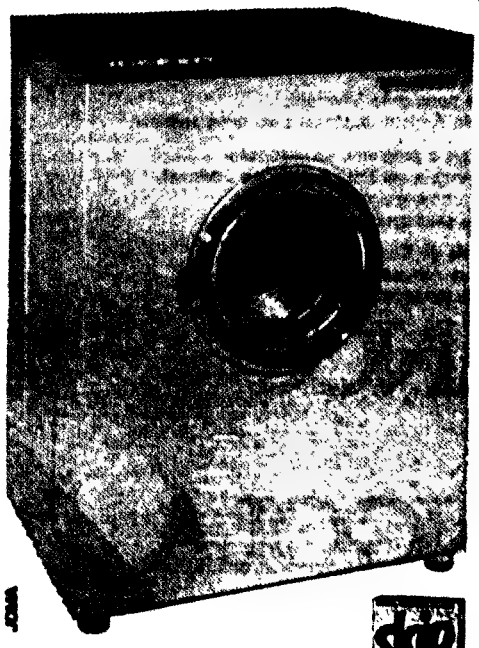
COLÓNIA 20 — Na Feira Internacional de Utensílios Domésticos, hoje inaugurada nesta cidade, a Fábrica «Junkers», para além da sua tradicional gama de aparelhagem para todo o gás, apresentou o seu novo sistema automático de acendimento, que fica á disposição de toda a indústria, e ainda um esquentador para aquecimento central que, segundo informações obtidas no próprio «stand», foi especialmente concebido para Portugal, factos estes que prenderam não só a particular atenção do público, como também dos técnicos de todos os países, que visitaram o importante certame.

Barreiro
zona de concentração industrial
35ª dependência
—uma presença que se alarga
um caminho que se percorre!
Numa zona de importante concentração industrial, ponto de confluência das actividades de grandes empresas e de toda uma população laboriosa, vai o Banco de Angola inaugurar uma nova agência.
Assim se efectiva o programa de expansão do Banco de Angola em todo o território nacional, proporcionando uma maior comodidade e eficiência dos seus serviços.
Na nova agência do Barreiro, instalada na Rua Alfredo da Silva - 33, serão realizadas todas as operações bancárias
BANCO DE ANGOLA
PARA BEM SERVIR
Sede: Rua da Prata, 10 — Lisboa
Filial do Porto: Praça D. João I, 80
Direcção Geral e Filial de Luanda
Av. Paulo Dias de Novais
MARCA - 81



LIVRE
dos problemas da lavagem
LIBERTA LI
enquanto Indesit lava sózinha

LIBERDADE!



Detergente Recomendado

- Liberdade é o que a máquina de lavar INDESIT automática lhe oferece.
- Oferece-lhe ainda um programa de lavagem perfeito; a sua roupa ficará limpa, cuidada e com uma espantosa economia de tempo, dinheiro e da própria roupa.
- Você só tem que carregar no botão uma só vez, depois desfrute todo o prazer da liberdade.
- A sua INDESIT trabalha e poupa por si e para si.

INDESIT

NIKON A ÓPTICA JAPONESA DE QUALIDADE INSUPERÁVEL
Photomic TN

A Câmara Suprema

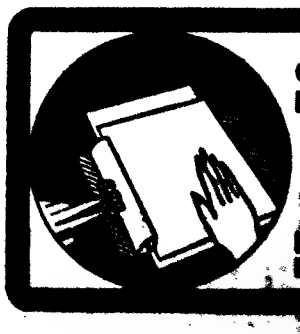
À VENDA SÒMENTE NAS CASAS ESPECIALIZADAS EM ARTIGOS FOTOGRÁFICOS DE ALTA CLASSE

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., A. P.
DEPARTAMENTO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES 10 — TEL. 36 15 45 — LISBOA

REVESTIMENTOS
PLÁSTICOS
•
ALCATIFAS

ÚLTIMAS NOVIDADES
EM
PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE
EXPOSIÇÃO E VENDA
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B — TEL. 532383

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENCIAL
ROSSIO, 3 2.º TELEF. 369384



CONTABILIDADE POR DECALQUE
EFFICEX KRINKLE
LISBOA: Av. João XXI, 4-A
BEJA: Rua Hugo Ossório, 22 e 24
PORTO: Rua Passos Manuel, 228-2.º Dto.

200 CONTOS
3.º Prémio Lotaria Carnaval
VENDIDOS NA:
ÁQUILA
AV. DA IGREJA, 53-E
E
PANTER
R. MARIA AMÁLIA VAZ CARVALHO, 38

Policlínica do Intendente
Av. Alm. Reis, 27, 2.
Tel. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h.
Dr. Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª, 4.ª e 6.ª às 14.30; 3.ª e 5.ª às 17 horas.
Dr. Armando Valle — Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Armando Lemos — Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Bonard Guedes — Raios X, 16 h.
Dr. R. de Miranda Rodrigues — Doenças nerv. mentais (2.ª 4.ª e 6.ª), 18 h.
Dr. Formigal Lemos — Ag. Físicos, 15 h.
Dr. Fernando Castor Amaro — Medicina geral, 14 h.
Dr. Junqueira Júnior — Boca e dentes, 17 h.
Dr. Main Mendonça — D. das senhoras (2.ª, 4.ª e 6.ª), 15 h.
Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.ª 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Rui Branco — Clínica médica, Doenças do Coração Electrocardiogramas, 15 h.
Dr. Sousa Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), às 12.30.

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

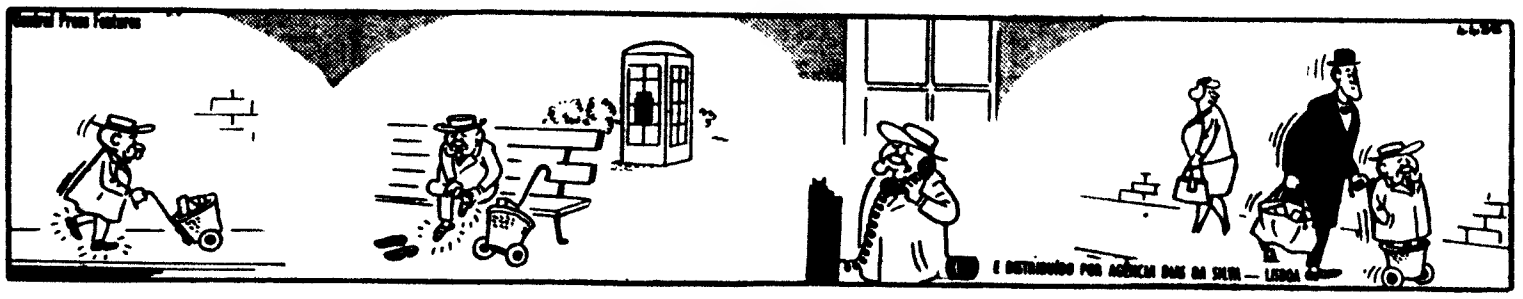
Avenida Pedro Masseel de Nóbrega, 10-B.
Telefs.: 72 76 54 72 49 79
LISBOA

LUSTRES
de sonho para a sua casa. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., D. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

## Os Peanuts

## Carol Day

## Aventuras do Tio Carlos




# Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

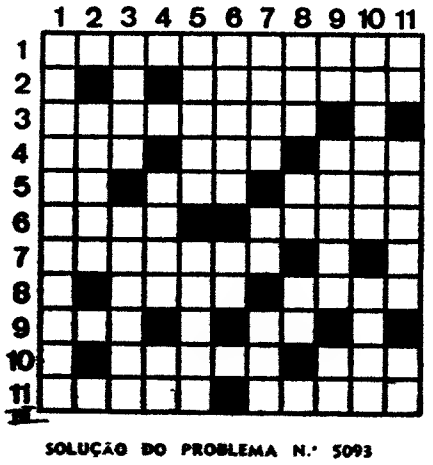
**PROBLEMA N.º 5094**

**HORIZONTAIS:** 1 — Formado. 2 — Detestais. 3 — Ledeiras muito ingremes. 4 — Pronome possessivo. As nossas pessoas. Benigno. 5 — Cabelos brancos. Unidade monetária da Argentina. 6 — Zona. Girar. 7 — Conjunto dos cabos que formam o aparelho de um navio. 8 — Rio que separa a Finlândia da Noruega. Acção de sustentar as videiras com estacas. 9 — Escalvada. Estrépito de desmoronamento. 10 — Descendente. Unidade das medidas agrárias. 11 — Escavado. Venturas.

**VERTICAIS:** 1 — Efeito produzido pela exposição ao calor. 2 — Transpirara. 3 — Nós dos dedos (prov.). Conselho. 4 — Lar. Idem (abrev.). 5 — Volta. Aspiração. 6 — Tornou obrigatório. Nociva. 7 — Irmãs dos pais. Acusada. Grande porção. 8 — Quaisquer. Rio da Itália. Pronome pessoal. 9 — Frequentava. Cidade da Palestina onde nasceu Cristo. Campeão. 10 — Afortunada. Genuíno. 11 — Artigo (pl.). Sem vida. Pertences.

**Resolveu completamente este problema?**

**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5093**

**HORIZONTAIS:** 1 — NÃO. Quimera. 2 — Dr. Um. Ui. 3 — Ate. Lisas. 4 — Cimo. Ti. 5 — HÁ. MAL. Ónus. 6 — Seita. Ara. 7 — QUE. SEMPRE. 8 — Unia. Apor. 9 — És. DURE. Era. 10 — Fel. Rimas. 11 — NEM. BEM. Só.

**VERTICAIS:** 1 — Achaques. 2 — Ão. Io. Uns. 3 — Oram. Sei. Fé. 4 — Tome. Adem. 5 — QUE. Ais. Ui. 6 — Um. Ajtear. 7 — Ampere. 8 — MUITO. Pó. Im. 9 — Era. Narrem. 10 — ATURE. Rás. 11 — Assisa. Caso.

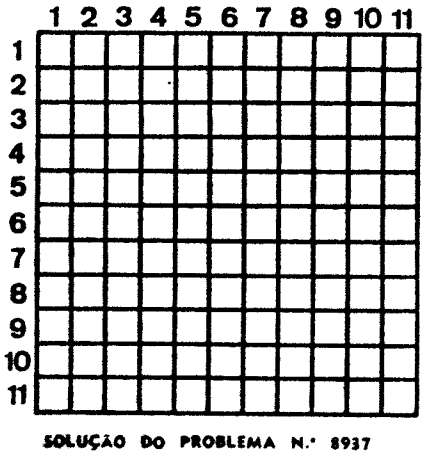
**(Provérbio: NÃO HÁ MAL QUE SEMPRE DURE NEM BEM QUE MUITO ATURE).**

(NOVA MODALIDADE)

**PROBLEMA N.º 8938**

**HORIZONTAIS:** 1—Pó indiano, de vários especiarias, para temperar a comida. Dão cor de mel a. 2 — Deliciosa. Sorte. 3 — Com. Um dos naipes das cartas de jogar. 4 — Previne. Guamecera de asas. 5 — Artigo definido. Letra grega. 6 — Abrando. 7 — Abreviatura de átomo. Espécie de andorinha. Ruim. 8 — Tecido mais ou menos transparente com que se encobre o rosto. Rio da Sibéria. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 9 — Andaria. Canapé. 10 — Rado (s.q.). Sugas o leite materno. Troça. 11 — Macacos americanos. Tiros de fígado frios.

**VERTICAIS:** 1 — Cobertura. Cidade de Portugal. 2 — Gostava muito de. Afectuoso. 3 — Caca aos pés. Interjeição de dor. 4 — Aquela que depois de morta foi rainha. Nota musical. Patrão. 5 — Casta. Curso de água natural e abundante. Campeão. 6 — Museu de Nápoles, chamado também Museu dos Estudos, célebre pelas suas colecções de obras-primas antigas. 7 — Nome de fruto. (Interjeição da ilha das Flores), o mesmo que oh! oh! Nesse lugar. 8 — Rumores. Interjeição para enxotar galinhas e outras aves. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. 9 — Coelho pequeno. Pedra moinho. 10 — Planta vivaz e medicinal. Vila e sede de concelho (Lisboa). 11 — Nome dado a duas grandes batalhas travadas em França no decurso da primeira Guerra Mundial. Triviais.



**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8937**

**HORIZONTAIS:** 1 — Asado. Ópera. 2 — Raxar. Romeu. 3 — Al. Do. El. Fr. 4 — Roca. Afie. 5 — Ama. Coi. Ufo. 6 — Estorreja. 7 — Aal. Mira. 8 — As. Cá. Ar. Mi. 9 — Botão. Oásis. 10 — Rejo. Soas. 11 — Era. Réu. Lia.

**VERTICAIS:** 1 — Arara. Sabre. 2 — Salomé. Soar. 3 — Al. Casa. Tia. 4 — Dado. Tacão. 5 — Oro. Calão. 6 — Bar. Pê. 7 — Ore. Irmão. 8 — Pote. Eiras. 9 — Em. Fuja. Sol. 10 — Refila. Mai. 11 — Aurea. Misso.

## HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Fevereiro de 1939 publicava:

«**Burgos, 20 — A emissora nacionalista difundiu, mais uma vez, comentários aos ecos da imprensa francesa que se mostra de repente interessada, de uma forma extraordinária, por uma próxima vitória da Espanha nacionalista, fazendo ao mesmo tempo alusão á importancia das riquezas naturais da Espanha. Na referida emissora disse-se que, em comparação com estes recentes ecos, é necessário recordar na Espanha nacionalista a atitude da França durante os ultimos dois anos.**»


## CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$0, e 725$00 no caso de não terem vaga nas camaratas com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e os 34 anos.

Resposta a este jornal, ao n.º 218.

## ALUGA-SE

**Prédio na Rua Nova da Trindade, 24, inteiramente novo, para comércio ou escritório c/ loja, 3 salas, 2 casas de banho. Trata tel. 32 80 10.**

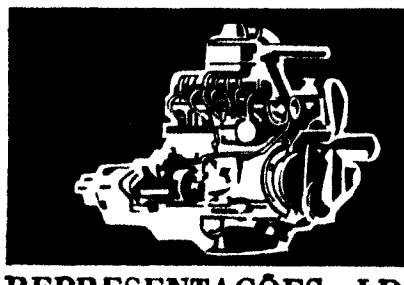
DESENGORDURANTE INDUSTRIAL A FRIO

Jizer.

Rápido
Eficiente
Económico

NÃO É CÁUSTICO
TÓXICO NEM CORROSIVO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS



Danisol REPRESENTAÇÕES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C.-D. TELEFS. 4 53 37 / 53 08 40 LISBOA-1

## AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA ELECTRO-MECÂNICA

**Admite importante Empresa Industrial para prestar serviço em Moçambique, na região da Beira.**

**Resposta com curriculum vitae a L. 766 Havas, Rua Áurea, 242 — Lisboa.**

## DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros de lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL
R. CONDE REDONDO 14-2º
TELEFS. 52248 556580

J. PIMENTA S.A.R.L.

# ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

*Apartamentos Mobilados*

**190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS**

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

**ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA**
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

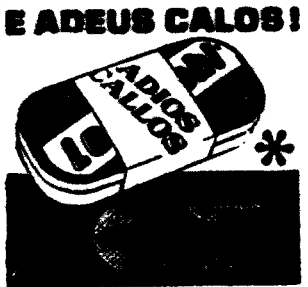
Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 4 78 43
QUELUZ: Rua D Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



NÃO TENHA CALOS*

TENHA ADIOS CALLOS E ADEUS CALOS!




Danisol
REPRESENTAÇÕES, LDA.
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 28 R/C-D
TELEFS. 4 53 37 / 73 08 40 • LISBOA-1


## SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE CINEMA

**ASSEMBLEIA GERAL**

Comunica-se que a sessão ordinária da Assembleia Geral, para apreciação do Relatório e Contas de 1968 e eleição dos corpos gerentes para o triénio 1969-1971, se realiza no próximo domingo 23 do corrente, pelas 9 horas e 30, na sala de sessões da **ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA — Rua das Portas de Santo Antão, n.º 89.**


**CAVALHEIRO** de 33 anos (...), **deseja trocar correspondencia** com meninas dos 24 aos 30 anos (...) Foto. Assunto sério.

Escrever para Mário Graça Gonçalves — Apartado N.º 2 — Cuma — Angola


**Em ALVALADE-SADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.**


COMPRO E PAGO BEM DENTES DE CACHALOTE

Só antigos gravados

RAINER — Tel. 283789 — CASCAIS
Rua Visconde da Luz, 9



Máquinas de escrever «BROTHER»
aceitam-se agentes
Av. Almirante Reis, 10-C



# ÁGUAS DE CARVALHELHOS

ÁGUAS DE

BELARTE

*«As ÁGUAS DE CARVALHELHOS devem ser consideradas como constituindo um tipo SUI-GENERIS que não tem outro representante nem em PORTUGAL nem no ESTRANGEIRO». (*)*

* DO RELATÓRIO DE ANÁLISE FEITA EM 21 DE JUNHO DE 1919, DO EX.mo PROFESSOR DR. CHARLES LEPIERRE

# POSTA RESTANTE

TERESA AGUIAR — *Lisboa* — Esse seu desejo de visitar os Estúdios da R. T. P., em funcionamento, deve ser fácil de contentar. Escreva, porém para o Serviço de Relações Exteriores da Radiotelevisão Portuguesa, Alameda das Linhas de Torres, 95, Lisboa, a pedir autorização.

JÚLIO VIANA — *Porto* — Por enquanto, a R. T. P. não tem possibilidades técnicas para a impressão de legendas em videotape, razão porque... Talvez em breve... Quem sabe?

AGOSTINHO LOURENÇO — *Lisboa* — Tem sorte o nosso consulente. No próximo dia 9 de Março pode ver, no primeiro programa, ou programa nacional, pelas 22 e 25 a sua série policial preferida «Os vingadores», com Patrick Mac Nee e Diana Rig nos principais papéis.

CARMEN VILHENA — *Lisboa* — É pena, mas o programa a que se refere — «Os Três Mosqueteiros» — da R. A. I. «Biblioteca Estúdio Uno» não voltará a ser apresentado. Nem no programa do emissor de U. H. F.

JOÃO NACIMENTO — *Porto* — A quem pertence a culpa da não transmissão directa, pela televisão, do jogo de futebol Benfica-Ajax? A R. T. P. tenta para servir os seus milhões de espectadores e neste capítulo, a batalha vem de longe. Mas...

NOTA — Todos os leitores do «Diário de Lisboa» podem enviar perguntas com as suas dúvidas quanto a assuntos relacionados com televisão a Posta Restante — Página da TV — «Diário de Lisboa».

# dia a dia

## HOJE PODE VER...

## 2.° PROGRAMA

### «EXPEDIÇÃO» E «MAIORAL»

«EXPEDIÇÃO E «MAIORAL» são as rubricas que preenchem a emissão desta noite. «Expedição» dedica o seu documentário á caça com arco e flecha, tal como a praticam os nativos da República de Tchad. Em «O Maioral» os habituais intérpretes Lee J. Cobb, James Drury, Gary Clark, Doug McClore e Roberta Shore, vivem, no episódio de hoje intitulado «Um criminoso na cidade» a história de um caçador de bandidos com a cabeça a prémio, que se vê indeciso entre prender quem lhe salva a vida, ou deixar em liberdade um possível assassino... Este episódio é exibido pelas 22 e 15 e em estreia.

AMANHÃ — **1.° Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Filme Infantil; 20: Sangue na Estrada; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 45: «Orçamento Geral do Estado para 1969»; 21 e 30: Telejornal, 21 e 55: Noite de Cinema — «Uma Rapariga sem Nome»; 23 e 40: Telejornal, Meditação e Fecho.

**2.° Programa** — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Belphegor»; 22 e 15: Culinária; 22 e 45: Concerto, 23 e 35: Telejornal e Fecho.

Yehudi Menuhin, considerado o maior violinista do mundo, é solista no concerto desta noite; Herbert Von Karajan dirige a Orquestra Sinfónica de Viena

## AUDITÓRIO MUSICAL: UM CONCERTO DE MOZART

INTEGRADO na rubrica «AUDITÓRIO MUSICAL» é transmitido, cerca das 22 e 25, um concerto em lá maior para violino e orquestra de Wolfgang Amadeus Mozart, a cargo da Orquestra Sinfónica de Viena, sob a direcção de Herbert Von Karajan. Solista o grande e consagrado Yehudi Menuhin. Realização de Henri Clouzot

## NOVA SÉRIE: DAVID COPPERFIELD

*A R. T. P. transmite hoje, pelas 21 e 55, a primeira parte do primeiro episódio do romance de Charles Dickens «David Copperfield», adaptado á televisão por Anton Giulio Mapano, e que a R. A. I. (Radiotelevisão Italiana) produziu.*

*No primeiro episódio assistiremos ao nascimento de David Copperfield: Os seus primeiros contactos com as fraquezas e grandeza humanas David aprende o valor da palavra amizade e o significado do amor.*

*Intérpretes principais deste episódio nas figuras de David Copperfield «quando rapaz», Roberto Chevalier, Dora Spenlow — Wickfield — Anna Maria Laura Efrikian e Agnes Guarnieri.*

Numa adaptação italiana para a TV, «David Copperfield» está, a partir de hoje no pequeno «écran» do programa nacional

## ACTUALIDADE DESPORTIVA

COM COMENTÁRIOS do jornalista Alves dos Santos, é apresentado, pelas 23 e 25, um resumo filmado do desafio de futebol «Benfica-Ajax» a contar para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus de Futebol».

# Rádio

**PROGRAMAS DE HOJE**

**EMISSORA — 1.° Programa** — 45: m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica de sonho; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 19.° Episódio do Folhetim «A Casa da Nespereira»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pela James Last Band; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «O Assassino de Macário», de Camilo Castelo Branco, em adaptação de Leopoldo de Araujo — intérpretes Lurdes Norberto, José Viana, Manuel Correia, Maria José; 1: Fecho.

**2.° Programa** — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.° e 2.° actos da ópera «Pelleas e Melisande» (Debussy); 18 e 05: Musica do Século XX — Obras de Vaughan Williams; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português — Musica Regional da Beira-Alta recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Musica de Piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental; 20 e 30: Concerto pelo coro de Santa Cecília, sob a direcção de Álvaro Malta; 21: Concerto em Lá Maior para violino e orquestra (Haydn); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de canto e piano por Maria Luísa Balete e José Carlos Picoto — O Ciclo «Vida e Amor de uma Mulher» (Schumann); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

**2.° Programa** (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: «Deus Judicium Tuum Regi Da» — motete (Telemann); 0 h.: Musica Sinfónica — «Viagem a Reims» — abertura (Rossini); 1: Fecho.

**RÁDIO UNIVERSIDADE** — 450 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura e 1.° disco; 19 e 15: Nova Musa; 19 e 32: U. R. I.; 19 e 50: Fecho.

**RÁDIO CLUBE** — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

**Modulação de frequência** — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

**Radiodifusão Difusora** — 283,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

**RÁDIO RENASCENÇA** — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Cartaz musical da América Latina; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados e guitarradas; 21 e 45: Melodias romanticas; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**Estação do Porto** — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada, 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA** — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

# canal da crítica

## FUTEBOL, ENTÃO? SIM, MAS EM MILÃO!

**Parecia que iríamos ter um serão extremamente tranquilo. Eu via o Vinícius metido novamente no barulho e não entendia. E fui sempre pensando: pois sim, aquilo é para dar o Benfica e depois como o Vinicius veio ainda há tão pouco tempo, ninguém protesta pela substituição. É claro, ninguém protestava.**

**Afinal Benfica não houve. À última hora, mesmo à última, tão à última que ninguém percebeu patavina quando se leu «Directamente de Milão...», à última hora tivemos o espectáculo da transmissão do desafio entre o Milão e o Celtic.**

**Há males que vêm por bem. Esta emissão proporcionou-nos a ocasião de aumentar o nosso cabedal de experiências. Já tínhamos visto jogar futebol debaixo de sol, debaixo de água, debaixo de almofadas: faltava-nos ver jogar debaixo de neve. E se ela caía! Tanta que Eusébio, se lá estivesse, ficava branco, branco como um cordeirinho branco.**

Tem graça! A Emissora Nacional, pouco além das 22 e 30, diz que o Celtic e o Milão empataram a zero bolas. Mau! Aquilo que nos fora anunciado não era uma transmissão em directo, mas sim um directo-diferido, ou seja, registado e transmitido pouco depois.

Enquanto o Celtic e o Milão atacam vez á vez, o Benfica perde por três a zero. Os jogadores, naquele momento, não apresentariam a calma que apresentavam na terça-feira de Carnaval, quando assistiam, no «Teatro ABC», á revista «Elas é que sabem». Até porque, enfim, o Ajax não valia grande coisa.

Diz-se que as bancadas da Luz estão praticamente vazias. Pois é. E dos livros. No desporto de competição a possibilidade da glória do seu clube é o grande motor das massas, uma espécie de transferência de poderes. A intensidade das massas varia na razão directa do interesse competitivo.

E agora. Agora vocês que-

(Continua na página seguinte)

# EMERSON ELECTRONICS

TEM A HONRA DE INFORMAR QUE NOMEOU SEUS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL PARA A VENDA DOS SEUS REPUTADOS

## FRIGORÍFICOS EMERSON

EST. M. SIMOES JR., S. A. R. L.

46, RUA DA CONCEIÇÃO — LISBOA

# EST. M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

46, RUA DA CONCEIÇÃO — LISBOA

COMUNICAM COM A MAIOR SATISFAÇÃO QUE FORAM NOMEADOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL DOS CONCEITUADOS

## FRIGORÍFICOS EMERSON


# Bolsa de Lisboa

| FUNDOS DO ESTADO | Efec. | Comp. | Vend. |
|---|---|---|---|
| Consolidado 4 3/4% | — | 520$ | 525$ |
| Consolidado 5% | — | 543$ | 545$ |
| Consolidado 5 1/2% | 653$ | 655$ | 655$ |
| Centenários 4% | — | — | — |
| Obrig. Tesouro 5% | 1.006$ | 1.000$ | 006$ |
| Externo — Série | — | 580$ | 600$ |
| Externo — Série A | — | 680$ | 720$ |
| Externo 5% — Série | — | 720$ | 800$ |
| Externo 5% — Série A | 880$ | 850$ | 880$ |
| Caixotes — Série | — | 175$ | 400$ |
| **OBRIGAÇÕES** | | | |
| Água Lisboa 5% | — | 465$ | 490$ |
| A. P. L. 5% 56 | — | — | 975$ |
| A. P. L. 5% 58 | — | — | — |
| [illegible] 5 1/2% 60 | 970$ | — | 925$ |
| [illegible] 5% 61 | — | 1.020$ | — |
| U. E. 6% | — | 1.012$ | — |
| U. E. 6% 68 | — | 1.000$ | 002$ |
| Elect. 4% 48 | — | 860$ | — |
| Elect. 4 1/2% 51 | — | 900$ | 915$ |
| Elect. 5% 52 | — | 920$ | — |
| Elect. 5% 56 | — | 930$ | — |
| Elect. 5% 57 | — | 935$ | — |
| Elect. 5% 62 | — | 940$ | — |
| Elect. 5% 63 | — | 940$ | — |
| Elect. 5% 67 | 1.030$ | 030$ | 1.035$ |
| H. E. Alentejo 5% | 845$ | 845$ | 850$ |
| H. E. Lávado 5% | 840$ | 835$ | 840$ |
| H. E. Lávado 6% | — | — | 999$ |
| H. E. Douro 5% | 840$ | 840$ | 845$ |
| H. E. Douro 6% | 998$ | 997$ | 999$ |
| H. E. Norte Port. 5% | — | — | 850$ |
| H. E. Setúbal 6% | — | 999$ | — |
| H. E. Zêzere 5% | — | 855$ | — |
| H. E. Zêzere 5% 57 | — | 855$ | 875$ |
| Lisnave 6% | — | 1.006$ | 1.010$ |
| Metropolitano 4% | — | 900$ | — |
| Metropolitano 5 3/4 % | — | 1.030$ | 1.040$ |
| Moçambique 5% | — | 780$ | — |
| Nac. Electr. 5% | — | 875$ | — |
| Nitratos 5% | — | 810$ | — |
| Nitratos 5% 60 | — | 810$ | — |
| Petroquímico 5% | — | 800$ | — |
| Port. Celul. 5% | — | — | — |
| Sapec 5% 54 | — | 930$ | 960$ |
| Siderr. 5% 60 | — | — | — |
| Siderurgia 5% 2.ª | 825$ | 830$ | — |
| Siderurgia 5% 3.ª | 825$ | 830$ | — |
| Siderurgia 5% 4.ª | 825$ | 830$ | — |
| Sonete 5% | 820$ | 825$ | 825$ |
| T. A. P. 4% | — | — | — |
| Termoelect. Port. 5% | — | 840$ | 850$ |
| U. E. P. 3 3/4% | — | 825$ | — |
| U. E. P. 4% | — | 890$ | — |
| U. E. P. 4 1/2% | — | 875$ | — |
| U. E. P. 5% | 825$ | 825$ | 835$ |
| U. E. P. 5% 60 | 830$ | 830$ | 840$ |
| U. E. P. 5% 63 | — | — | — |
| **ACÇÕES** | | | |
| **Bancos** | | | |
| Agricultura | 975$ | 975$ | 977$ |
| Alentejo | 657$ | 656$ | 660$ |
| Angola | — | 1.750$ | 1.800$ |
| Burnay | — | — | — |
| Créd. Predial | — | 1.900$ | 1.950$ |
| E. Santo | — | 13.500$ | — |
| E. Santo n. | — | — | — |
| Fonsecas & B. | — | 13.100$ | 13.300$ |
| B. Açores p. | — | 4.100$ | — |
| B. Açores n. | — | — | — |
| B. Atlântico p. | — | — | — |
| Portugal n. | — | — | 2.410$ |
| Portugal p. | — | — | 2.800$ |
| Ultra Atlântico | 4.850$ | 4.850$ | 4.860$ |
| Ultramarino n. | — | 1.665$ | 1.680$ |
| Ultramarino p. | 1.850$ | 1.840$ | 1.860$ |
| **Seguros** | | | |
| Alentejo | — | 65$ | 75$ |
| Douro | — | — | 980$ |
| Mundial | 510$ | — | 510$ |
| Sagres | — | — | — |
| Tranquilidade | — | 40.000$ | 45.000$ |
| Ultramarino | — | 8.500$ | — |
| **Ultramarinos** | | | |
| Açúcar de Angola | — | 755$ | 770$ |
| Ag. Cassequel | — | 570$ | 590$ |
| Ag. Incomati | — | — | — |
| Ag. Vouga | — | — | — |
| Ag. Tomé e Príncipe | — | — | — |
| Boror | — | 200$ | 250$ |
| Buz | 67$ | 67$ | 67$5 |
| Cabinda | 179$ | 178$ | 179$ |

| Ultramarinos | Efec. | Comp. | Vend. |
|---|---|---|---|
| Diamantes Angola | 1.410$ | 400$ | 1.410$ |
| H. & Revué | — | 580$ | 585$ |
| Hot. do Príncipe | — | — | — |
| Moçambique | 79$ | 78$5 | 79$5 |
| Sonefe n. | — | — | — |
| Sonefe p. | 369$ | 368$ | 370$ |
| Zambézia | 53$5 | 53$ | 53$5 |
| **Diversos** | | | |
| Jodo | — | 6.900$ | 7.100$ |
| Lem. Verde | — | 2.500$ | 2.750$ |
| Lem. Teve | 4.000$ | 3.950$ | 4.[illegible] |
| Sul Navegação | 670$ | 665$ | 680$ |
| [illegible] | — | 1.050$ | 1.100$ |
| [illegible] | — | — | 700$ |
| Ing. Aliança | — | 1.700$ | — |
| Nac. Navegação | — | 2.300$ | 2.320$ |
| Petrodutro | 1.220$ | 1.273$ | 1.229$ |
| Port. e Colónias | — | — | 3.250$ |
| Port. Ind. Vidro | — | — | 700$ |
| Port. Pesca | 517$ | 516$ | 5.9[illegible] |
| Port. Tabacos | — | 4.770$ | 4.800$ |
| Sacor | — | — | 1.240$ |
| Siderurgia Nac. | — | 2.170$ | 2.190$ |
| Vaco | 5.[illegible]7$ | 5.[illegible]6$ | 5.[illegible]9$ |
| Tabacos de Portugal | 10.900$ | 0.850$ | 1.000$ |
| Tabaqueiro | 750$ | 750$ | 751$ |
| J. Ascte | | | |
| **Agua Electr. Gás** | | | |
| Aguas Lisboa 3 | — | 390$ | — |
| Aguas Lisboa 4 | — | 405$ | 415$ |
| Aguas Lisboa 5 | — | 395$ | — |
| Electr. Beira | — | 525$ | 540$ |
| Gás Electr. | 393$5 | 393$ | 394$ |
| H. E. Alto Alentejo | — | 162$5 | 164$ |
| H. E. Lávado | — | 1.275$ | 1.285$ |
| H. E. Douro | 1.270$ | 1.269$ | 1.273$ |
| H. E. Norte Portugal | — | 305$ | 310$ |
| H. E. Setúbal | — | 1.700$ | 1.800$ |
| H. E. Zêzere | — | 1.320$ | — |
| Nac. Electricidade | — | — | 1.350$ |
| Termoelect. Port. | 1.350$ | 1.345$ | 1.350$ |
| U. E. P. | — | 95$ | — |
| **FUNDOS DE INVESTIMENTO** | | | |
| F. I. Atlântico | — | 1.156$8 | 1.161$5 |
| F. I. D. E. S. | — | 1.105$4 | 1.108$6 |

## ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

| | 13/2/69 | 19/2/69 | 20/2/69 |
|---|---|---|---|
| GERAL | 112,5 | 112,4 | 112,1 |
| METROP. | 109,0 | 109,6 | 109,5 |
| ULTRAM | 131,4 | 132,6 | 130,9 |

| PAISES | Compras | Vendas |
|---|---|---|
| Africa do Sul — Rands | 36$00 | 38$50 |
| América | | |
| — Dólars de 1 a 2 | 28$20 | 28$60 |
| — Dollars de 5 a 1000 | 28$40 | 28$80 |
| Canadá — Dollar | 26$30 | 26$80 |
| Alemanha — Marco | 7$02 | 7$24 |
| Austria — Schilling | 1$08 | 1$15 |
| Brasil — Cruzeiro Novo | 5$50 | 7$50 |
| Espanha — Peseta | $39,7 | $41,2 |
| Holanda — Florim | 7$78 | 8$03 |
| Inglaterra — Libra | 67$00 | 69$50 |
| Itália — Lira | $04,45 | $04,65 |
| Marrocos — Dirham | 4$75 | 5$25 |
| Bélgica — Franco | $53,5 | $56,5 |
| França — Franco | 5$30 | 5$80 |
| Suiça — Franco | 6$52 | 6$72 |
| Dinamarca — Coroa | 3$65 | 4$00 |
| Noruega — Coroa | 3$80 | 4$10 |
| Suécia — Coroa | 5$40 | 5$70 |
| **Ouro:** | | |
| Inglaterra—Libra Isabel | 325$00 | 340$00 |
| Inglaterra — 1/2 Libra | 260$00 | 280$00 |
| Ouro fino — Barra | 39$00 | 40$50 |


J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito
Tel. 321173


# canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

rem apostar que ontem a rádio, durante cerca de uma hora, teve mais espectadores que a televisão? Ontem, a Rádio conheceu os momentos da passada glória

Ninguém terá reparado, infelizmente, na excelência da realização da partida milanesa. Qualquer coisa de notável em reportagens desportivas: pela primeira vez vimos marcar um «canto» com o telespectador situado no enfiamento da linha de fundo, mesmo ao pé da bola...

## TELEVISÃO EM CAMA RALENTA

Depois da «mulher elegante» aconteceram algumas coisas, não digo feitas de coisa nenhuma, mas que de alguma coisa poderiam ter sido feitas. O que não foram.

Eu ainda tive ilusões, mal a que sou muito atreito. Isso aconteceu quando o capitão Lélio Ribeiro, no «Desporto em câmara lenta», se referiu á ginástica portuguesa e falou a certa altura de uma «operação de futuro no respeitante á ginástica com vista aos Jogos Olímpicos de Munich, em 1972. «Tão entusiasmado estava o capitão que eu até pensei: vamos ter notícia sensacional, vamos saber coisas, ver coisas, da «operação futuro».

Não. Afinal, não. Não vimos. Não ouvimos. Não, três vezes não. O que vimos foi a célebre e jovem ginasta francesa a preparar-se para os Jogos e como também é professora, «já vai preparando a criançada, ensina-lhes os primeiros exercícios. Essa «criançada» (que palavra tão feia, capitão!) é que traz em si as sementes dos futuros ginastas. A «operação futuro» temo-la aí. O resto são ilusões que a proximidade do Atlântico torna muito, muito, muito azuis. E muito perigosas.

Eu ainda gostava de falar um pouco dessa incrível salada que se chamou «Notícia das Artes Plásticas», onde Mário de Oliveira ombreou com Artur Paleólo, onde Sereno ombreou com Jorge Barradas. Não, não aprecio nada estas saladas, sou alérgico aos ajuntamentos.

Uma coisa, uma só, me preocupa. Na «Mulher elegante», aquele manequim dos cabelos grandes trazia uma fivela dourada muito gabada por Maria Leonor. Só não me lembro se a fivela era no cinto ou nos sapatos. Despistei-me. Agora parece que se usa muito aquilo. Refiro-me ao muito cabelo e á quase nenhuma saia. Ora dizia eu que a fivela... — *M. C.*

# Abateu o pavimento de um dos acessos à ponte sobre o Tejo

Em consequência de novo deslize das terras argilosas que constituem a maior parte dos montes do lado Norte dos acessos á ponte sobre o Tejo, abateu o pavimento de um dos ramais, entre a Avenida de Ceuta e a Avenida Gulbenkian, uns 300 metros antes do Aqueduto das Águas Livres.

O caso ocorreu cerca das 6 horas de hoje. O Gabinete da Ponte sobre o Tejo tomou imediatas providências e, pouco depois, numerosos agentes da P. V. T. e da P. S. P. orientavam o transito no local. Foram colocados sinais e reorganizado o sentido do tráfego no local, que passou a ter de fazer-se, nos dois sentidos, nas vias de acesso que, até aqui, tinham sentido único.

Quem vem de Alcantara para a Avenida Gulbenkian tem de virar á esquerda, perto daquele aqueduto, subir para o ramal superior e voltar a descer.

O Gabinete da Ponte não pode ainda pronunciar-se sobre quanto tempo vão demorar as obras de consolidação do pavimento.

## LUIS MANUEL JUNQUEIRO PINTO

9 ANOS DE SAUDADE

Seus pais e irmão participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 21, ás 19 horas, na igreja de São João de Deus, agradecendo a quantos se dignarem participar neste piedoso acto.

## D. MARIA LUIZA DE GOUVEIA MIRANDA SÁ

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

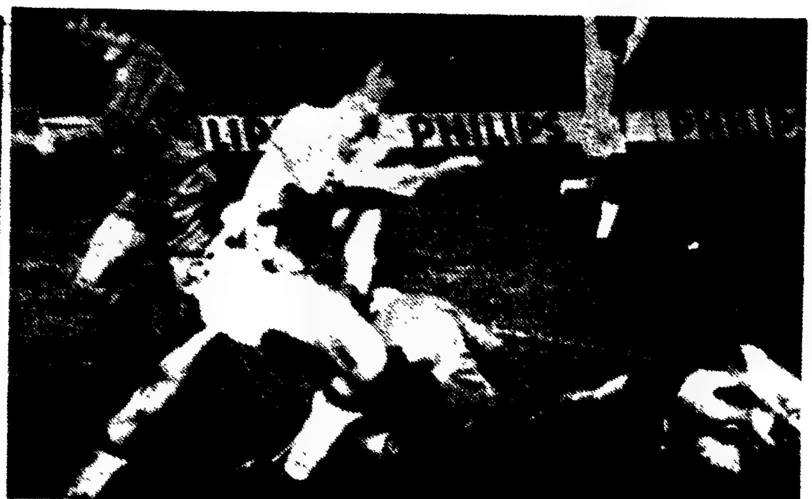
Victor Gouveia Gomes Sá, João Victor e José Miguel Gouveia Miranda Sá, Maria Augusta Cardoso de Gouveia e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar A Sua Divina Presença a sua muito querida esposa, mãe, filha, e parente e que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 21, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Brito para o cemitério do Lumiar. Pelas 10.30 horas será celebrada Missa de Corpo Presente.


FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef.: 51496


No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

ANTES: Impelido por Cruyff o esférico ultrapassou já José Henriques a caminho da rede benfiquista. Era o 2-0



DEPOIS — O guarda-redes do Benfica e Cruz estão no chão, desolados. Os holandeses, exuberantes, denunciam a sua grande alegria. O «impossível» está perto

## NO ESTÁDIO DA LUZ, PARA A «TAÇA DOS CAMPEÕES»

# NA FRONTEIRA DO «IMPOSSÍVEL»

Sensacionalmente o Benfica perdeu, ontem à noite, no seu próprio estádio, a vantagem — merecida vantagem — que soubera conquistar ao Ajax, campeão holandês, no jogo da primeira mão desta terceira eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus» de futebol.

Esse meritório êxito da turma portuguesa, que parecia marcar o retorno a uma aura de glória, sofreu ontem o mais formal desmentido. Depois da euforia, do entusiasmo, o segundo confronto com os homens da Holanda terá gerado as mais díspares reacções, certamente caracterizadas por sinal oposto àquele que oito dias antes identificara a exibição de jogadores que surgiam de novo na ribalta do futebol europeu, outra vez sedentos de fama, decididos a desfazer as nebulosas que empalideciam o seu prestígio de excepcionais futebolistas.

Duas faces distintas teve, portanto, o labor dos campeões nacionais neste terceiro capítulo da mais importante prova do futebol europeu, nesta sua edição de 1969. Dois perfis antagónicos, diferentes, como se em continentes de luz e sombra se situassem uma e outra das actuações do Benfica. Duas jornadas que dão azo a uma impertinente interrogativa: em qual delas esteve o verdadeiro Benfica?

### Comentário de Encarnação Viegas

**Depois de uma análise serena e, vencidas já, as vibrações de um e outro jogo, mas sobretudo aquelas mais recentes, não será difícil encontrar a resposta: «no meio termo estará a virtude».**

**Exactamente! Se as virtudes e os lapsos alardeados pelo conjunto benfiquista não forem projectados em progressão tamanha que não permita a apreciação em pormenor pelo excesso dimensional da imagem, poder-se-á talvez, com diminuta margem de erro, aquilatar da valia actual do quadro de Otto Glória e, sobretudo, do que dele poderá esperar-se no terceiro desquite a que Paris vai assistir, e que decidirá do futuro das duas equipas — a do Benfica e a do Ajax — na competição.**

**E nem nos parece que possamos ser acusados de, em demasia, partir das premissas oferecidas pela partida de Amesterdão. Será a forma mais fácil de se compreender o que ontem se passou na Luz, de explicar este malogro do representante português na prova, malogro que, felizmente, ainda poderá ser remediado. De mal o menos.**

***É frequente e, por mais que os*** [illegible]

*o contrário, gerar-se na mente dos futebolistas, após um triunfo concludente como foi o do Benfica em Amesterdão, a ideia de que o adversário, por mais frágil, não terá outro remédio senão submeter-se à imolação. Esse estado de espírito terá sido o primeiro «grande culpado» do perigo que o Benfica correu de ser eliminado na sua própria casa. O outro, que aqui citamos em segundo lugar, mas que nem por isso poderá situar-se num escalão de menor importancia, foi o próprio Ajax. Haverá ainda um terceiro motivo, mas esse, por consequência natural, advém (precisamente) da existência dos dois primeiros: o descontrole dos jogadores portugueses.*

*Porque os visitados começaram mesmo o jogo em ar de «grandes senhores». Serenidade completa, tranquilidade e confiança num êxito que começara já a esboçar-se oito dias antes. Os benfiquistas, ainda que nos primeiros minutos não tivessem, logo, conseguido impôr a limpidez do seu futebol, denunciavam, no entanto, em confronto com os robustos holandeses, uma supremacia técnica e individual tais, na forma de subjugar o esférico, que fácil se tornaria prever, que essa hegemonia teria, necessàriamente, de reflectir-se no resultado final. Um resultado que era já favorável ao Benfica. E apesar da insuficiente capacidade de penetração na grande área contrária que começava já a adivinhar-se nos dianteiros portugueses, esperar-se-ia que o tempo fizesse ruir a poderosa barreira que os holandeses erguiam às pretensões dos campeões nacionais. O tempo é... a técnica.*

[illegible] foi tomado em consideração o «afinco» feito aos oito minutos, quando Swart, em posição irregular assinalada pelo árbitro, fez o esférico tranapor pela primeira vez o risco branco da baliza confiada a José Henrique. O Benfica era melhor equipa e, lógicamente, teria de ganhar — pensava-se dentro e fora do rectangulo.

Porém, ainda antes do quarto de hora já os holandeses ganhavam por 2-0. Dois golos desse excelente CRUYFF a culminar outros tantos lances desenvolvidos pelo flanco direito da defesa «encarnada» a acusar já uma oscilação que seria uma constante durante os noventa minutos do desafio. Depois num e noutro campo modificaram-se as condições psicológicas: esperança convicta dos holandeses; duvidas, perturbação, descontrole dos benfiquistas. E tantos foram os lapsos por estes cometidos nas operações de cobertura da sua baliza que os adversários puderam ainda voltar a violar a rede de José Henrique, por intermédio de KEISER que voltou a tirar partido de mais uma «fifia» dos defensores portugueses.

E nem sequer o intervalo serviu para serenar. Na segunda metade voltou a assistir-se por banda dos campeões de Portugal a uma descolorida e desoladora actuação, a que nem sequer o golo alcançado por Torres, quando ainda faltava tempo bastante para decidir a eliminatória, pôde impulsionar, não diremos para superior craveira técnica, mas para um futebol de frenesi e nervo capaz de derrotar o porte físico e a generosidade de que os holandeses continuavam a dar indesmentíveis provas. O Benfica, contrariando todas as previsões, via-se coagido a discutir em terreno neutro uma qualificação que teve na mão

## AS EQUIPAS

**BENFICA — José Henrique; Jacinto (Adolfo), Humberto Coelho, Raul e Cruz; Coluna e Toni; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões (José Augusto).**

**Suplentes não utilizados: Abrantes, Humberto Fernandes e Praia.**

**AJAX — Bals; Sourbier, Hülshoff, Vasovic e Dunvenbode; Groot (Naninga), Pronk (Svurenbonk) e Swart; Danielson, Cruyff e Keizer.**

**Suplentes não utilizados: Sturg, Müller e Mühren.**

**Arbitro: o italiano Sbardella.**

•

Convencido, depois de Amesterdão, que o Benfica não era ainda aquela equipa decrépita que lhe parecia ter visto nas suas vindas a Portugal, Rinus Michels (o treinador do Ajax) terá agora insistido com os seus jogadores de que só através de um invulgar estoicismo, de uma generosidade e aplicação, só possíveis em jogadores de excelente índice físico, se tornaria admissível a eliminação do grupo português. E os jogadores acreditaram no seu treinador. No treinador e neles próprios. Bastará recordar-se a convicção com que os holandeses se bateram, a decisão e firmeza de que revestiram todas as suas ofensivas para se acreditar que, pelo menos os que estavam no rectangulo, admitiam a hipótese de eliminar o adversário. E estiveram á beira de consegui-lo.

Para tal Rinus Michells procurou explorar a tendência habitual de Jacinto para se adiantar no terreno em apoio aos companheiros da vanguarda. «Meteu-lhe» sempre pelas costas um dianteiro, normalmente Cruyff, recuando por seu turno o magnífico Keiser sem que no entanto lhe coartasse as iniciativas ofensivas. E como o extremo-esquerdo holandês não poucas vezes, mercê de apreciável trabalho de pés, progrediu no terreno e pôde ludibriar Jacinto e Humberto que vinham em auxílio deste, dessa forma se processava o desequilíbrio no ultimo reduto dos «encarnados», incapaz de se entender com aqueles «latagões» que não hesitavam em «meter o pé» nos lances de choque e que por via do seu maior poder atlético ganhavam os ressaltos que os homens de Otto Glória pareciam não saber evitar. Danielsson também algumas vezes se meteu pelos flancos da confusa defesa adversária. E quando o fez, contribuiu tambem para aumentar o desnorte

Mas para além da ardilosa (e rendosa) forma de confundir o antagonista, impressionou, sobremaneira, nos holandeses, a forma como barraram a Eusébio e seus pares a progressão para a baliza de Bals. Nem uma nesga de terreno na zona fronta, para o remate. E nos corredores laterais (que o Benfica não explorou como seria de esperar) havia sempre dois jogadores holandeses prontos a «cair em cima» do benfiquista que por ali conduzia o esférico. E quando chegaram a 3-0, já então Vasovic aparecia como «libero» atrás dos companheiros pronto a socorrê-los quando fosse necessário. E que bem se desempenhou da tarefa jugoslavo!

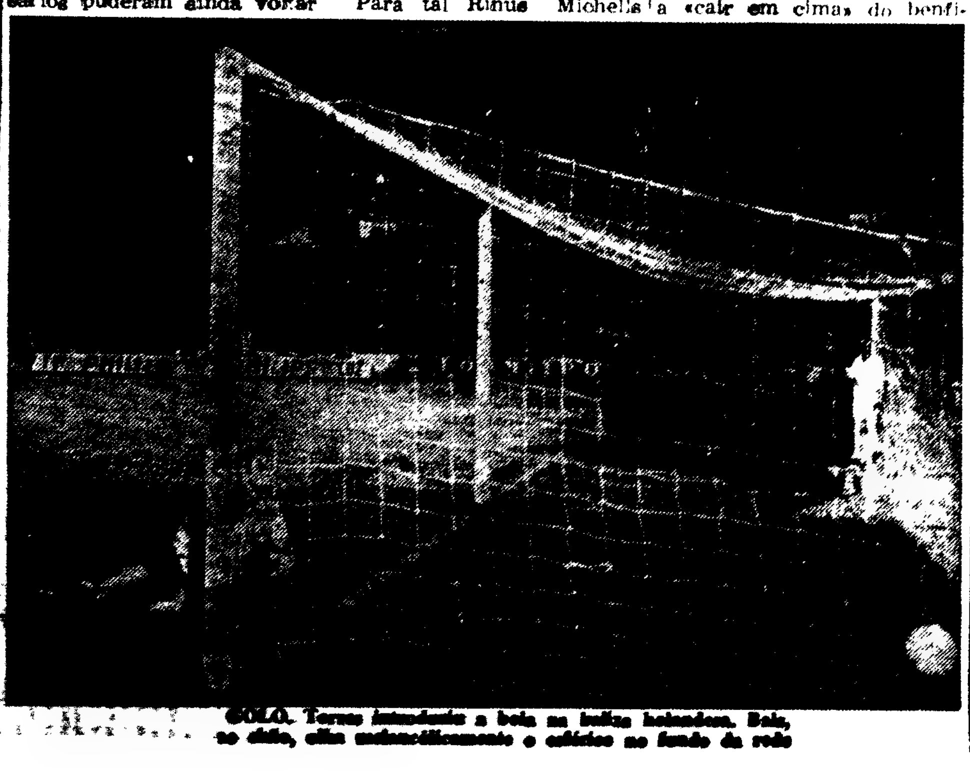
## BENFICA, 1
## AJAX, 3

No entanto não era nad[a] de novo. Nenhum sistem[a] que o Benfica não tivesse en[contrado] já nas suas deam[bulações] pelo mundo do fu[tebol]. Apenas um sistem[a] que «estoirou» com os cabou[cos] do edifício psíquico do[s] benfiquistas. E isso foi bastante para transforma[r] em pesadelos os sonhos d[e] qualificação. Veremos po[r] quanto tempo

•

Do lado holandês, três jo[gadores] irão ser recordados por algum tempo em Lisboa: Keiser, Cruyff e Vasovic. Fo[ram], inegávelmente, as pe[dras] mais valiosas do con[junto] de Rinus Michells. Um[a] equipa que o foi verdadeira[mente], sobretudo no espírit[o] de sacrifício que evidenciou. Os dois dianteiros, então, fo[...]

(Continua na 25.ª página)



GOLO. Torres introduzia a bola na baliza holandesa. Bals, no chão, olha melancòlicamente o esférico no fundo da rede

# DESPORTO

## Em 5 de Março em Paris – terceiro jogo

**Prevista para antes do encontro a hipótese de terceiro jogo, tinha sido já escolhida a cidade de Paris, que os benfiquistas não pensavam ter de visitar.**

**Afinal a viagem vai mesmo fazer-se e a data já está marcada: 5 de Março, a uma 4.ª feira, em hora ainda a determinar.**

**O encontro vem sobrecarregar extraordinàriamente o calendario dos campeões nacionais, pois, no dia 2 defrontará o Sporting para o «Nacional» e no domingo seguinte jogará com o F. C. Porto, para a «Taça».**

**Entretanto registe-se, ainda, que o Benfica, no dia 12, fará um jogo particular com o Anderlecht, em Bruxelas, defrontando no dia 16, em Guimarães, a turma do Vitória.**

**Um tremendo e difícil calendário, inegávelmente.**

### Por causa da neve

# A Inglaterra sem futebol

LONDRES, 20 — (F. P. A. N. I.) — O mau temp[o] tornou a perturbar o progra[ma] do futebol britânico des[ta] noite. De treze desafio[s] previstos, incluindo dois en[contros] internacionais d[e] «Esperanças» (Inglaterra-E[s]cócia e Irlanda do Norte-Paí[s] de Gales) e três dos oitavos-de-final da Taça de Inglater[ra], já adiados por várias ve[zes], só foi possível joga[r] três. E, mesmo assim, um deles teve que ser interrom[pido] ao fim de uma hora: o encontro entre o Luton Town e o Watford, a conta[r] para o Campeonato da II Divisão da Liga inglesa, fo[i] interrompido devido ao for[te] nevão que caiu sobre [o] campo.

Todos os outros jogos d[a] Liga inglesa marcados para esta noite foram adiados de[vido] á neve.

# AS 29 AGÊNCIAS TOYOTA

- AÇORES — NUNO EUSÉBIO DO QUENTAL
  Rua de Fonte, 2 — Ponta Delgada
- AVEIRO — TOMOTOR — Soc. Rep., Lda.
  Rua Clube dos Galitos, 2-3
- BEJA — AUTO BRASIL
  Rua dos Açores, 3.º Bloco
- CALDAS DA RAINHA — ADAZIL
  Rua Fonte do Pinheiro, 33
- CASCAIS — FERNANDO ROSA, LDA.
  Rua Iracy Doyle, 9
- CASTELO BRANCO — SOC. COM. PINA & LOPES
- COIMBRA — AUTO BRASIL DE COIMBRA
  Rua do Brasil, 222 - D
- ÉVORA — RAÚL CRUZ SUCRS.
  Rua do Raimundo, 99 - C
- FAMALICÃO — BELMIRO & SÁ
  Rua Conselheiro Santos Viegas, 20
- FARO — TOIFARO
  Rua Aboim Assunção, 64
- FUNDÃO — METALÚRGICA DO FUNDÃO
  Av. Salazar — Lg. St.º António
- GUARDA — QUINAZ & FERREIRA, LDA.
  Rua Mouzinho de Albuquerque, 45
- GUIMARÃES — TOVITE
  Av. Conde de Margaride
- LEIRIA — AUTOJAPA
  Av. Heróis de Angola, 115
- LISBOA — TRANSMOTOR
  Av. Fonte Pereira de Melo, 17 - A
- MADEIRA — UNIÃO COMERCIAL DO FUNCHAL
  Rua Visconde de Anadia, 3
- MARCO DE CANAVESES — MARCAUTO
  Apartado 4
- MIRANDELA — ANTÓNIO JANUÁRIO RIBEIRO
  Fontes Frias
- MOGADOURO — OLIVEIRA PIRES & IRMÃO
- PORTALEGRE — A. SAJARA, LDA.
  Rua do Comércio, 91
- PORTO — TRANSMOTOR
  Rua de Campo Alegre, 690
- PÓVOA DE VARZIM — BELMIRO & SÁ
  Rua Cidade do Porto, 58
- SANTARÉM — BENJAMIM DOMINGOS DOS SANTOS
  Av. António dos Santos — Lote B
- SINTRA — JOSÉ A. CASTRO & IRMÃO
- SETÚBAL — AUTO BRASIL
  Av. de Goa — Lote 26 — Praça do Brasil
- VALENÇA DO MINHO — ESTAÇÃO DE SERVIÇO NITA
- VIANA DO CASTELO — ARTUR 84
  Av. Roche Pirès, 79
- VILA DA FEIRA — ESPERANÇA BATISTA & MAIA
  Garagem Cavalo Branco
- VILA REAL — TRANSMONTAUTO
  Av. Almeida Lucena

**peças de origem e assistência garantida em todo o país**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, SARL

# DESPORTO

# Da confiança ao desnorte

## — Reforço da crença holandesa

(Continuação da 23.ª página)

ram um autêntico «quebra cabeças» para a retaguarda benfiquista. Jacinto (em particular) que o diga. Aquele ponta-esquerda...

No «onze» benfiquista, em noite manifestamente azelaga, talvez Toni e Humberto Coelho tivessem sido os que mais perto estiveram da sua valia. O ex-estudante foi até o homem que mais procurou lutar contra a maré, visando com frequência a baliza do Ajax. O próprio Coluna, com toda a sua experiência, esteve longe de ser o jogador esclarecido e «mandão» que costuma ser. E essa «falha» do capitão pode até ter influenciado o comportamento da turma. Torres, em completa com homens da sua envergadura física e além disso desamparado por Eusébio, que raramente tentou o remate (até num livre em posição frontal renunciou ao disparo, preferindo o endosso lateral) e se refugiou muito nos flancos, nada pôde fazer. Mas teve o mérito, nele habitual, de «ir a todas» e essa persistência valeu-lhe a obtenção de um golo. Um golo que pode vir a ser decisivo.

●

O italiano António Sbardella poderia ter feito uma excelente arbitragem. Preferiu contudo a solução mais fácil de tendência «caseira». Um derrube a Eusébio na grande área com todo o ar de faltoso (e que não puniu) pode ainda revestir-se de dúvidas, mas aquela falta de Cruz a escassos minutos do golo benfiquista e também na área de rigor, que passou sem castigo...

### Novo equipamento

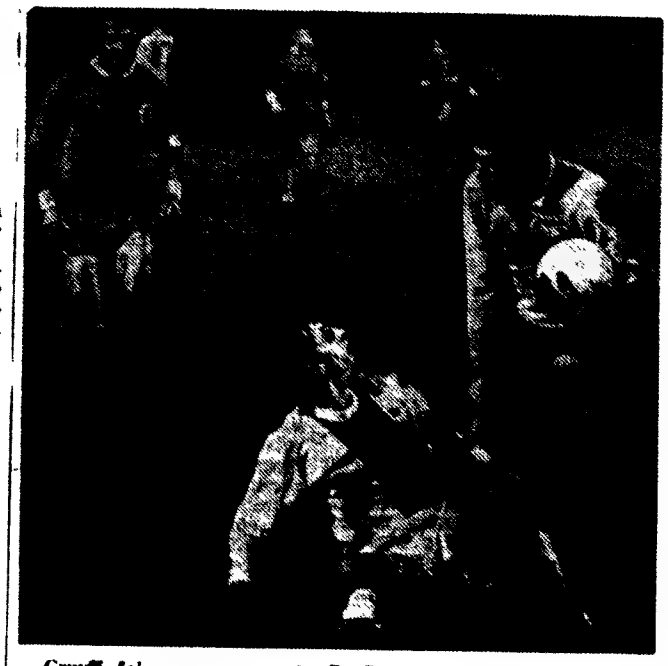
*O Benfica apresentou, ontem, na Luz, um novo modelo de equipamento: camisola, calção e meias, tudo de cor vermelha, embora os calções fossem de tom mais esmaecido.*

*Não se pode, com propriedade, garantir que a estreia foi auspiciosa...*

### Arbitragem caseira

*Não há qualquer dúvida de que o árbitro italiano António Sbardella fez os possíveis por agradar aos portugueses. Se, na primeira parte, perdoou uma falta sobre Eusébio (cometida a um palmo do risco da grande área do Ajax), aos vinte e quatro minutos e meio do tempo complementar (quando o marcador estava em 0-3...) fez vista grossa a uma indesmentível grande penalidade provocada por Cruz e Raul.*

*Caseirismo indiscutível.*



Cruyff foi o «carrasco» do Benfica. Um dos onze, aliás... Mas foi sobre ele que tombaram as «graças» de José Henrique, num breve período de descontrole a que Coluna ràpidamente pôs termo

# A VOZ DO POVO NO ESTÁDIO DA LUZ

À entrada da equipa do Benfica, com os seus novos equipamentos:

— **Não há dúvida que vem aí a Quaresma.**

★

Quando a superioridade atlética do Ajax se tornou um facto:

— **Parecem gigantes. Têm (sempre) a cabeça mais comprida.**

★

Aguaceiros fortes sobre o estádio:

— **De facto, o Benfica estava a pedir chuva...**

Caiam, amiúde, foguetes sobre o relvado:

— **Eles fazem a festa e deitam os foguetes...**

★

Entra no relvado um jogador do Ajax, que não tem número na camisola:

— **Mais uma arma secreta do Michelis?**

★

Mas, a melhor, foi após o terceiro golo do Ajax:

— **Ainda haverá quatro candidatos à presidência do Benfica?**

| | A FAVOR DO BENFICA | | A FAVOR DO AJAX | |
|---|---|---|---|---|
| | 1.ª PARTE | 2.ª PARTE | 1.ª PARTE | 2.ª PARTE |
| GOLOS | — | 1 | 3 | — |
| CANTOS | 4 | 5 | 1 | 4 |
| LIVRES | 10 | 11 | 2 | 11 |
| LANÇAMENTOS | 1 | 23 | 4 | 3 |
| FORAS-DE-JOGO | 11 | 7 | 9 | 3 |
| DEFESAS | 14 | 8 | 9 | 8 |

- Nas 22 intervenções de Bala estão incluídos oito passes de colegas.
- Em relação às 17 intervenções de José Henrique devem, também, incluir-se oito passes de companheiros.
- Na primeira parte houve (ainda) um golo anulado do Ajax (8 minutos).

# HOJE À NOITE

ANDEBOL DE 7 — Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão (fase final): Spt. Penha-Santa Catarina e Internacional-Liga de Aigés, no pavilhão da Ajuda, a partir das 20 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, feminino: Nacional-Benfica, no pavilhão da Ajuda, às 21 e 30.

CICLISMO — Distribuição de prémios da época de 1968, na sede da Federação, às 21 e 30.

FUTEBOL — Campeonato de Lisboa, de juniores, da 1.ª Divisão — Jogo atrasado: Belenenses-Benfica, no Restelo, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional de Juniores (fase preliminar): Lisboa Ginásio-Externato Moscavide, na Escola Josefa de Óbidos, às 21 e 30.

— Campeonato de Lisboa, de Juvenis: Benfica (B)-Lisboa Ginásio e Benfica (A)-Nacional de Ginástica, no Liceu Gil Vicente, às 19 e 30 e 21 e 30.

# CURSO DO «MERGULHO AMADOR»

Promovido pela Federação Portuguesa de Actividades Submarinas vai realizar-se mais um curso de «mergulho amador», o primeiro da presente época, com o qual se inicia mais um ciclo de cursos destinados a fomentar o desporto da escafandria.

Para este curso de Inverno (cujas aulas práticas se realizam na Piscina Municipal do Arecífo e as teóricas na sede da Federação) já se realizaram as provas de admissão, encontrando-se encerradas as inscrições. Dado, porém, o que esta prática desportiva representa como base indispensável para a preparação de todos aqueles que, praticando desporto, se pretendem dedicar às actividades técnico-culturais subaquáticas que a Federação tem vindo a fomentar e desenvolver, encontram-se desde já abertas as inscrições para os próximos cursos a realizar em Lisboa.

Para este efeito todos os interessados poderão dirigir-se por escrito à Federação Portuguesa de Actividades Submarinas, Rua Luciano Cordeiro, 89, 6.º, dt.º, ou pelo telefone 533720, todos os dias úteis das 21 às 23 horas.

Envólio remoto? Sim, mas menos do que antigamente

## Acontecimentos DE ONTEM

### Ténis de mesa

*A Selecção de Esperanças do Sul ficou constituída por José Carlos Portas, do Estrela da Amadora; João Oliveira, do Intendente; José Araújo Pinto, do Centro Católico e José Pardilhão, do Sporting.*

*Joga, sábado, à noite, na Figueira da Foz, contra a Selecção do Centro e no domingo de manhã contra a Selecção do Norte.*

*— Para a Taça de Portugal, em infantis, registaram-se os seguintes resultados: Armadorense-Apolo, 2-3; Combatentes-Ateneu, 1-3; Paço de Arcos-Sporting, vitória dos «leões», por falta de comparência.*

### Andebol de sete

Na sede da Federação, realizou-se o acto de posse do seleccionador nacional, dr. Augusto Costa e dos respectivos treinadores, Ângelo Pinhado, do Sul, e Armando Campos, do Norte. Presidiu à cerimónia o dr. Salazar Carreira.

### Basquetebol

*No Estádio Universitário de Coimbra, realizou-se um encontro de minibasquete entre as selecções daquela cidade e do Brasil. Mais poderosos, em todos os aspectos, os brasileiros triunfaram por 54-14, com 24-4 ao intervalo.*

## TAÇA DOS CAMPEÕES

# MILÃO-CELTIC: EMPATE SEM GOLOS

*MILÃO (Itália), 20 — (A. N. I.) — O Milão e o Celtic (de Glasgow) empataram esta noite no encontro da primeira «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Futebol, disputado em Milão. Resultado: zero-zero.*

*Durante todo o jogo nevou abundantemente e a temperatura esteve próxima dos zero graus centígrados. O encontro da segunda «mão» disputa-se em Glasgow, no dia 12 de Março.*

*Sob a arbitragem de Kurt Tschenscher (da Alemanha Federal) as equipas alinharam:*

*MILÃO — Cudicini; Anquiletti, Schnellinger, Rosato e Malatrasi; Trapattoni, Hamri e Lodetti; Sormani, Rivera e Pratt.*

*CELTIC — Fallon; Craig, Gemmel, Murdoch e McNeill; Brogan, Johnstone e Clark; Wallace, Hughes e Lennox.*

## TAÇA DAS TAÇAS

### SLOVAN, 1-TORINO, 0

TURIM, 20 — (F.P.) — A equipa do Slovan de Bratislava venceu ontem, por 1-0 (0-0 ao intervalo) a equipa do A. C. Torino, na primeira «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças.

O jogo da segunda «mão» decorrerá em 5 de Março.

### ELIMINADO O W. BROMWICH

WEST BROMWICH (Staffordshire), 20 — (F. P.) — Em encontro da segunda «mão» dos quartos-de-final da Taça dos Clubes Vencedores de Taças, o Dunfermline Athletic (da Escócia) venceu o West Bromwich (da Inglaterra) por 1-0, resultado feito na primeira parte.

O Dunfermline qualificou-se para a meia-final, porquanto no jogo da primeira «mão», as duas equipas haviam empatado a zero bolas.

# VALÉRIO BRUMEL: O RENASCER DA FÉNIX

**MOSCOVO, 20 — (R.) — Valério Brumel, o recordista mundial do salto em altura, afastado do desporto devido ao esmagamento de uma perna**

**num acidente de motocicleta (ocorrido há três anos) saltou ontem 1,95 metros.**

**Brumel, cujo «record» mundial é de 2,28 metros, tem estado nos últimos dois meses a treinar-se intensamente: ginástica, natação e provas de corta-mato.**

**Ao transpor ontem a fasquia, deu apenas quatro passos para tomar balanço, antes da chamada, ao passo que antes do acidente dava sete passos para tomar balanço.**

**Os espectadores que assistiram ao salto do atleta, num recinto coberto desta cidade, ficaram espantados com a capacidade de Brumel em transpor essa altura logo à primeira tentativa séria, desde que voltou a treinar.**

**O próprio atleta declarou: «Parece-me que não foi um mau salto para um antigo aleijado.»**

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

# Afonso Pinto de Magalhães

## —Desejo de não continuar como presidente do F. C. Porto

*Afonso Pinto de Magalhães, actual presidente da direcção do F. C. do Porto, figura que a massa associativa olha com a maior simpatia e pela qual nutre sincera admiração, mantém-se na recusa de aceitar a sua reeleição para a direcção do importante e prestigioso clube nortenho.*

*A comissão nomeada pela Assembleia Delegada, composta por elementos de grande evidência dentro da colectividade «azul e branca», teve uma reunião com o conceituado dirigente que aduziu razões poderosas para justificar a sua resolução.*

*No entanto, todos os elementos da Comissão foram tão persuasivos na sua argumentação, referindo com insistência que a massa associativa esperava confiadamente no prosseguimento da sua presença, que o ilustre dirigente não teve outra alternativa que não fosse pedir um prazo para meditar, embora afirmasse desde logo que via a impossibilidade de corresponder, não obstante continuasse com o maior desejo de ser útil ao clube que devotadamente vem servindo.*

*A reunião da Assembleia Delegada foi adiada por uma semana, de forma a permitir que Afonso Pinto de Magalhães ponderasse devidamente quanto á atitude a assumir.*

*Viveram-se dias de fundamentada esperança. Esperava-se que Afonso Pinto de Magalhães respondesse com um «sim» ás solicitações que de todos os lados chegavam.*

*Todavia, por informes que recolhemos ontem, ao fim da tarde, o actual presidente da direcção do F. C. P. dirigiu ao sr. Sebastião F. Mendes, Presidente honorário do clube e elemento que encabeça a Comissão escolhida pela Assembleia Delegada, uma carta em que lhe expressava a sua muita dedicação ao clube e o desejo de viver os seus momentos mais gloriosos ou os mais críticos, mas que não podia, de maneira nenhuma, corresponder ao pedido que lhe faziam para continuar como presidente da direcção. Os muitos afazeres da sua vida não lho permitiam. Esperava (diz na carta) que na reunião da Assembleia Delegada a realizar, amanhã, á noite, fosse encontrada a melhor solução para se assegurar a continuidade directiva do clube.*

*Esta notícia terá causado enorme mágoa á citada comissão e, naturalmente, quando dela tiver conhecimento, á numerosa falange associativa e simpatizante do clube das Antas. Resta aguardar que a Assembleia Delegada na sua reunião de amanhã e na qual deve estar presente Afonso Pinto de Magalhães, consiga demover o ilustre dirigente da sua resolução.*

*A obra realizada obedeceu inegàvelmente, a um ritmo impressionante, que dificilmente poderá ser mantido se não tiver no comando o mesmo homem que tornou possível esboçá-la e principiar a materializá-la.*

## ALEGRIA

Os homens do Ajax lutaram com um entusiasmo verdadeiramente ilimitado passável. Daí não admirar que, mal terminada a emocionante partida do Estádio da Luz, eles se tivessem abraçado no amplexo que é expressão fraternal das vontades que nada derruba sem luta.

# Campanha no Brasil a favor do Belenenses

**RIO DE JANEIRO, 20 — (A.N.I.) — Segundo o semanário «O Mundo Português», do Rio de Janeiro, aguarda-se a colaboração do embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Manuel Fragoso (antigo atleta «azul-e-branco), para o movimento que está em curso em todo o país e visa conseguir que a Câmara Municipal de Lisboa, ceda ao Clube de Futebol «Os Belenenses» o terreno onde se encontra o Estádio do Restelo, a exemplo do que fez com o Benfica e o Sporting.**

**A campanha foi lançada em todo o Brasil por uma figura de relevo na colónia portuguesa: Salustiano Lopes.**


NO PRÓXIMO SÁBADO, 22, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

# LEILÃO

DE UMA VALIOSA E GRANDE COLECÇÃO DE

PINTURAS PORTUGUESAS CONTEMPORÂNEAS, E ANTIGAS DOS SEC. XVI A XIX, AGUARELAS, DESENHOS E GRAVURAS

CUJA ALMOEDA SE EFECTUA NO AMPLO SALÃO DE PREGÃO, À RUA LUZ SORIANO, 53-1.º (ANTIGO PALÁCIO FICALHO), LISBOA

Fazem parte desta colecção, quadros de consagrados artistas portugueses e alguns estrangeiros, como seja Columbano, Malhôa, Carlos Reis, João Reis, Condeixa, Cândido Cunha, António Carneiro, Falcão Trigoso, Ezequiel Pereira, Artur Loureiro, Alves Cardoso, Tomasini, Fredenco Ayres, Acácio Lino, Francisco Metrass, Carlos Bonvalot A. Roquemont, Robert Sallés, Vidor, José Dias Sanches, Portella Júnior, Eduardo Malta, Túlio Vitorino, Eduardo Lapa, Jaime Murteira, Mário Augusto, Armando Lucena, Alípio Brandão G. Felipe, Domingos Rebelo, João Augusto Ribeiro, Abel Salazar, Silva Porto, Vieira Lusitano, D. Carlos, D. Fernando, D. Luís, Visc. de Menezes, M. Macedo, Estrela Faria, Salvador, J. Contente, Luciano Santos, Domingos Costa, Alfredo Morais, Alberto Sousa, Narciso Morais, J. Alves de Sá, Ricardo Hogan, Stuart Carvalhais, A. Taborda, José Leite, A. M. da Fonseca, Joaquim Manuel da Rocha, Artur Bual, C. Ramos, M. Tavares, etc., etc

PINTURAS ANTIGAS

*Chama-se a atenção dos Ex.mos Coleccionadores para a magnífica pintura representando a «Criação do Mundo», atribuída ao célebre pintor Jan Breughel (Esc. Flamenga — 1568-1625).* — Um par de «Batalhas» *atribuídas a Jacques Courtois* (le Bourguignon), Esc. Francesa — 1621-1676. — Outra «*Batalha*» sobre cobre, *ass. Parrels Casteels* (Escola Flamenga, Séc. XVII), «Sentença de Salomão» (Esc. Flamenga, princípios do Séc. XVII). Diversos das Esc. Francesa, Inglesa, Alemã, Holandesa, etc., etc.

O CATÁLOGO, ILUSTRADO, ESTÁ SENDO DISTRIBUÍDO PELO CORREIO AOS NOSSOS HABITUAIS CLIENTES.

EXPOSIÇÃO: Amanhã, das 16 às 19 e sábado das 9h30 às 12h30.

A CARGO DA ANTIGA AGÊNCIA

SOARES & MENDONÇA, LDA.

Rua Luz Soriano, 53 - Telef. 321312 e 300880 — LISBOA

FILIAL NO PORTO: Rua Formosa, 172 — Telef. 33909


# NO TOTOBOLA apostador assíduo tornou-se milionário

**Quase quatro mil contos em duas «bandejas» de arame receberam, ontem, o sr. Francisco Brave Seromenho e o seu único filho — como prémio do êxito alcançado, pelo primeiro, no concurso do Totobola de 19 de Janeiro, ao conseguir um «treze» e 7 «doses» que lhe deram direito, precisamente, a ganhar 3 830 883$70. O feliz e afortunado totobolista, que conta 45 anos, é fabricante de candeeiros e de «abat-jours», na capital e na Amadora, sendo, também, desde a primeira hora, um apostador assíduo do Totobola, utilizando um sistema de desdobramento de múltiplas em boletins simples por si próprio inventado.**

★

**A CASA DA SORTE, que acompanha sempre os seus «milionários» até ao último momento da concretização da sua «sorte», apresenta mais uma vez ao senhor Francisco Brave Seromenho as mais vivas felicitações por ter sido único totalista num desdobramento feito pelos Serviços Técnicos da CASA DA SORTE.**

# MORTE DE CICLISTAS FRANCESES

**NICE, 20 — (R.) — Dois ciclistas profissionais franceses foram encontrados mortos devido a uma fuga de gás num aquecedor, na sala do campo de treino, perto desta cidade, segundo diz a Polícia. Os dois ciclistas eram Michel Bon e Jean-Pierre Ducasse, ambos de 24 anos.**

**Bon era considerado uma das maiores esperanças ciclistas da França, após um bom resultado na corrida Paris - Luxemburgo, no ano passado.**

**Ducasse foi campeão francês de «corrida-ciclista em 1967 e 1968.**

## BRIDGE

# PORTUGUESES EM ESPANHA

MARBELLA, 20. — (F. P.) — Classificação do Torneio Internacional de Bridge, que durante quatro dias se disputou em Espanha:

1.º, D'Elello-Pabis Ticci (Itália), 4392 pontos; 2.º, Averelli-Balladonna (Itália), 4363; 3.º, Diaz Agero-Viedma (Espanha), 4306, e 7.º, Rui Ribeiro Pinto-Carlos Maia Pinto (Portugal), 4001 pontos.

# TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

| | |
|---|---|
| Sanjoanense-Setúbal | X |
| Leixões-Braga | 1 |
| Varzim-Belenenses | X |
| Atlético-Benfica | X |
| Sporting-F. C. Porto | 1 |
| Guimarães-Académica | 1 |
| C. U. F.-U. Tomar | 1 |
| Beira-Mar-Famalicão | 1 |
| Gouveia-Tirsense | X |
| Valecambrense-Boavista | 2 |
| Almada-Barreirense | 2 |
| Oriental-Portimonense | 1 |
| Luso-«Os Leões» | X |

# Sarau do Ginásio Clube

Realiza-se no próximo sábado, á noite, no Coliseu, o sarau ginástico anual do Ginásio Clube Português, a que preside o senhor Presidente da República.

Para além da sempre aliciante apresentação dos seus numerosos ginastas e atletas (em todas as modalidades de Ginástica) e interessantes demonstrações de Luta, Pesos, Judo e Jogo do Pau, tem o Ginásio Clube Português a oportunidade de prestar o seu concurso á campanha nacional para a Fundação Salazar, destinando a receita deste sarau a favor da construção de casas para os portugueses menos favorecidos de meios.

# ANDEBOL

## TOMARAM POSSE OS NOVOS RESPONSÁVEIS DAS SELECÇÕES

Na sede da F. P. A. procedeu-se, ontem, á cerimónia da posse do seleccionador nacional de andebol, dr. Augusto Costa e dos treinadores Angelo Pintado e Armando Campos, e ainda a entrega de louvores aos jogadores que tomaram parte na 1.ª Taça Latina para equipas de «esperanças».

Presidiu á cerimónia o dr. Salazar Carreira, presidente do Congresso, secretariado pelos srs. Alvaro Garrido, presidente da direcção e José Garcia França.

Procedeu-se em primeiro lugar ao acto de posse, seguindo-se a entrega dos louvores e das camisolas envergadas na competição pelos jogadores.

Estiveram presentes Bessone, Amaia, Brito, Afredo Pinheiro, Magalhães, Simões e Carlos Carreia, jogadores; o seleccionador, Julio Matos Moura e o treinador Adelino Moura.

Foi ainda entregue ao actual seleccionador, o cartão de sócio de mérito da F.P.A.

# CARTAZ DOS CINEMAS

## SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 34152
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um novo estilo de jovialidade
**DOUTOR... VAMOS A ISTO!**
com Sidney James, Charles Hawtrey - Joan Sims

## ALVALADE
(Adultos) Tel. 763000
Às 15.45 e 21.45
**O CINTO DA CASTIDADE**
com Tony Curtis e Monica Vitti

## ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
6.ª SEMANA
Às 18.30 e 21.45
**LE VIOL — o desconhecido desejado**
com Bibi Andersson e Bruno Cremer na mais perfeita ligação franco-sueca
EASTMANCOLOR

## ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 21.45
Uma comédia em grande estilo com Catherine Spaak
**A NOITE É FEITA PARA ROUBAR**
com Philippe Leroy — Gariono Moschin
Technicolor — Techniscope

## LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 791574
Às 21.30
**FANNY**
com Leslie Caron, Maurice Chevalier, Charles Boyer e Horts Buchholz
— AR CONDICIONADO —
— PARQUE PRIVATIVO —

## CHIADO TERRASSE
(Adultos) Tel. 328917
Às 21 horas
**NO CALOR DA NOITE**
**MAROC 7**

## SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.45
A extraordinária comédia
**O CINTO DA CASTIDADE**
com Tony Curtis e Monica Vitti

## IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor
TECHNICOLOR
**ROMEU E JULIETA**
Um filme de Franco Zefirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting

## ESTÚDIO
(Adultos) Eastmancolor
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
**O OFICIO DE MATAR**
com Alain Delon e Nathalie Delon

## CONDES
Telefs 42 25 23 — 32 67 1
Às 21.30 (M. 12 anos)
Delicioso! Alegre! Adorável! Inesquecível!
**7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS**

## ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA DA MARAVILHOSA COMÉDIA MUSICAL
com os brilhantes artistas
ROCIO DURCAL e PALITO ORTEGA
**NAS ASAS DO AMOR**
A história de dois jovens que sabem de amor o que não lembrou ao Diabo
(Col.) — Canções e bailados!

## MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
**ELES COM ELAS**
Um filme com o célebre Quinteto LOS BRAVOS

## EDEN
(M 12 anos) Tel 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Jerry Lewis, Terry Thomas, Jacqueline Pearce em
**JERRY... EM LONDRES..**

## POLITEAMA
(M 12 anos) Telef 326305
HOJE — Só à noite, às 21.30
2.ª semana de gargalhada com CAMILO DE OLIVEIRA
**O LADRÃO DE QUEM SE FALA**
A maior farsa do cinema nacional
Uma história onde tudo resulta num pandemónio de «humor»...

## LIDO
Praça D. João I — Amadora
Tel. 937593
Burt Lancaster, Shelley Winters e Telly Savalas num filme de grande acção!
**CAÇADORES DE ESCALPES**

## LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
**COM A PEDRA NO SAPATO**
**AS CHUVAS DE RANCHIPUR**

## AVIS
(M. 12 anos) Tel 47163
Às 21.45
2.ª SEMANA
Uma divertida paródia sobre o Oeste americano
**O BELO, O BRUTO E O CRETINO**
EASTMANCOLOR
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia

## TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. red.) e 9 e 30 da noite
2.ª SEMANA
FRANK SINATRA, RAQUEL WELCH e DAN BLOCQER (da «Bonanza») no filme policial
**UMA MULHER NO CIMENTO**

## MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
Shophia Loren e Marlon Brando no ultimo e mais discutido filme de Charles Chaplin
**A CONDESSA DE HONG-KONG**

## IMPERIAL
(M 12 anos) Tel 45933
Às 21 horas
**POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES**
**O ALFABETO DO CRIME**

## EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 21.30
CANTINFLAS em
**O BOM PASTOR**

## CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
**O AGIOTA**
com Rod Steiger, Geraldine Fitzgerald e Brock Peters

## RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um filme delicioso, alegre e divertido em Cinemascope e Metrocolor
**POR FAVOR NÃO COMA OS MALMEQUERES**
com Doris Day e David Niven

O famoso conjunto «pop» Los Gritos, numa sequência do filme que acabam de rodar: «Abuelo made in Spain», em que interpretam as canções «Veo visouren» e «Reiremos, Soñaremos»

# OUTROS ESPECTÁCULOS

**CIRCO**
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia Internacional» (12 anos)

**TEATROS**
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Grande poeta é o Zé» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A Caixa de Pandora» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «As Quatro Estações» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23: «A Preguiça» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Norte de Verão» (12 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23: «Quando ela se despiu» (17 anos).

**CINEMAS**
PARIS — Às 21: «Ossos do ofício» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «A vida de um gangster» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Leio nos teus olhos» (12 anos)
OLIMPIA — Às 19: «O vingador atira à esquerda» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «Grito de guerra dos comanches» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Roubaram o meu coração» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Atribulações de um chinês na China» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Só se vive duas vezes» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: Johnny Reno» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Ambição de Glória» (17 anos)
B. ENCARNAÇÃO — Às 21: «Chubasco» (17 anos).

**● Linha de Cascais**
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Falco em Seara Verde» e «Regresso de um ídolo» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «A dança dos diamantes» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O Agiota» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Sal e pimenta» (17 anos).

**● Linha de Sintra**
PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «Os Canhões de San Sebastian» (17 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O bom o mau e o vilão» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 2. e 5: «O rebelde aventureiro» e «Agente C. I no Alasca» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 2. e 15: «Os libertadores» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Escandalo no Castelo» e «Pago para matar» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Ao pôr do sol» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A batalha de Anzio» (12 anos)

**● Outra Banda**
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Um idiota em Paris» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Tentação do dinheiro» e «7 mulheres» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «A loba solitária» (17 anos)

## CONCURSO «MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocinio da IBERIA (Lineas Aereas de España)

*Nome* ..........................................

*Morada* .......................................... *Tel* ..........

*Idade* ................ *Profissão* ................

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diario de Lisboa» Rua Luz Soriano 44-48 Lisboa

# FARMÁCIAS DE SERVIÇO

**● Em Lisboa — Turno C**

**AJUDA** — Mouta, Trav do Memória, 55 (630944) ● Biotetar, Rua D João de Castro 27-B (638824)
**ALCÂNTARA** — Bairrão, R Prior do Crato, 25 (66321)
**ALMIRANTE REIS** — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (42453)
**ALVALADE** — Zil, Av da Igreja 9-D (7 780) ● Roma, Av de Roma, 85-B (772466) ● S. João de Deus, R Pedro Ivo -A-B (725140)
**AMOREIRAS** — Britânica, Trav Légua da Póvoa, 5-B (689250)
**AREEIRO** — Garantia, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) ● Imperial, Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
**AVENIDAS NOVAS** — Alcântara, Av da Repub, 14-A (771379) ● Vale, Av Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ● Dalva, Av Duque de Avila, 25 (45225) ● S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira, 1-9 (48642)
**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO** — Ascenso, R 27 n.º 4 (3 2 6)
**BAIXA** — Fernandes, R de S José 87 (326476) ● Azevedo, Filho, Pr de D Pedro IV 3 (327478)
**BENFICA** — União, Est de Benfica, 592-594 (700092) ● Alegria, Est de Benfica 80-A-B (7805 1)
**CAMPO DE OURIQUE** — Lobet, R de Infantaria 6, 98-B (688807) ● União R Saraiva de Carvalho, 119 (663643)
**CAMPOLIDE** — Salutar, Rua B, 75-A, B. Bairro da Liberdade (683694) ● Pinto, R de Campolide, (682610)
**CONDE REDONDO** — Sousa Martins, Rua Sousa Martins 25 (553468)
**ESTRELA** — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (666971)
**ESTEFÂNIA** — Mundial, L D Estefânia, 9 (45578)
**GRAÇA** — Ziller, R de S Tomé, 54-56 (862835)
**LUMIAR** — Central do Lumiar, R do Lumiar, 77 (790480) ● Dona, Alam das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)
**MADRAGOA** — Eduardo A. César, R das Trinas 02 (662631)
**OLIVAIS** — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311287).
**PALHAVÃ** — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
**PENHA DE FRANÇA** — Central, da Penha, R Penha de França, 58-60 (849245) ● Vitalis, R Morais Soares, 66-A (848011).
**PICHELEIRA** — Luzmar, R João do Nascimento Costa 6-A (728595-720703)
**PRINCIPE REAL** — Albano, R da Escola Politécnica, 59 (326750)
**REGO** — Baptista, R Francisco Tomás da Costa 3-C (77 873)
**ST AMARO** — Correia de Azevedo, R Luís de Camões 42-B (638625)
**S BENTO** — Mas Teixeira, Rua Poço dos Negros, 15 (67996)
**DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO** — Freitas, Rua Zanimo Pedroso, 3 (38 36 ● Banha, Est de Chelas, 73-75 (38224) ● Frazão, R da Cruz de St.ª Apolónia 90-92 (347019)
**MOSCAVIDE** — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 75-A (25 234)

**● Linha de Cascais**

**ALGÉS** — Branco — Av, Comb G Guerra, 29 (Tel 212081)
**CAXIAS** — Nova, Rua Bernardim Ribeiro A 242839
**PAÇO DE ARCOS** — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)
**OEIRAS** — Central, Rua João Teixeira Simões, 18 (2430058)
**PAREDE** — Alsir. Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (2472948)
**ESTORIL** — Parque, Arcadas do Parque, 3 (260191)
**CASCAIS** — Marginal, Av Marginal (280078) — A. Costa, R Freitas Reis 24-C (280214)

**● Linha de Sintra**

**AMADORA** — Cavaco — R Elias Garcia 209 (930019) ● Flama R Elias Garcia, 78-B (932485) ● Confiança, Av D Nuno Álvares Pereira, 5-A (938149)
**DAMAIA** — Confiança, Est Militar ote 3 (971023)
**QUELUZ** — André, Av Elias Garcia 5 (950043) ● Queluz, Av Miguel Bombarda 23-A 95 84
**CACÉM** — Central, R Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
**MEM MARTINS** — Quinta, Est Mem Martins 485 (T 2900 2)
**S PEDRO DE SINTRA** — Valentim Tel 980456
**SINTRA** — Menezes, L Afonso de Albuquerque (980058).
**COLARES** — Colares, Adraga — (Tel 299088)

**● Outra Banda**

**ALCOCHETE** — Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 (234 37)
**ALHOS VEDROS** — Portugal, Av do 1.º de Maio 8 (224250)
**ALMADA** — Central - R de Olivença ... Tel 10504) ... 85-B 2160565
**BAIXA DA BANHEIRA** — Nova Fatima ... 221-B ... 4
**BARREIRO** — ... Marta — R de ... Tel 2212 4 ...
**COVA DA PIEDADE** — Rainha Santa — ... Barreiros 50-A ... 76 5
**MOITA** — União Moitense, Av. ... Braga (Tel 239025)
**MONTIJO** — Diogo R Almirante ... Reis 42 (230032).
**SESIMBRA** — Leão Av Salazar (Tel 2294)
**SETUBAL** — Costa, Largo da Misericórdia Tel 22160) Brasil, P do Bras Tel 24788.
**SEIXAL** — Noronha ... Paiva ...

# SERVIÇOS URGENTES

**Telefones**

**AGUA GÁS ELECTRICIDADE** — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. feriados) 382069.

**BOMBEIROS** — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524

**POLICIA e G N R** — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito 42205 ● G N R (área rural) 36865

**SAUDE** — Cruz Vermelha 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S José 860131 ● Sangue, oxigénio e soros 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio 538524 ● Centro de intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456

**TRANSPORTES** — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C P) 869029 ● Caminhos de ferro (Estoril) 361121 ● Estação fluvial T Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém) 638531

# BOM APETITE


**CASTANHEIRA**
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

**XANGAI**
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO AGRE E DOCE

**MINABELA**
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

**TIQUE TAQUE**
AGORA TAMBÉM COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERENCIA
AVENIDA DE ROMA, 29-B
TELEF. 777729

**PASTELARIA FÓIA**
RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria 99-A
Telef 54540
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

**QUINTA DE S. VICENTE**
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef 790211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-6
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

# Instaurados 564 processos nas duas primeiras semanas da campanha para a baixa de preços

*— Não será só de pouca dura a campanha em curso para a baixa e estabilização dos preços —* afirmou esta manhã aos jornalistas o inspector-geral das Actividades Económicas, dr. Enes Ferreira, ao dar conta da acção exercida pelo organismo que dirige, durante duas semanas de combate á alta geral de preços.

Tal como na anterior reunião com os representantes da Imprensa, estiveram presentes os srs. tenente Jorge Ferreira, dr. Rui Tato Marinho, Manuel Neto Portugal, da I. G. A. E., e os oficiais de ligação da G. F., da P. S. P. e da G. N. R., e, ainda, Manuel de Sousa, presidente da Corporação do Comércio.

Depois de ter sublinhado o facto de contar com os meios extraordinários agora postos á sua disposição pelo Ministério da Economia e pela secretaria de Estado do Comércio («para cavar é necessária a enxada, e uma vez que a enxada nos foi dada, o País julgará se sabemos ou não utilizá-la») disse o dr. Enes Ferreira que, no decorrer do período em causa, haviam sido instaurados 564 processos (202 por especulação, 83 por comércio irregular, 257 por falta de afixação de preços, 1 por matança clandestina, 14 por existência, para venda, de produtos impróprios para consumo e 7 por falta de higiene), o que, acrescentou, não atinge senão 0,25 por cento dos 200 mil comerciantes existentes.

Segundo foi reafirmado pelo responsável máximo da I. G. A. E., «a fiscalização não vai exercer-se apenas em relação ao retalhista, como é preocupação de alguns, nem sairá no risco demagógico de querer oferecer «cabeças» á satisfação pública, como é preocupação de outros».

*— Se a acção da Inspecção-Geral das Actividades Económicas, nesta primeira fase, se exerce fundamentalmente junto do comércio retalhista, não deve concluir-se que ela não esteja, como está efectivamente, a actuar sobre os armazenistas e os próprios produtores ou importadores* — afirmou o dr. Enes Ferreira.

Quis também o inspector-geral das Actividades Económicas fornecer a identificação das firmas que estão já a colaborar na campanha, destinadas a um eventual «quadro de honra» que deixava á consideração dos jornais.

### Perguntas e respostas: do pão ao queijo

Ao entrar-se no período de perguntas e respostas, foi posto o problema do pão, o qual, segundo foi afirmado, começou anteontem a ser alvo de atenção especial, procurando-se combater a má qualidade de fabrico e consequente falta de peso do precioso alimento.

Problemas relativos ás carnes e ao arroz foram também levantados, tendo sido afirmado que o Governo se felicitava pela crescente exigência do público em relação á qualidade dos produtos, pois isso significa elevação do nível das populações.

Um jornalista quis saber se a acção da fiscalização se não estendia aos restaurantes. Foi afirmado que a acção da I. G. A. E. se limitava á verificação do cumprimento das tabelas emanadas do Comissariado do Turismo. Tendo sido, depois, afirmado que em certos restaurantes de Lisboa se verificavam ultimamente aumentos especulativos, foi prometido que a I. G. A. E. actuaria onde verificasse abusos.

A «falta de coordenação económica» foi apontada, em seguida, pelo presidente da Corporação do Comércio, como sendo uma das causas das dificuldades existentes. Respondendo á pergunta de outro jornalista, acerca da Lei 41 204, que estabelece as margens de lucro dos sectores comerciais, disse o sr. Manuel de Sousa que havia sido pedida a revisão daquela lei, de molde a oficializar a benevolência da fiscalização relativa ás percentagens consideradas insuficientes.

Em resposta a outra pergunta, disse o dr. Enes Ferreira que a fiscalização pouco havia de se preocupar com os artigos de luxo, incidindo, antes, a sua atenção sobre os produtos considerados vitais, que pesam no orçamento de qualquer família, por mais modesta que seja. «Não vamos perder tempo com os artigos de luxo» — afirmou.

A última questão foi posta por um jornalista que se referiu aos vários preços por que é vendido o queijo da Serra em vários estabelecimentos, muitas vezes situados na mesma rua. A fiscalização vai actuar — ficou prometido.

## O tempo

INFORMAÇÃO METEOROLÓGICA DO SERVIÇO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado e encoberto, o vento era fraco de sudeste e caíam aguaceiros dispersos.
TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 9°; Faro, 5°; Funchal, 6°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 7°; Porto, 0°.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 7°; mínima: Penhas da Saúde, 2°,2.
TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 4°,5; na água do mar, 13°,2.

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ**

Continuação de tempo instável, com vento fraco a moderado dos quadrantes do Sul, aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Amanhã
Nascer ás 9 e 20
Ocaso ás 19 e 20

Dia 24 — Dia 4 — Dia 11 — Dia 18

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 20 — 6 e 47 (4,2 m); 19 e 11 (3,3 m). Dia 21 — 7 e 28 (3,9 m); 19 e 50 (3,7 m). Dia 22 — 8 e 06 (3,6 m); 20 e 31 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 20 — 0 e 5 (0,8 m); 12 e 32 (0,9 m). Dia 21 — 0 e 40 (1 m); 13 e 10 (1,1 m). Dia 22 — 1 e 21 (1,2 m); 13 e 47 (1,3 m).

## Reabriram hoje todas as Faculdades

**Reabriram hoje as aulas em todos os estabelecimentos do ensino universitário, após o breve período de férias carnavalescas.**

**Encontra-se, pois, a funcionar a Faculdade de Direito de Lisboa, encerrada pelas autoridades académicas no passado dia 14, depois de o director em exercício naquela Faculdade, o prof. dr. Costa Leite (Lumbralles) haver pedido a intervenção das autoridades policiais.**

# Não haverá represálias israelitas

(Continuação da 1.ª página)

**mos puni-los, fá-lo-emos onde mais doa e onde for mais conveniente para nós».**

**RABIN AMEAÇA**

CICAGO (Ilinois), 20. (A. N. I.) — Os Estados Unidos não deveriam admirar-se se Israel ordenasse uma acção de represália pelo ataque de terroristas árabes ao avião da companhia israelita «El Al», no aeroporto de Zurich (Suíça) — declarou Yitzaak Rabin, embaixador de Israel em Washington, numa conferência de Imprensa que deu no aeroporto internacional de O'Hare, em Chicago (Ilinois).

«O Governo de Israel não pode ver a sua companhia de aviação e a sua população civil serem prejudicadas e ficar de braços cruzados» — afirmou o embaixador, acrescentando que o presidente Nasser do Egipto é responsável, pelo menos parcialmente, por este incidente, uma vez que deu «publicamente o seu apoio a semelhantes actividades.

«Há uma coisa que nós não faremos, é queixarmo-nos junto das Nações Unidas» — terminou Rabin, que foi chefe do Estado-Maior do Exército durante a guerra dos seis dias, em Junho de 1967.

**O PILOTO LIVRE DE PERIGO**

ZURICH, 20. — (R.)—Yoran Perez, o piloto israelita de 25 anos, gravemente ferido no ataque de terça-feira ao avião da «El Al», já se encontra livre de perigo, segundo anunciou hoje o hospital.

Perez, que foi atingido por algumas balas foi submetido a uma operação de urgência ao estômago e ao fígado, mas o seu estado é agora satisfatório, embora os médicos não saibam ainda quanto tempo demorará a sua convalescença.

Entretanto, a Polícia continua a interrogar os três atacantes que sobreviveram, dois homens e uma mulher.

Segundo revelou um juiz de instrução, os três palestinianos receberam treino provavelmente na Jordânia e partiram para a Suíça, de Damasco.

**As autoridades suíças estão também a estudar em que circunstancias o guarda israelita Mordecai Rachamin matou Abdel Hassan, um dos quatro atacantes. Algumas testemunhas oculares disseram á Polícia suíça que Rachami só abateu Hassan depois deste já ter sido desarmado por pessoal do aeroporto.**

## Os holandeses do Ajax fizeram festa no aeroporto da Portela

Os jogadores do Ajax embarcaram esta tarde, ás 14 e 45, para a Holanda no avião da KLM fretado especialmente para a sua deslocação a Lisboa. No aeroporto, milhares de adeptos do clube holandês, que vieram a Portugal ver o jogo da Luz, despediram-se dos seus jogadores, pois os 10 aviões em que viajaram saíram só depois da partida do KLM.

## SELLWYN LLOYD EM ANGOLA

LUANDA, 20 — (L.) — Sellwyn Lloyd, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, que hoje é presidente do conselho de administração da conhecida companhia cinematográfica «J. Arthur Rank», chegou ao fim da noite de ontem a esta cidade para uma visita a Angola que se prolongará até sábado.

O antigo ministro inglês, depois de afirmar, em declarações publicas, que a sua visita a Moçambique, á África do Sul e, agora, a Angola, visava um conhecimento esclarecido da África Austral acentuou que a sua visita á província portuguesa do Índico lhe deixara «boas impressões».

## CHICO BUARQUE VAI FAZER DOIS FILMES

RIO DE JANEIRO, 20 — (A. N. I.) — Chico Buarque de Holanda poderá vir a ser a figura central de dois filmes — um sobre a juventude e o outro sobre música popular — que a Televisão alemã pensa realizar em breve no Brasil.

Em carta dirigida ao jovem compositor, a direcção da «Bavaria Atelier Gesel Schaft» declara que apreciaria a presença de Chico nesses dois filmes cantando «Pedro Pedreiro» e mais duas músicas a escolher depois.

O único problema é que as filmagens estão marcadas para os primeiros dias de Abril no Rio, e Chico Buarque não pensa voltar da Itália antes de Julho.

BENFICA
EM PARIS
5 DE MARÇO
VIAJANDO COM A EQUIPA
Programas e informações na:
AGÊNCIA DE VIAGENS CARIBERIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 161-163
TELEFS. 56 10 81 (5 Linhas) LISBOA 2

MORADIAS
Vendo, linha Estoril, preços 675 e 750 contos. Facilito parte. Trata dono. Tel. 539773 (escritório) e 771664 (residência), Lisboa

Instituto de Novas Profissões
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47-1.º
A aprendizagem para as NOVAS PROFISSÕES não se improvisa, nem se alcança com estudos sumários. Exige fundamentação, perspectiva e um tempo mínimo de assimilação. Foi obedecendo a estes princípios que foram elaborados os planos de estudo dos Cursos de:
RELAÇÕES PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS (MARKETING, GESTÃO FINANCEIRA DE EMPRESA E DIRECÇÃO DE PESSOAL), PUBLICIDADE, TURISMO E SECRETARIADO.
Novo período escolar a iniciar em Março
Abertas as inscrições — Telefone: 555310

Com a presença do director do Turismo Nacional Japonês, em Paris, sr. Kenkichi Matsushima, e sua comitiva, realizou-se, na Cozinha d'El-Rey, um «cocktail» de iguarias e especialidades nipónicas, oferecido a uma assistência seleccionada de administradores, directores e outros elementos das mais representativas Agências de Viagens e Transportadoras portuguesas. Também se encontravam alguns membros da Embaixada do Japão em Portugal, entre outros, o ministro conselheiro e o primeiro-secretário. [illegible]

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

## «CONTRABANDO LEGAL»?

**Sob este título um grupo de comerciantes «anunciou» nos jornais diários uma nota para chamar a atenção «a quem de direito» para o que se está a passar nas alfândegas com prejuízo de toda a Nação (e não só os comerciantes).**

**Para evitar mal-entendidos esclarece-se ao público e a quem de direito que este grupo de comerciantes não pretende criar dificuldades nem proibições aos nacionais mas que nas alfândegas se cumpra rigorosamente a lei. Para tal transcreve-se um dos parágrafos das notas que enviaram superiormente.**

**«Não se pretende que os viajantes sejam impedidos de trazerem o que tiverem na verdade e no valor que entenderem, simplesmente que paguem na Alfândega os direitos [illegible]**

**UM GRUPO DE COMERCIANTES**

# SUPLEMENTO
## Diário de Lisboa
# LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Alexandre Pinheiro Torres
Claude Michel Cluny
Francisco Bronze
José-Augusto França
José Duarte
José Vaz Pereira
Rocha de Sousa

N.º 551/20 DE FEVEREIRO DE 1969


# BALZAC: Ressurreição

**por Alexandre Pinheiro Torres**

ESTA EM MARCHA, em vários países (e também em Portugal), a ressurreição de Balzac. Entre eles, a própria França, em proporções de surpreender.

Porquê este fenómeno? Balzac será nos anos 60 *melhor* que há 20, 30 ou 40 anos? Certamente que não. A sua ressurreição, materializada na circunstância de a sua obra completa estar a ser publicada simultâneamente por quatro editoras francesas, explicar-se-á talvez pelo crescente desprezo por uma crítica que de tão meramente moralista por mais árvores que visse não descobria a floresta.

*Atacado ou aplaudido, Balzac triunfa — e permanece...*

Vejamos: André Gide no seu *Journal* afirmava, por exemplo, o seguinte:

> «O estilo (em *Eugénie Grandet*) é extremamente mediocre; as personagens dificilmente poderiam ser mais sumárias; o diálogo é convencional, e, com frequência, não convence... Notável me parece apenas a história das especulações financeiras do velho Grandet, mas esta minha opinião deve-se talvez á circunstância de eu não ser competente em tal matéria.»

Quando um homem da envergadura de Gide diz isto, o público, letrado ou não, encolhe-se.

Por outro lado, um Maurice Blanchot destruía, em 1943, a própria convicção com que a crítica apontara Balzac como modelo de escritor realista:

> «Não é preciso insistir nesta altura que Balzac nada tem de comum com os romancistas realistas que, mercê dum absurdo mal-entendido, o reivindicam como modelo.»

A crítica estritamente formalista anglo-saxónica afina, com certa amplitude, pelo mesmo diapasão. Quando se lê um Martin Turnell, a quem aliás se deve um utilíssimo estudo sobre o romance em França, lá vamos encontrar um injustíssimo ataque ao criador d'*A Comédia Humana*, ataque esse que se baseia exclusivamente numa análise estilística. Possuem talvez uma certa pertinência as suas observações a respeito da forma como Balzac emprega o *adjectivo*, mas dessas conclusões extrapola Martin Turnell um determinado número de inferências que reputo de excessivas, as mais graves das quais suponho serem as que se relacionam com a sua tese segundo a qual Balzac é, fundamentalmente, um escritor de melodramas, e segundo a qual a sua visão do mundo é também fundamentalmente imatura («Balzac's outlook was fundamentally immature»).

Não têm sido devidamente postos em evidência os erros graves cometidos sob o signo de uma crítica que não vê além do estilo. E esta, ainda por cima, põe constantemente em causa a legitimidade de outros pontos de vista que, ás vezes, em virtude de quererem ser *conteudisticamente* tão *outros* acabam, aliás, por desprezar a *forma* sob a qual esse *conteúdo* se manifesta (não há maneira de nos extremos residir a virtude).

A ressurreição de Balzac chega numa altura em que os mais renitentes começam a convencer-se da esterilidade da crítica *reduzida* á crítica do estilo. Vejamos: Flaubert enfurecia-se sempre que lhe falavam de Stendhal: é que ele não considerava o autor de *A Cartuxa de Parma* como um escritor; porque a concepção que Flaubert tinha do que *devia* ser o estilo excluía, em absoluto, a forma como Stendhal manejava essa matéria-prima que é a *palavra*. E como ele não teria um estilo *conveniente* não valeria considerá-lo sequer escritor. Dostoievski foi considerado pela crítica russa coetanea como um escritor que escrevia muito mal. Sofreu grandes ataques por isso, e parece que está a ser agora provado pelos especialistas que o russa coetânea como um obra semeada de erros

(Continua na 6.ª página)

*Week-End, de Godard: ou as impertinências de um aluno de Filosofia*

# CINEMA FRANCÊS
# Arte enferma do momento

**por Claude Michel Cluny**

DA PRIMAVERA AO OUTONO, o cinema francês não nos dispensou de nenhum dos seus males, nu como a verdade que no seu poço se afunda. Triste situação que perdura... Uma longa marcha em círculo, onde a vanguarda intelectualista dá curiosamente a mão ao conformismo mais confortável — Lelouch a Cournot, ou antes, se assim o quisermos, Cournot a Lelouch. Mal de definhamento burguês que corrompia o final de *Biches* de Chabrol, embota a *Adélaide* de Simon e esvazia os *Baisers volés* de Truffaut de todo o conteúdo, para deixar ante os nossos olhos a simples película (quão ligeira!) de um divertimento. Mal a retirar das *Gouloises Bleues*, que são um pouco como que «beatas» de Godard oferecidas por Lelouch — e que traem a confusão extrema de que sofre o cinema francês, confusão de concepção e de intenções por vezes voluntàriamente alimentada. Que Alain Robbe-Grillet possa, por exemplo, continuar ainda a passar por um dos renovadores entre os nossos cineastas ilustra, de maneira significativa, este jogo viciado que autores de filmes e crítica jogam entre si. Vejamos mais de perto: «A principal regra do jornalismo é a actualidade. Devemos ter em conta aquilo que certo público vê. Quando eu era crítico, demolia os filmes com a maior insinceridade. Fazia um jogo completamente empírico, do pior. Eu não dizia que os filmes eram menos maus que outros, eu mentia pura e simplesmente. Isto a fim de interessar, de despertar as atenções para esta Arte». Estas afirmações são de Michel Cournot (1). Mas esta política do pior *voa* em socorro de quê? A verdade afunda-se. *L'homme qui ment* é um título de que nos devíamos desembaraçar — mas este filme de rara mediocridade escapa ao massacre dos nossos juízes (de causa própria) porque pretende ser uma procura de narração não conformista, e porque não se quer reconhecer que nada há por detrás destas imangens postas lado a lado com mais pobreza de invenção ainda que penúria de *métier*. Se nos *Gauloises Bleues* existe tudo o que seria capaz de fazer a fortuna de um romance populista (mas que dava aos *Enfants de la Justice*, esse romance em que Michel Cournot tinha já tratado o tema do filme, todo o peso de um testemunho), *Train Europa Express* — e mais ainda *L'homme qui ment* — é para o cinema o que a *Madonne des sleepings* é para o romance francês: os filmes aqui considerados revolucionários não passam de um produto de consumo viciado, sob roupagens ao gosto da *actualidade*...

Esta actualidade, enfim, que permite a Jean-Luc Godard esquecer-se de que foi um notável cineasta para se perder com impertinências de aluno de Filosofia (*Week-End*) ou a Lelouch dar-se boa consciência, metendo á força uma sequência sobre os «horrores» do Congo num romance burguês (*Vivre pour vivre*) (2). As direitas em França têm com que pagar uma esquerda: a contestação, a revolução e a guerra são, tambem, produtos de consumo. Michel Boldoduc dizia-se que, em Cannes, as *Petites Marguerites* tinham causado escândalo: nem o *Week-End*

(Continua na 7.ª página)

*Baisers Volés, de Truffaut: sem conteúdo?...*

# Florbela: «Diário roxo»

## por Sílvia Soares

É LUMINOSO o aroma verde das laranjeiras. As ruas quietas, perfis brancos recortados de azul. Todo o silencioso aprumo duma altivez modesta e com a dignidade de parente pobre que conserva religiosamente os pergaminhos dos seus maiores. A praça principal é ampla e bem lançada. Ao centro domina ainda a figura de D. João IV. Ao fundo do palácio real em mármore, onde o sol fixou há muito os seus reflexos rubros. Dum e doutro lado, depois e sempre a excessiva brancura a contrastar com o verde-fulvo dos laranjais. Estamos em Vila Viçosa, mas desta vez não são os vestígios épicos da História que nos interessa, mas sim outros mais ténues, mais fluidos, deixados por certa princesa («Princesa Desalento») que habitou aqui o seu castelo de luz.

Perguntamos pela Rua do Angerino, onde sabíamos ter ela nascido. A casa fora derrubada e a rua é agora uma avenida, pareceu-nos então ouvir a voz da poetisa:

*Tudo caí! Tudo tombal Derrocada*
*Pavorosa! Não sei onde era dantes.*
*Meu solar, meus palácios, meus mirantes!*
*Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...*

Alguém nos indicou a Rua da Corredora. Sim, foi ali, no n.º 59, que viveu a tal «princesa Desalento», como a si própria se chamava Florbela Espanca. É uma pequena casa com 2 janelas apenas (uma em cada piso), situada em frente duma capelinha de convento. Foi ali que Florbela viveu a sua infância de criança sonhadora, foi ali que ela conheceu os primeiros alvoroços da sua inquieta adolescência.

«Interrogámos» a casa. Paredes frias e silenciosas, janelas sózinhas... Seria possível entrar? Para quê? Que mais nos poderiam dizer as paredes, agora atravessadas por outros climas humanos, do que aquelas janelas? Foi por certo através delas que Florbela ouviria tocar a sineta do convento:

*Um sino dobra em mim ave-Marias*
*Lá fora a chuva, brancas mãos esguias,*
*Faz na vidraça rendas de Veneza...*

Foi também por certo ali que ela vislumbrou pela primeira vez a solidão melancólica do poente alentejano:

*Perscruto ao longe, as sombras do sol-pôr...*
*Chora o silêncio... nada... ninguém...*

Mais do que o interior da casa me falava aquela nesga de céu por onde voaram os seus primeiros anseios de libertação:

*Mais alto, sim! Mais alto! A intangível*
*Turris Eburnea erguida nos espaços,*
*à rutilante luz dum impossível!*

Deixo a Rua da Corredora e vou indagando sempre. Há ainda uma casa na Rua Gomes Jardim, onde a poetisa viveu mais tarde. Mas a mim interessa-me agora algo de diferente: livros, outros objectos ou testemunhos vivos. Falam-me então da vitrina do dr. Lage (seu marido) exposta no «Turismo». Para lá me dirigi: alguns retratos, umas páginas manuscritas, um diploma e medalha de benemerência da Cruz Vermelha e nada mais haveria a registar se não fosse aquele livro forrado de damasco roxo com um rótulo branco que diz: «DIÁRIO». Um diário de Florbela! Que bom seria abri-lo, folheá-lo... se ele não estivesse hermèticamente encerrado numa vitrina como relíquia em sacrário. Um diário roxo retinto como a cor da procissão dos Passos! Estranha cor para um livro de confidências se ele não tivesse pertencido a «Soror Saudade», «Castelã da Tristeza», aquela que afirmava:

*A minha dor é um convento. Há lírios*
*Dum roxo macerado de martírios*
*Tão belos como nunca os viu alguém!*

Aliás a predilecção da poetisa pela referida cor, manifesta-se em muitos dos seus versos:

*E vou vêr os meus olhos, penitentes*
*Vestidinhos de roxo como crentes*
*do soturno convento da Saudade!*

Lírios roxos, violetas roxas, crisântemos roxos, pálpebras roxas... Sempre a mesma cor aliada à saudade, tristeza, paixão e morte, todo esse intenso dramatismo que encerra a sua obra. Florbela foi a um tempo mística, sensual, apaixonada e indiferente, suas múltiplas vivências aliadas a um extremo egotismo fizeram dela uma grande poetisa, porém há que acrescentar ainda que ela foi a primeira poetisa portuguesa que assumiu o seu erotismo e o soube cantar em versos admiráveis:

*E do meu corpo os leves arabescos*
*vão-te envolvendo em círculos dantescos*
*Felinamente, em voluptuosas danças...*

Fechámos o Diário roxo que não chegáramos a abrir. Sobre a vila cai agora uma poalha cor de cinza. As raparigas voltam dos trabalhos do campo. Ao longo a planície ainda está incendiada. É a hora do regresso a casa. Florbela também quis regressar...

*Ó minha terra na planície rasa*
*Branca de sol e cal e de luar,*
*Minha terra que nunca viste o mar,*
*Onde tenho o meu pão e a minha casa.*

*Minha terra de tardes sem uma asa,*
*Sem um bater de folhas..., a dormitar...*
*Meu anel de rubis a flamejar,*
*Minha terra mourisca a arder em brasa!*

*Minha terra onde meu irmão nasceu,*
*Aonde a mãe que eu tive e que morreu*
*Foi moça e loira, amou e foi amada!*

*Truz... Truz... Truz... — Eu não tenho onde me acoite,*
*Sou uma pobre de longe, é quase noite,*
*Terra, quero dormir, dá-me pousada!...*

Porém a sua terra só lhe deu guarida 34 anos após a sua morte...

# BABY POWER

## Uma antologia insólita

AS CRIANÇAS, cantou-as um poeta «gentis, mimosas, rosadas». Vê-se mesmo, por tão lírico, que não percebia nada da matéria. Como, aliás, muitas outras almas bem formadas para quem as minúsculas criaturas permanecem o símbolo da pureza, da candura e da inocência, i. e., de um nunca acabar de virtudes. Pois sim: o próprio diabo (consta...) foge delas, avisado que é. Ele sabe não poder sustentar concorrência com tão encantadores animaizinhos...

CONTESTAÇÃO INFANTIL

Terá chegado a hora do *baby power*? Tudo leva a crer que sim. Fala-se já de asilos incendiados, *baby sitters* estranguladas, cadernetas escolares regadas com gasolina — isto para não falar das teimosas reivindicações infantis: chichi na cama, dedos no nariz, ataques subversivos aos frascos de compota, destruição maciça de chávenas e copos, etc., etc.... É a revolta dos mini-contestadores.

OS MENINOS DIABÓLICOS

Publicou-se recentemente na Itália uma antologia que de todo em todo foge à clássica literatura amável sobre os anjinhos infantis. Chama-se «Il libro dei bambini terribili» e reune uma série de contos, histórias nos quadradinhos e desenhos que é mesmo de deixar os cabelos em pé. A antologia, editada pela Feltrinelli, foi organizada por M. Ravoni e V. Riva, dois sujeitos que no inferno das bibliotecas almejaram descobrir o que afinal já era da sabedoria das nações: montes de histórias bizarras que revelam a faceta menos cândida dos meninos e meninas, heróis incendiários, burlões, impertinentes, rebeldes, perversos, capazes de maldades muito piores que cuspir na sopa, mas sempre inocentinhos, os bambinos, sempre a eliminar com sorrisos irresistíveis o esperado tabefe da ordem.

HISTÓRIAS DE TERROR

Em Paris, um pai extremoso leva o rebento ao Arco do Triunfo, mostra-lhe o memorial ao Soldado Desconhecido e aproveita para lhe explicar o alto significado histórico de tudo aquilo. Eis senão quando a criancinha dá em berrar: «Basta! Eu quero é ir às Folies-Bergères!»

A história é de Jean-Charles, um dos autores antologiadas. Outra («A chantagem do Rudyo»), da autoria de O'Henry, conta o azar de dois *kidnappers* que raptaram uma criancinha para receberem um resgate de 1500 dólares; quando telefonaram ao papá do inocente ouviram a seguinte resposta: «Penso que vocês estão a exagerar. Faço portanto uma contraproposta que espero aceitarão: vocês trazem o Johnny para casa e pagam-me 250 dólares *cash*... No entanto, cuidado: tragam-no à noite, não vão os vizinhos dar por isso...»

A antologia dos meninos terríveis reune ainda contos de Mark Twain, Marotta, Umberto Eco, Tchecov, Colette, Thomas Mann, Saki, Hernandez, Lafferty e muitos outros autores testemunhas (se não vítimas...) do explosivo *baby power*.

Trata-se de uma antologia muito útil... para os adultos. Porque não nos detenhamos iludir: o ar cândido de Mafalda (ver ilustração), a clássica menina de boas famílias, esconde um terrífico inimigo público, particularmente inquietante na sua inocência de criança gentil, mimosa e rosada...

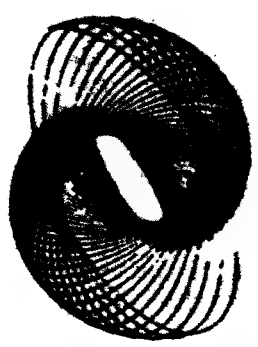
Y. S. T.

# Revistas (francesas) de cultura

## La nouvelle critique

Número especial que constitui desde já um indispensável instrumento de trabalho para linguistas e críticos literários (sobretudo para aqueles que não vivem apenas de intuições), este volume de *La Nouvelle Critique* deve merecer-nos a maior atenção.

Reproduzem-se neste número as comunicações e os debates de um colóquio realizado em Cluny, em Abril de 1968, sobre o tema *Linguística e Literatura*. Deste encontro afirmou Júlia Kristeva que se tratou de um verdadeiro *acontecimento*. Indiquemos apenas alguns dos textos de um volume de 185 páginas (excelentemente ilustradas com desenhos de Folon): Jean Peytard, *Rapports et interférences de la linguistique et de la littérature (introduction à une bibliographie)*; Raymond Jean, *Qu'est-ce que lire?* Henri Mitterand, *Corrélations lexicales et organisations du récit: le vocabulaire du visage dans «Thérèse Raquin»*; Jean-Louis Baudry, *Linguistique et production textuelle*; Júlia Kristeva, *Problèmes de la structuration du texte*; Denis Guenoun, *A propos de l'analyse structurale des récits*; Aimé Guedi, *Structure du monde picaresque*; Philippe Sollers, *Niveaux sémantiques d'un texte moderne*; Jean-Marie Klinkenberg, *Eléments d'une réthorique généralisée: les métaplasmes*; Michel Arrivé, *Stylistique littéraire et sémiotique littéraire*; e ainda ensaios sobre a literatura italiana do fim da Idade Média, a amálgama de Marx nos *Mistérios de Paris*, a ficção de Jorge-Luis Borges, Lamartine e a linguística, a linguagem poética de Hugo, o teatro de Alexandre Dumas Pai, a enarratividade em *Madame Bovary*, e o romance policial. Colaboram neste colóquio representantes do grupo de vanguarda *Tel Quel*, membros da secção linguística do Centre d'études et de Recherches Marxistes e elementos do Groupe d'études et de recherches interdisciplinaires Vaugirard. Uma publicação para não perder.



## Esprit

No primeiro número de 1968, *Esprit* publica um inédito de Charles Péguy, *De l'entraînement*, apresentado por Jacques Viard. Trata-se de um texto de grande interesse para a história das idéias políticas em França. Além de um poema de Georges-Emmanuel Clancier, *Et pourtant sauvé*, de uma crónica política assinada por Manuel de Lucena, do habitual «Diário a várias vozes», de um estudo sobre as convulsões internas na Igreja francesa e de uma crónica de Daniel Mothé sobre os prolongamentos da crise de Maio, *Esprit* abre um dossier «Connaissez-vous Mounier?» com dois artigos: um de André Clair, *Une philosophie de la nature*, outro, mais crítico e severo nas suas conclusões, de François Chirpaz, *Aliénation et utopie*. Por fim, Jean-Pierre Dormon apresenta um comentário político: *La Tunisie en danger*.

E. P. G.

# A força e a forma

## por Francisco Bronze

**AINDA NÃO HÁ MUITO, falando de gravura e de gravadores, dizia-me um amigo que a gravura vive actualmente a sua expansão sobretudo nos países artisticamente subdesenvolvidos. «E ver — concluía ele — como os artistas da América do Sul, por exemplo, levam ao cimo as suas técnicas nesse domínio. São brilhantes, perfeitos, insuperáveis. O pior é a imaginação, que todo em todo lhes falta!»**

E era precisamente este comentário final que nos vinha á memória enquanto olhávamos nas paredes do SEPT (ex-SNI) as gravuras de Augusto Sereno. E perguntávamo-nos se não haveria de facto naquelas palavras a constatação de uma qualquer lei estética ainda por definir. Porque, e nisto parece pelo menos não haver dúvidas, não é decerto o «saber fazer» que é incompatível com a imaginação. O que acontece muitas vezes — e de modo mais evidente na gravura, cujas técnicas dir-se-ia aterrorizarem de início os que a praticam — é que os artistas de fraco fôlego têm tendência para menosprezar os princípios da invenção em favor de um mero virtuosismo técnico. E com isso se vão iludindo, afinal.

Os trabalhos de Sereno mostram-nos a sua evolução tomada a partir de 1964 até á data presente. Nos dois primeiros anos a sua gravura insiste numa tendência *matérica* que — obviamente — teria de manter os resíduos de uma memória paisagística. Algumas vezes temos referido um certo modo de criação que é o daqueles artistas que vivem o acto de pintar (ou de gravar) sem que tenham uma qualquer ideia prévia para o trabalho que realizam. As formas e os efeitos plásticos que lhes surgem no decorrer do acto vão determinar o carácter geral da obra, sugerindo o próprio título, ou a ideia-síntese.

Há que considerar então a importância dos processos e dos meios utilizados nesse trabalho pois que, em última instância, são sempre eles que determinam a *aparição* das figuras e dos outros elementos que acabarão por definir a imagem final. Nas gravuras de Sereno a que nos referimos, o processo de mordedura da matriz metálica pelos ácidos, sem se desviar das primeiras tonalidades do claro-escuro, vai decerto favorecer uma *expressão* que, como dissemos, de modo nenhum se desliga de uma experiência espacial prévia, isto é, de memória naturalista. Os espaços são abertos, como se se prolongassem, dir-se-ia, para o exterior do quadro, e simulando sempre vazios atmosféricos. As formas, abstractas, nascem de um gesto que se contém e que não chega a substantivar-se. As imagens têm sempre algo de uma visão «cósmica» (comparar, se possível, com tantos outros quadros, pinturas ou gravuras, dessa tendência dita *informalista* ou *gestualista*) e assim, naturalmente, aparecem os títulos: «Estrada de Santiago», «Turbilhão», «Deflagração», etc.

A partir de 1966 a gravura de Sereno abandona o claro-escuro, passando a realizar-se em várias cores. Novos processos técnicos possibilitam-lhe agora um virtuosismo preciosista. Com a adopção dessas novas técnicas surge uma nova temática; a partir de efeitos obtidos pela aplicação de tecidos, rendas ou fios, as formas definem-se então como sinais, figuras elementares mais ou menos geometrizantes, destacadas sempre em fundos indiferentes, geralmente brancos.

Mas o preciosismo técnico de Augusto Sereno em nada favorece a sua imaginação, definida neste período por um gosto mais ingénuo que «naive», com concessões a fáceis «bonitinhos» de folclore. Neste sentido, são exemplares os títulos, os quais, ao fim e ao cabo, esgotam em si todo o conteúdo destas obras: «Colar Inca», «Leque», etc.

Arte dos países artisticamente subdesenvolvidos? Que representa a gravura para os grandes nomes da arte moderna?

Como uma resposta, entre outras possíveis, pode ser tomada a exposição da Buchholz, com gravuras daigns dos maiores artistas contemporaneos. Uma coisa, desde logo, se pode aí verificar: que raramente essa arte é pretexto para brilhantismos técnicos inúteis, jamais as dificuldades do «métier» sendo embaraço para a invenção artística. E ainda: que para muitos destes pintores a arte de gravar surge como uma actividade de certo modo marginal á sua investigação, noutros domínios plásticos decerto encontrando um mais vasto campo para se expandir.

Todos os expositores em questão podem situar-se nos limites extremamente largos da arte abstracta.

Poliakoff, num abstraccionismo que se detém no investigar de valores eminentemente espaciais, experimentando a tensão criada pela forte oposição de zonas coloridas, nele, *o espaço* é sempre encarado como o lugar da construção, o lugar das forças dominadas. Não muito distante pelo tipo de problemas vividos, encontra-se Ubac. Em Goetz, é o *sinal* que surge como organizador do espaço, podendo transmudar-se em formas muito simples e elementares. Com Santomaso, as formas e os sinais projectam-se numa tendência acentuadamente lírica.

Senheider substantiva a energia que impulsiona *o gesto*. É essa mesma força, o impulso vitalista, que surge nas suas obras como elemento estruturante, muito antes de qualquer definição formal. Reacção contra uma geometria de tipo euclideano, contra o abstraccionismo de definição geométrica, recusando a simultaneidade das formas no espaço, o *gestualismo* pretende valorizar a *durée*, essa dimensão temporal que o acto de criar pressupõe. Mas pretendendo-se essencialmente como situação *dinamica* e acentuando, mais do que o *Sujeito*, a própria *acção* por ele desencadeada, o *gestualismo* não deixa, por esse facto, de vincular o *Sujeito* a forças que o transcendem, forças necessáriamente vitalistas ou *cósmicas*, se quisermos, mas forças que apelam sempre, ao contrário do que algumas vezes tem sido dito, para uma metafísica que se coloca além de imediatas preocupações sociais. Na verdade, estas ultimas não podem deixar de atender á *forma*, á sua relatividade e á sua mesma simultaneidade no espaço, sem que tal condição exclua necessáriamente a energia, ou a força vitalizadora. Dionisos e Apolo são os dois termos dialécticos de uma antiquíssima proposição a que não será impossivel encontrar a síntese neste tempo que nos coube.

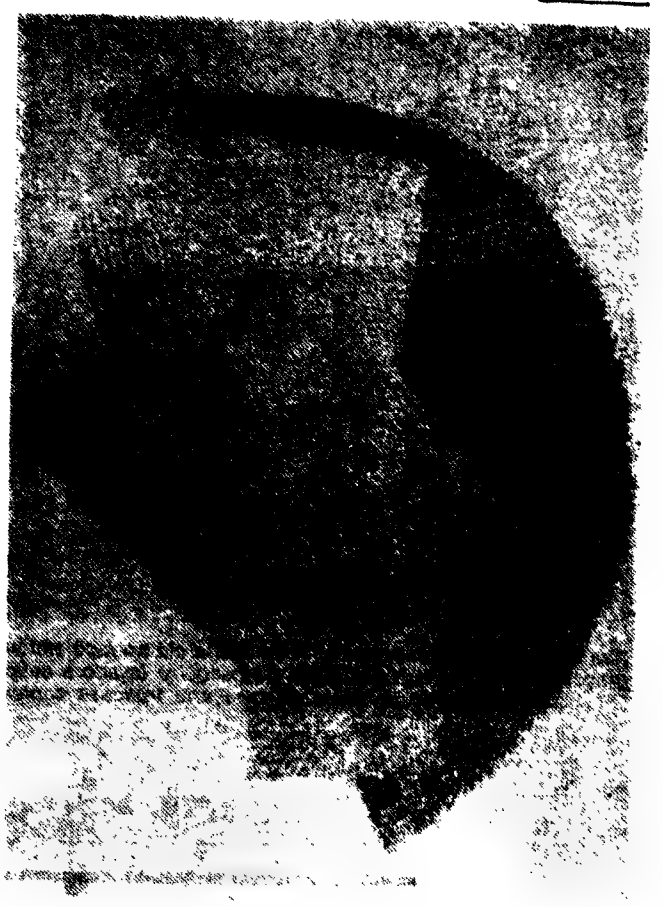
De qualquer modo, expressa no *gestualismo* a tese vitalista, uma posição extrema se afirmou; e a arte moderna não poderia ficar eternamente nesse momento dialéctico da criação. A essa recusa total da *forma* não deixou por isso de se opor, e já nos anos 60, a afirmação desse mesmo aspecto transitório da realidade.

Em Chillida, o *gesto* debruça-se sobre si próprio, interrogando-se já, *pensando-se*, assumindo o carácter de *signo*; desse modo se investiga como o balbuciar de toda a linguagem plástica, aproximando-se por vezes das garatujas infantis. Em tal Coat é o *signo* que, tendo experimentado as regiões da sua origem, se complexifica depois. Em Miró, artista que vem do surrealismo, os sinais carregam-se duma magia só possivel pela atenção concedida a uma linguagem plástica infantil. Com Hartung, *o gesto* atende sobretudo á sua situação espacial, visando a palpitação desse mesmo espaço, confundindo-se com ele.

Outras são as preocupações de Tapiés e de Piza. No primeiro, essa recusa de toda a forma definida que o *Informalismo* pretendeu, resolve-se afinal na afirmação do *espaço* e sobretudo da *matéria* em que este se constitui. Aí o *gesto*, se ainda existe, é apenas uma vontade de dinamizar as superficies inertes. Em Piza o *espaço* organiza-se também numa definição a que não é alheia a *matéria*, simulada sempre por artifícios de um brilhantismo técnico insuperável. Mas já aqui a *forma* tende a aparecer, incerta embora...

Essa necessidade da *forma* iremos encontrá-la, fortemente afirmada, noutro gravador agora expondo em Lisboa: Ian Colverson, um artista inglês apresentado pela Cooperativa «Gravura». Nos seus trabalhos encontramo-nos francamente ante o mundo das formas: mundo contingente e transitório, surgindo da mais efémera

(Continua na 6.ª página)



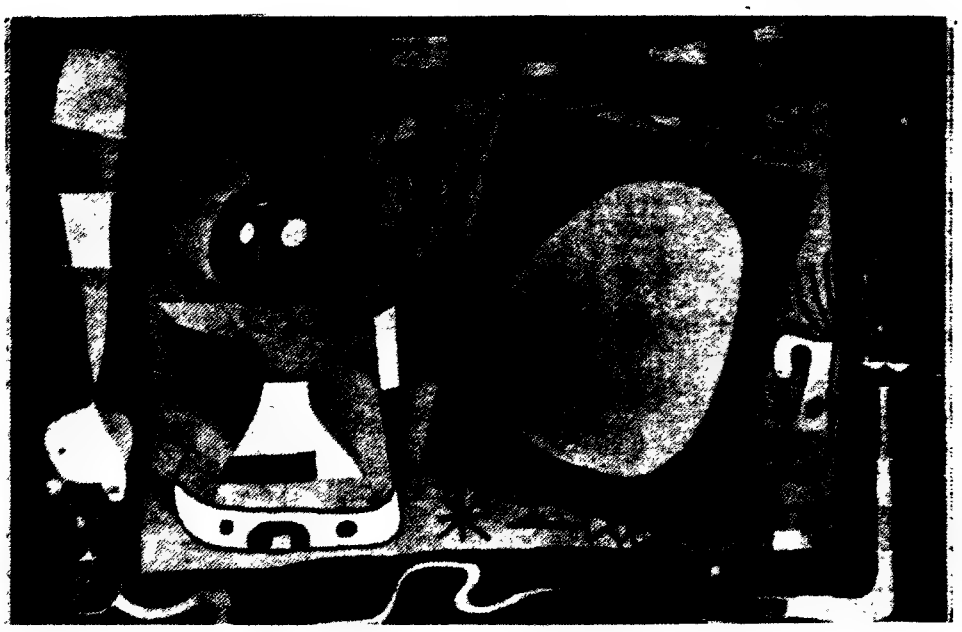
*Gravura de Pizza: «A forma tende a aparecer, incerta embora»*

**JÚLIO PEREIRA, PINTOR, ALIA A UMA FORTE VONTADE DE AFIRMAÇÃO OS ELEMENTOS DA VIOLÊNCIA, DO SEXO, DO EROTISMO, DA MORBIDADE, VERTENDO-OS NO FACTO PLÁSTICO DA SUA PINTURA NUM CLIMA DE METAMORFOSE EXPRESSIONISTA. O DESENHO QUE REPRODUZIMOS PERTENCE A UMA SÉRIE RECENTE DESENVOLVIDA POR JÚLIO PEREIRA SOB O TEMA «O CAPRICÓRNIO E O AMOR». ALGUNS DESENHOS DESSA SÉRIE DESTINAM-SE A ILUSTRAR UM ÁLBUM, CUJA PUBLICAÇÃO ESTÁ EM ESTUDO, COM TEXTOS DE ALGUNS MODERNOS AUTORES PORTUGUESES.**

# EXPOSIÇÕES *

| | |
|---|---|
| *GALERIA BUCHHOLZ*<br>*Rua Duque de Palmela* | **SOUSA CARDOSO**, HOMENAGEM AO GRANDE PINTOR MODERNO PORTUGUÊS |
| *GALERIA PERMANENTE*<br>*S. N. B. A.*<br>*Rua Barata Salgueiro* | **EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA, COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES** |
| *COOPERATIVA DOS GRAVADORES*<br>*Travessa do Sequeiro* | **IAN COLVERSON**, AS SUGESTÕES DA IMAGEM NA GRAVURA |
| *QUADRANTE*<br>*Av. Luís Bivar* | **NELSON DIAS**, UM INFORMALISMO CONTRADITÓRIO NUMA PRIMEIRA INDIVIDUAL |
| *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*<br>*Rua António M. Cardoso* | **GUSTAVO BASTOS**, O EXERCÍCIO DO TALENTO |
| *DIVULGAÇÃO*<br>*Rua D. Estefânia* | **NUNO SAN PAYO**, UMA PINTURA PERSISTENTE |
| *GALERIA 111*<br>*Campo Grande* | **ANTÓNIO PALOLO**, O ABSURDO PELA IRONIA E PELA IMAGEM |

(*) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.



*Das narrativas sumptuosas da Idade Média até ao jogo sinfónico das grandes composições actuais, assim se enquadra a longa tradição da tapeçaria francesa — agora redescoberta graças a um esclarecido trabalho de pesquisa levado a cabo por diferentes núcleos de artistas. A próxima (e importante) exposição programada pela S. N. B. A. permitirá uma larga visão de conjunto da tapeçaria francesa contemporânea: nela estarão incluídos, entre outros, os notáveis trabalhos de Le Corbusier e Miró acima reproduzidos*

# Tapeçarias francesas contemporâneas

## por Rocha de Sousa

**VAI a Sociedade Nacional de Belas-Artes, em colaboração com a Embaixada da França, no dia 5 de Março pelas 22 horas, apresentar em Lisboa uma importante exposição de tapeçarias francesas contemporâneas, organizando paralelamente uma outra de gravuras de Mário Prassinos, autor representado com as tapeçarias «King Lear» e «Romeu e Julieta», e que virá a Lisboa para assistir à abertura das exposições e realizar uma conferência sobre tema de interesse.**

UMA POLITICA CULTURAL

Assim se noticia prèviamente uma iniciativa que nos põe, desde já, certos pontos de reflexão em referência à própria entidade promotora, a S. N. B. A. Com efeito, este organismo não tem sido poupado, ùltimamente, a certas críticas mais ou menos directas, quase todas lamentando uma pretensa falta de actividade, ausência de dinamismo cultural no plano das exposições, paralisia de anteriores critérios de organização de programas ao nível do Conselho Técnico ou dentro dos limites legais do próprio estatuto. É evidente que algumas anotações deste tipo podem corresponder a reais carências de acção, já que nenhuma instituição está isenta de lacunas ou de erros semelhantes e já que os corpos directivos da Sociedade têm de subtrair à sua vida profissional o tempo e o esforço que empregam amadoristicamente numa gerência afinal pesada de responsabilidades e hoje obsoleta segundo aquele critério. Mas, em boa verdade, as críticas tecidas apressadamente, ao correr da pena e nos jornais em geral desatentos das coisas da arte e das suas próprias responsabilidades nesse domínio, visam com absurdo saudosismo uns certos salões floridos e musicados, uns certos mundanismos e provincianismos que eram típicos de outra dimensão social e cultural, que correspondiam a um modo temporalmente definido de promover ou de realizar a vida artística lisboeta, senão a nacional. Não só essas exposições de grande formato, aparatosas e académicas na proposição técnica, deixaram de ter sentido em face de novos esquemas de acção cultural, como as infra-estruturas de promoção se alteraram substancialmente mesmo entre nós, definindo-se de uma forma descentralizadora e plural, sobretudo através do trabalho das galerias, de novos tipos de troca, de novas relações de produção, de mais eficiente e coordenada intervenção da crítica. Neste sentido, não podia a S.N. B.A., sob pena de inutilizar um superior critério de formulação cultural, reivindicar, em atitude (quanto a nós) reaccionária, a permanência de salões sem capacidade interventora e ao mesmo tempo o exclusivo direito de centralizar toda a produção de sinal mais significativo. Fazê-lo seria não reconhecer a diversidade dos meios postos à disposição dos artistas, as vias de promoção e procura, seria afinal alienar-se da realidade portuguesa, encerrando-se na suficiência de uma herança sucessivamente contestada. Abdicando de exposições equívocas, não representativas, procurando furtar-se a concorrências desairosas e desonrosas, a Sociedade tem tentado ampliar uma linha de intervenção pedagógica através do seu Curso de Formação Artística, apoiando igualmente iniciativas particulares que solicitam a sua contribuição logística e a sua experiência, realizando paralelamente algumas exposições de reconhecida importância no âmbito da cultura e da informação. Esta política tem necessàriamente os seus pontos mortos, que são os da própria dispersão do aparelho de apoio da vida artística, ao mesmo tempo que não pode deixar de acusar a falta de recursos de ordem económica, sem o que toda e qualquer empresa se vê votada à paralisia e à falência. Mesmo assim, e consciente de que a severidade do seu critério só deve conduzir, apesar de certas renúncias dolorosas, ao esclarecimento colectivo, a S. N. B. A. tem desenvolvido uma política paralela de obtenção de fundos através das suas instalações com o fim de custear os pesados encargos do seu programa específico. Esta atitude, afinal moderna e tècnicamente correcta do ponto de vista administrativo, também não tem sido compreendida por um certo número de pessoas, reserva que talvez se possa colocar ao lado do saudosismo já referido na medida em que, insistindo numa irrisória aristocracia da «casa dos artistas», ao fim e ao cabo a isolaria da comunidade em movimento, do seu renovado quadro de relações, condenando-a definitivamente a uma paralisação inglória.

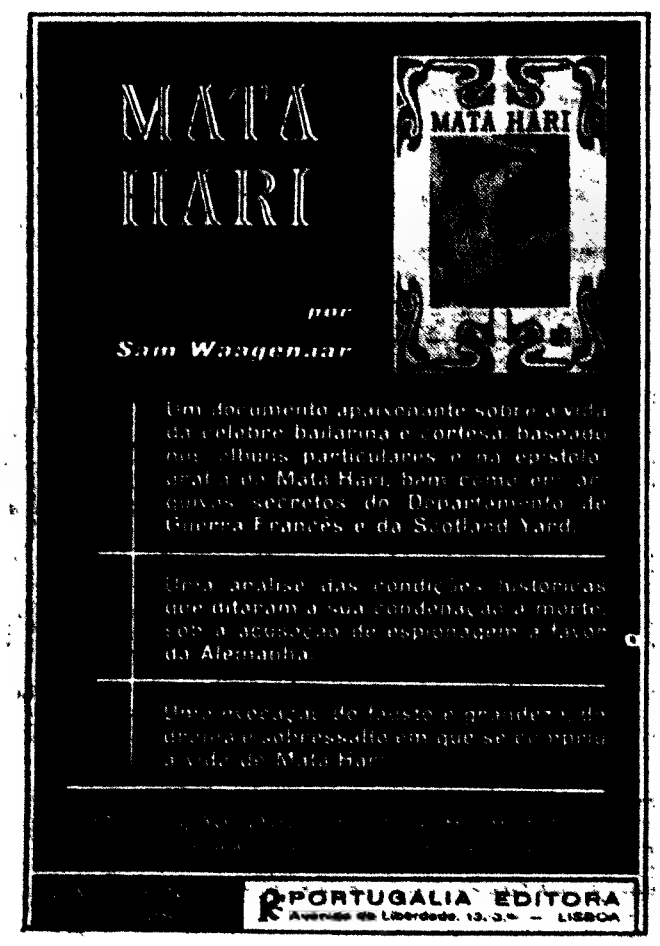
A Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas cabe de forma oportuna no âmbito destas considerações prévias, porque, com efeito, ela se integra num plano de acção da S.N. B.A. adentro das novas condicionantes da nossa vida artística. É evidente que, para além das realizações oficiais e particulares actualmente instituídas ou em projecto, cabe ainda (cabe sobretudo) um papel particular à S. N. B. A., quer integrando um núcleo de exposições programadas, ajustadas a momentos especiais, quer desenvolvendo outras manifestações como a que se refere com destaque neste texto. A oportunidade dessas manifestações é cada vez mais evidente num panorama artístico em expansão, solicitando progressivamente um maior contributo das redes de informação e dos meios de contacto cultural.

Tapeçaria de Vieira da Silva

UMA EXPOSIÇÃO SIGNIFICATIVA

A revolução do pensamento artístico, no nosso século, tem contribuído para o ressurgimento de algumas práticas técnicas exercidas desde a antiguidade e por vezes desvirtuadas ou absorvidas por outros meios momentâneamente em hegemonia. A redescoberta das coordenadas de certas artes, desenterradas das longas sedimentações, da confusão estética e dos excessos que as envolveram ou mutilaram ao longo dos anos, trouxe ao domínio da nossa vida obras recentes de surpreendente esplendor, nascidas a partir de uma nova meditação em torno dos problemas essenciais da criação artística e dos seus padrões maiores. No âmbito desta redescoberta, empreendida com tenacidade e muita oficina, enquadra-se a tapeçaria contemporânea (não apenas a francesa, de resto) que surgiu sobretudo depois da última guerra de um esclarecido trabalho levado a cabo por diferentes núcleos de artistas de Jean Lurçat, com os resultados da sua pesquisa segundo o espírito da tecelagem medieval e com os métodos que empregou e sucessivamente definiu. Aqui se enquadra a longa tradição da tapeçaria francesa, que, desde o século XV e através dos técnicos de Arras e do Loire, dos teares de Paris, Aubusson, Gobelins ou Beauvais, não cessou de afirmar-se num vasto conjunto de cintilações murais, desde as narrativas sumptuosas da Idade Média, da história dos reis, dos amores dos deuses ou das lições da História Sagrada até ao jogo sinfónico das grandes composições actuais, quer no sentido dos temas humanos mais vastos, quer no contexto da pura articulação

(Continua na 8.ª página)



# EDU LOBO É DO BOM

## por José Duarte

*EDUARDO DE GÓIS LOBO. 25 ANOS DE IDADE. COMPOSITOR E INTÉRPRETE DA MODERNA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.*

**J. D.**—*Quem é Rui Guerra?*

**E. L.**—Rui Guerra, moçambicano, como vocês devem saber, realizador de cinema, é um dos poetas meus preferidos, porque foi com ele que comecei a fazer um tipo de música, numa linha mais ou menos afro-brasileira, mais regionalista, forte. Rui Guerra tem uma personalidade muito grande e as letras que escreve têm uma forma muito especial. Pelo seu passador cultural, evidentemente, um pouco diferente do nosso, ele usa palavras menos comuns e tudo isso serviu para enriquecer a minha música.

**J. D.**—*Rui Guerra no Brasil é uma personalidade artística importante ou foi-o, só para si, como poeta das suas melodias?*

**E. L.**—Não, Rui Guerra, primeiro que tudo, é um cineasta muito importante. Foi um dos fundadores, um dos criadores do cinema novo do Brasil. É, também, um excelente poeta e tem colaborado, não só comigo, mas com outros compositores jovens, na criação de algumas das obras mais importantes da moderna música brasileira.

**J. D.**—*É verdade que o teatro (Oswald de Andrade), o cinema (Glauter Rocha), a musica (Caetano Veloso) se têm modernamente interinfluenciaao intimamente, contribuindo assim para um progresso geral evidente?*

**E. L.**—Acho que sim. Citando um exemplo diferente, é o que aconteceu com a música brasileira nos Estados Unidos. Quando, no começo da «bossa nova», toda a gente dizia que «bossa nova» era uma espécie de «jazz,» um tipo de «jazz» brasileiro. Realmente esta influência existiu, mas hoje em dia acontece que é a própria música brasileira que influencia a música ligeira americana. Isto em arte é mesmo assim, é preciso estar atento, estar aberto a todas as influências que se possam receber.

**J. D.**—*Quem é Torquato Neto?*

**E. L.**—É, também, um excelente poeta do grupo baiano, que comigo fez um tema. «Para dizer adeus», um tema que, por ser muito triste, não pode ser considerado música comercial, o que, aliás, pouco importa. Também é interessante, curioso, compor um tema e esperar, a longo prazo, que ele «atinja» o público, ao contrário do que sucede com o êxito imediato, como foi «Louvação», uma obra filha da colaboração entre Torquato Neto e Gilberto Gil.

**J. D.**—*Considera ou não, a bossa nova uma música de classe, de elite, «aristocrática», já afastada do folclore do Brasil, mais puro, mais negro, se quiser?*

**E. L.**—Não, de maneira nenhuma. Primeiro, «bossa nova» foi um nome dado ao movimento inicial da música moderna brasileira, um rótulo que até prejudicou um pouco esse próprio movimento. Mas, «bossa nova» é toda uma série de estilos, de opções dentro de uma música moderna. Nela existem compositores como Jobim, que partem para uma linha mais lírica, mais romântica, mais harmónica, e não baseada directamente no folclore. Paralelamente, por exemplo, Baden Powell procura nas raízes da música folclórica certos temas que harmoniza, mas, na realidade, o trabalho é um só, o mesmo, mostrar o que é a música moderna brasileira, elaborada. Antes da «bossa nova», existia um samba feito com muito talento, mas muito pouco trabalho, isto em termos gerais, pois não se podem esquecer os génios dessa altura, como Caymmi ou Pexinguinha. Era uma música baseada mais na intuição, que na elaboração. Com Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius, Lyra, Baden, Luís Eça, passou a criar-se uma musica assente no trabalho apurado, o que não quer dizer que seja «música feita só para músicos». Houve um certo desfasamento entre essa música e a reacção do público, o qual só passados três anos começou a compreender o que se estava a fazer. Aliás, isto é normal, em qualquer tipo de arte. A função de qualquer artista é estar sempre na vanguarda, o que não equivale a ser antipopular, antes pelo contrário. O perigo é quando o artista fica condicionado a um gosto popular e satisfaz, sòmente, as necessidades primárias, imediatas desse gosto. É muito mais honesto, em arte, propor coisas, fazer com que o povo pense sobre o que está ouvindo, vendo ou lendo.

**J. D.**—*Acha, que ao conquistar a América, ao incluir violinos, ao ser cantado em inglês, o samba novo, se cristalizou se comercializou?*

**E. L.**—Não. Como, infelizmente, não podemos impor a língua portuguesa no mundo inteiro, é preciso que de vez em quando se cante em inglês, mal ou bem, para que mais gente possa entender o que acontece na música brasileira. Por exemplo, o caso do Sérgio Mendes...

*Edu Lobo: «É muito mais honesto, em arte, propor coisas, fazer com que o povo pense sobre o que está ouvindo, vendo ou lendo»*

**J. D.**—*A música de Sérgio Mendes é, a meu ver, música nitidamente comercial...*

**E. L.**—É comercial, mas é um comercial tão bem feito, tão artisticamente elaborado, que resulta como uma fusão ideal. No entanto, não quero com isto dizer que o que ele está presentemente a fazer seja o que, pessoalmente, eu desejo fazer, embora seja esse o processo comprovadamente melhor para obter um sucesso que, nele, é evidente. Enfim, o que ele faz é muito bom, muito certo e muito música brasileira. E, além de mais, ganhou nome, tem êxito e está a «lançar» novos nomes da nossa música.

**J. D.**—*O que é o «portunhol», termo inventado por Carlos Capinam?*

**E. L.**—Tudo nasceu de uma musica que Capinam fez com Gilberto Gil — «Soy loco por ti, América» — em homenagem a Che Guevara, onde se misturava a língua espanhola com a portuguesa, daí o publico ter começado a falar de «portunhol»...

(Desenho de Luís de Sousa)

**J. D.**—*E tropicalismo?*

**E. L.**—É uma opção dentro da música brasileira, um tipo de crítica, de liberdade total, de criação de coisas, e que eu acho ter uma função no processo que estamos a viver.

**J. D.**—*Quem é Geraldo Vaudré?*

**E. L.**—Uma espécie de George Brassens do Brasil; mais poeta que músico.

**J. D.**—*Geraldo Vaudré disse que «tropicalismo é folclorizar o subdesenvolvimento brasileiro». De acordo?*

**E. L.**—Discordo. Acho que é uma forma de o criticar, mas, ao mesmo tempo, assumindo-o. Em princípio, com isto não concordo. Pode ser que seja a atitude mais heróica, mas nunca a mais certa. A verdadeira reacção contra as estruturas e compor, criar a música que sinceramente se quer, se deseja. A intenção do tropicalismo é qualquer coisa de livre, intuitiva, anárquica, como o foi o dadaísmo na pintura, com importância como fase de rompimento, embora se possa romper com toda uma estrutura arcaica, de inúmeras maneiras diferentes, sem, por exemplo, usar roupas extravagantes e dar gritos, mas, sei lá, substituindo o pandeiro por um maestro, orquestra e coros. Menos agressiva, esta também uma forma de rompimento. Enfim, tropicalismo é uma opção.

**J. D.**—*Qual foi o seu último trabalho para a música brasileira?*

**E. L.**—Dois meses, compondo doze canções para um texto teatral de Guarnieri:

(Continua na 7.ª página)

# BÊ-A-BARBA

## por Alexandre O'Neill

UM homem, diante do espelho, pronto a arrostar com mais um dia de barba, logo desenxabido pelo sólito insólito enquadramento: a sua própria cara.

Não há filosofia matinal que resista a um descaro assim.

Resiste o espelho.

Primeiros socorros: deitar a língua de fora, caretear, esfregar com energia a toalha turca na língua. Ajuda a tirar o sarro.

Fiapos na boca!

Quando menino, atara dois lenços de pano turco um ao outro e a pulso descera da varanda ao pátio. Nem um fiapo lhe sobrara nas mãos. Agora é o que se vê...

Não! O que se vê é, já agora, a cara...

Vamos *preferi-la* a qualquer outra?

Fácil, repara! Não há outra...

Ela aí, aqui está, estanhada — mas tua!

Mapa de excessos tal cara! Todos lá, até o excesso de servilismo.

Áspera ao tacto, parece a cara dum homem, mas a bochecha-nalga a descair sobre a direita escorre o olho do mesmo lado. Chorão! Por um pouco, cara de cão de água: olho a vazar-se, boca desdém-desgostosa, meio dente à mostra na comissura ascendente.

Assim ia a barba!

Olhou com rancor aquela cara, tomou do pincel. Num assomo, avisou para o espelho:

— Viva eu!

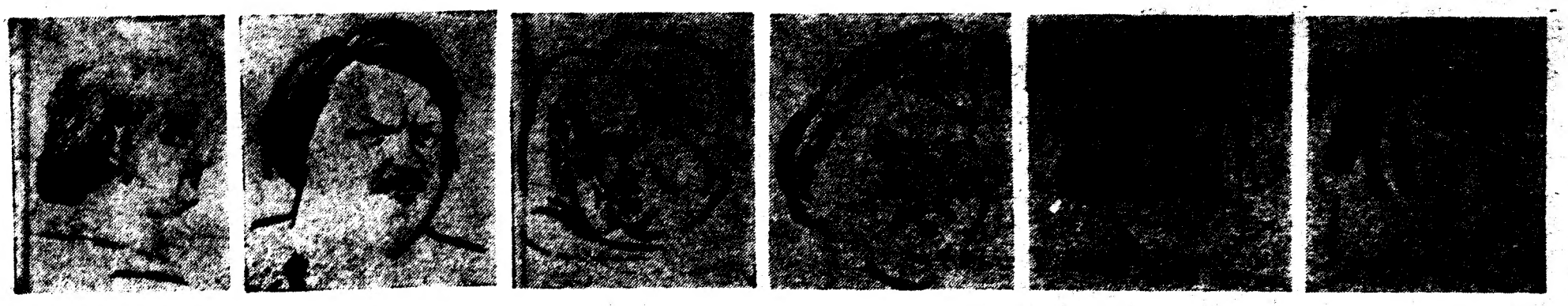
E às pressas ensaboou a *sua* cara de todas as manhãs.

**PRÉMIO DE NOVELÍSTICA ALMEIDA GARRETT 1968**

Devido à afluência de originais, e a fim de conceder ao Júri o tempo necessário a uma deliberação cuidadosa, foi decidido adiar para o dia 22 de Março próximo futuro a revelação da obra distinguida com o **PRÉMIO ALMEIDA GARRETT**, instituído pela **Editorial Inova**, do Porto e **Portugália Editora**, de Lisboa, com o objectivo de estimular a actividade editorial portuense e de estreitar os laços literários dentro de toda a Comunidade linguística luso-brasileira.

O Júri é composto pelo Ministro Fernando Ronald de Carvalho, Cônsul-Geral do Brasil no Porto, pelo Dr. Otto Lara de Resende, Adido Cultural à Embaixada do Brasil, e Drs. Eduardo Prado Coelho, Mário Sacramento e Óscar Lopes.

**EDITORIAL INOVA □ PORTO**



*Balzac visto por David, Vallotton, Masson, Marquet, Beaudin e Tal Coat*

# Balzac: ressurreição

(Continuação da 1.ª página)

de gramática. O próprio Eça foi, entre nós, acusado de escrever mal. E Norman Carrington (vale a pena mencionar-lhe o nome) num recente *booklet* para alunos do liceu rotula T. S. Eliot de «minor poet». Recentemente li um pequeno ensaio em que se tenta demonstrar que Thomas Hardy é também um péssimo escritor. O que justifica a actualidade de um estudo, já não muito recente, doutro ensaista inglês subordinado ao título: «Os grandes escritores que escrevem mal».

Vamos, todavia, defender a tese de que a condição *sine qua non* para se ser um grande escritor é escrever mal? Que ideia! O que isto significa é que os escritores maiores acabam por *resistir* às suas deficiências de *escrita*; e que estas provam ser de muito menor importância do que uma crítica meramente ao nível da linguagem pode fazer supor.

Em que consiste, então, a qualidade, que se prova afinal indestrutível de serem eles escritores maiores? Se não resiste nas virtudes excepcionais do estilo (pelo menos *forçosamente*) tal como uma análise fragmentária (e portanto errada) no-lo poderia fazer acreditar, em que consistirá ela? Em algo que só uma crítica de *totalidade* pode fazer ressaltar, e o que essa crítica de *totalidade* faz fundamentalmente ressaltar aos grandes vultos do romance é que eles são escritores maiores pelo motivo básico das suas obras se constituírem como *visão* original (que muitas vezes é uma visão crítica) do mundo.

Entre estes, Balzac é, sem dúvida, um dos primeiros. Estamos na época em que desponta a visão socialista do mundo e em que surge a crítica socialista utópica àquilo a que hoje poderíamos chamar o Primeiro Capitalismo. Se o romance do séc. XVIII assinala a dissolução de um mundo feudal perante o triunfo da *nova ordem* — a ordem burguesa — no romance do criador de *A Comédia Humana*, surgido já dentro do séc. XIX, é que, pela primeira vez, se exerce uma crítica rigorosa às estruturas sociais da burguesia e dos seus ideais. É certo que o Diderot de *Le Neveu de Rameau* pode, a este título, ser considerado como um precursor, mas, quanto à recriação do mundo social dentro das páginas de um romance, será Balzac o *único* a provar ter compreendido profundamente o mecanismo histórico que se sucede à Revolução de 1789 (Império, Restauração, Monarquia de Julho).

Isto é tanto mais notável quanto é certo haver sido Balzac um defensor do *Ancien Regime*: ele está, pois, contra a perspectiva socialista: é um legitimista, um *royaliste* que viu a destruição da nobreza e estava a assistir ao retalhamento do latifúndio aristocrático com o mais profundo desgosto. O autor de *O Tio Goriot* olha o «pé descalço» com maus olhos. Ao pintar, por exemplo, e com magistralidade, o desespero do camponês que luta tenazmente pela conquista de uma das parcelas em que *há-de* desmembrar-se a grande propriedade, não é do seu lado que se coloca, porque o que desejaria seria precisamente que o latifundio e a nobreza se mantivessem. Mas, como observa Lukács, a quem, em certa medida, se deve a reabilitação de Balzac, o extraordinário mérito dele está em que «pinta com veracidade inexorável a verdade, mesmo que essa realidade vá contra as suas opiniões pessoais, esperanças e desejos».

O mundo que Balzac abarca é, na verdade, socialmente interpretado com o mais admirável rigor; o genial romancista francês viu, com maravilhosa clarividência, como a sociedade francesa saída da Revolução caminhava rápidamente para esse Primeiro Capitalismo que se havia de desfazer (e cuja queda previu), e como o triunfo deste arrastava essa sociedade para a degradação.

Os ideais burgueses revolucionários? Eis o que se ouve, em vez disso, da boca de Vautrin: «A vida é um jogo, e quem quer jogar não pode dar-se ao luxo de investigar primeiro se as respectivas regras são justas ou morais».

Balzac viu, como ninguém mais, os conflitos de classes engendradas por esse capitalismo, como, argutamente a dialéctica da sua evolução. E toda a sua obra é uma explanação (involuntária?) magistral desta dialéctica.

Sim, surpreendemo-nos hoje que algum homem pudesse compreender tão profundamente a sua época como o criador de *A Comédia Humana* compreendeu a dele. Nada lhe escapou. Entrou no cerne das suas mais profundas motivações. Não houve tipo social, instituição, que não esventrasse. Impossível compreender o mundo ocidental do séc. XIX (pelo menos a forma como subtilmente funcionava o jogo de interesses em torno do qual se movia) sem atentar em Balzac. Ao ler os seus romances o nosso próprio mundo de hoje se ilumina de perspectivas novas. É que esse nosso mundo também já está. Melhor: *ainda* lá está. E está mais lá que na maioria dos romances que neste século se terão escrito: coisa paradoxal, por certo, mas verdadeira, o que explica, possivelmente, a actualidade de Balzac, pese embora àquela massa dos seus detractores (como Turnell) que se perdem ao nível de andar a contar, despiciendamente, com quantos adjectivos resolveu afogar um mísero e magro substantivo.

Cardiff, Dezembro 1968.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

# Tapeçarias francesas contemporâneas

(Continuação da 4.ª página)

plástica de formas originais e de matérias ricas ao apelo táctil.

A exposição que a S. N. B. A. recebe na sua extensa sala principal inclui um conjunto significativo de artistas ligados de algum modo ao ressurgimento da tapeçaria nos tempos modernos, intérpretes de uma árdua batalha de investigação e de estudo, de uma difícil descida às obras-primas do passado assumida a breve trecho através de mundos pessoais e vertida para uma estética actual. Este processo tantas vezes cintilante nos resultados, oposto aos estéreis e absurdos virtuosismos que enganadoramente se praticaram no século XVIII à sombra do gosto pela pintura de cavalete, tem ele próprio as suas contradições internas, as suas cedências à representação de matérias plásticas hostis ao comportamento específico da lã no tear. Mas é, em todo o caso, a prova definitiva das conquistas do pensamento contemporâneo neste sector, a ilustração de uma técnica rigorosamente consciente dos seus meios e dos seus limites, a linha de uma vontade investigadora e da necessidade constante de novas propostas de acção criadora. O conjunto de artistas integrado na exposição é disso, na sua maior medida, testemunho manifesto. São eles: Adam, Arp, Atlan, André Beaudin, Borderie, Braque, Calder, Sonia Delaunay, Gilioli, Hartung, Jacques Lagrange, Le Corbusier, Léger, Lepormand, Lurçat, Matisse, Millecamps, Miró, Prassinos, Nicolas de Staël, Raoul Ubac, Vasarely e Vieira da Silva. Deste modo, não apenas se esboça a história da tapeçaria francesa moderna como se completa e se define, pela actualidade de algumas peças, uma função informativa de grande interesse. Oportuna para nós, de resto, na medida em que os nossos artistas, em particular através da Manufactura de Portalegre, também têm vindo a desenvolver uma curiosa afirmação no mesmo domínio.

ROCHA DE SOUSA

# A força e a forma

(Continuação da 3.ª página)

face do Real — a imagem. E não é mais do que certas imagens deste nosso pobre mundo quotidiano, nosso humano universo carregado de absurdo e de contradições, o que esta gravura nos traz. Os leitores já adivinharam por certo que ela se insere no âmbito duma estética «pop».

Constroem-se estes trabalhos simplesmente com imagens, como dissemos, imagens fotográficas que nos surgem normalmente em negativos, com seu quê de fantasmático, repetidas e sobrepostas segundo uma noção rítmica e num dinamismo em que de modo nenhum se ausenta a *força*, o impulso vitalista. São imagens que nos falam do viver das grandes urbes, do complexo e terrível agitar das multidões, através de mil acontecimentos mundanos, concursos de beleza, transito de ruas, etc., etc. A mulher, na sua beleza e juventude, a mulher-força, a mulher-mito das sociedades contemporaneas, surge como tema central desta imagética. Numa zona mais remota do penamento do gravador, como verdade subjacente ao bombardeamento das imagens da cidade, surgirão porventura o amor e o sexo como as grandes forças-mito do nosso tempo. A energia *cósmica*, à força puramente *natural* dos *gestualistas*, o artista contemporaneo contrapõe a realidade dessas forças organizadas em mitos, na rede complexa dos fenómenos sociais e de cultura.

Totalmente recusamos a ideia de que uma substantivação da forma leve a arte para os caminhos da metafísica que decorre da negação da temporalidade. O caso presente (as gravuras de Ian Calverson) é prova bastante para justificar o nosso parecer. A sucessão das imagens, num ritmo que fará lembrar os Comic's ou o cinema, assegura aqui, como em muitos dos artistas da chamada «arte narrativa», uma *durée* mais concretamente substantivada que na pintura gestual. Por outro lado, é impossível esquecer no nosso tempo a *arte cinética* e também a arte do Objecto que, se nem sempre se oferece em movimento, propõe pelo menos o movimento de espectador ou a sua intervenção no *fazer* da obra. Mas também é verdade que, nos nossos dias, a própria *energia* e o gesto se *coisificaram* no objecto de definição informal, quando tudo parecia apontar o informalismo como experiência definitivamente esgotada...

«Não há senão Dionisos» — diria Schelling. Sobre todas as contradições, para lá dos momentos mais «geométricos» ou de aparente desvitalização da arte — sempre o movimento incessante das coisas, o incontrolável dinamismo do mundo nos aparece como a necessária e inevitável síntese entre os termos Apolo-Dionisos. Mas esta conclusão — não o queremos esquecer — propondo-se embora como *síntese*, oferece-se simultaneamente como a *tese* que, numa nova proposição, apela fatalmente para a *sua antítese*. E sempre a um modelo *dinamico* outro se pode opor, de definição *estática*...

No fundo, no fundo da questão talvez esteja apenas o problema da *distancia* a que o Sujeito se coloca em relação ao Objecto de estudo. E mais uma vez teríamos de sublinhar a importancia do Sujeito e das condições em que decorre o acto de *conhecer*...

FRANCISCO BRONZE

# Noémio Ramos: valor positivo

FOI ASSINALADO, nas últimas temporadas da vida artística portuguesa, o aparecimento de alguns jovens pintores cuja actividade permitiu à crítica estimar a revitalização do quadro da nossa produção correspondente. Noémio Ramos, recentemente diplomado em pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, é um dos casos significativos desse panorama. Tendo sido bolseiro da Fundação Gulbenkian ao longo do curso, expôs várias vezes em salões colectivos desde 1965, e realizou agora a sua primeira exposição individual no círculo cultural do Algarve, em Faro, onde exerce actividade docente. A sua pintura, por diferentes vezes assinalada de modo positivo em Lisboa, desenvolve uma proposta neo-figurativa onde o rigor se associa à ironia, à designação poética, ensaiando em paralelo um comprometimento temático que envolve uma visão pessoal do Mundo.

# Cinema francês

(Continuação da 1ª página)

nem *La chinoise* escandalizam o público. Não podemos conceber como é que os poderes públicos poderiam agitar-se por causa das *Gauloises Bleues*, uma vez que até a própria intenção de Cournot se tornou incompreensível para a imensa maioria dos espectadores. Mas não é pelo facto de se ter separado do público (que poderia ter atingido) que este filme é decepcionante: é decepcionante por ser um exemplo pràticamente constante do artifício e da gratuitidade. O poder de uma imagem que nos mostra cadáveres de operários estendidos sobre carris ferrugentos anula-se na medida em que apenas corresponde a truque — nem sequer a trucagem — como a sessão na assembleia de voto ou a mancha de sangue pintada a tinta vermelha na blusa da rapariga. Porque a cena em que Jean-Pierre Kalfon escarnece (perdão: faz a exegese) dos maços de «Gauloises» nada significa. Porque abrir ou fechar, interminàvelmente, persianas verdes diante de um jarro de flores nada significa, a não ser termos a consciência de que estamos a perder o nosso tempo... As desmarcagens são evidentes: esta mania, por exemplo, de tratar, em plano americano, as personagens paradas, num fundo arbitrário (onde a cor pretende suprir pelo clima que seria a carência dos diálogos e a descontinuidade da narrativa).

Com *Pierrot le fou*, Godard salpicava magnificamente o «écran»: tinha-se a impressão de ver, pela primeira vez, a cor assumindo o seu papel na película. Esse filme era um banho de luz, abria portas: hoje, o horizonte limita-se totalmente a essas superfícies neutras que se cobrem de pintura — os planos vermelho ou amarelo de *La chinoise;* o papel pintado ou a cortina cor-de-rosa das *Gauloises Bleues*; e, em *Adélaide*, esse borrão demente, no fim da película, constituído pela mãe e pela filha. Exactamente como um mau escritor sobre a sua prosa de adjectivos para a tornar *significante*, pessoal, algo menos que insípida.

Como realizador do filme *Gauloises Bleues*, Michel Cournot propõe-nos, pois, esse cinema novo que ele tão raramente tinha ocasião de defender. Ao reler as suas crónicas do *Nouvel Observateur* teremos certa dificuldade de o levar a sério: mas para quem for ver as *Gauloises Bleues* (admitindo que se esteja disposto a ficar à espera das últimas imagens de um filme que as repetições fastidiosas, as imperícias, a prolixidade imobilizam), a ponto de nos pesar como uma interminável projecção de diapositivos em desordem), a obra surgirá desafortunadamente como uma justificação para o espírito confuso do crítico. Cournot declarava também: «Este filme não foi feito para os imbecis». Só podemos ficar-lhes gratos por isso. No entanto, poderíamos de boamente ser levados a crer, perante esse outro mal endémico da nossa arte cinematográfica que é a vulgaridade, o comilhado de forte tempero e as nádegas, que os imbecis se contam por milhões... Entre estes dois extremos, a revolução cultural artística para *happy-few* e o chocarreiro riso gaulês que faz submergir e enodoa os heróis de Cournot restituídos à vida civil (a essa vida também de *Deux ou trois choses que je sais d'elle*), o que nos resta? Raramente um divertimento cheio de espírito, de encanto picante — como champanhe seco, como, por exemplo, Benjamim de Michel Deville. Isto é não só raro — repetir-mos —, como é também pouco... E, enquanto Melville, abandonando o cinema *literário* pelo cinema policial, volta assim, e da maneira mais surpreendente, a ocupar um lugar de primeiro plano, Alexandre Astruc afunda-se até ao pescoço com o seu torpedeiro jugoslavo e navega tão por baixo que dificilmente acreditaremos que, depois de ter cometido tal façanha, tenha podido assinar um filme tão mal cozinhado como *L'Adriatique ou Feu* ou *Flames sur l'Adriatique*... Melhor será esquecê-lo para todo o sempre! Sem insistirmos sequer na incrível ingenuidade do combate entre o vaso de guerra e as duas vedetas italianas ou alemãs, os cordelinhos e as inverosimilhanças são tais que o público mais popular (vi-o num cinema de bairro) rebenta a rir. Na verdade, o que nos resta? Não é lá muito fácil delinear correctamente um filme policial: a debilidade do cenário de Japrisot mata lentamente o jovem talento de Jean Hermann e o «tandem» Delon-Bronson (este notável, um monstro em potência, que devemos esperar voltar a ver em ocasiões mais propícias que em *Adieu l'ami* e sobretudo que no *Pancho Villa*, de Kulik, ao qual tanto nervo falta) não consegue salvar uma metragem demasiado longa que começa dez minutos antes do fim.

*Godard já não escandaliza ninguém...*

*Robbe-Grillet: vacuidade, nos filmes como no último dos seus romances*

Se estas infelicidades não bastassem para fazer do cinema francês a arte enferma do momento, poderíamos acrescentar que os cineastas têm uma falta singular de invenção. Não podemos censurar a Hermann ou a Cournot a falta de *métier* (e o primeiro tem para dar e vender ao segundo). O que é mais grave é acumulá-los de elogios. O que é aflitivo é vermos Astruc a fazer (e mal) folhetins cinematográficos para o Exército, Lelouch comprazer-se em todas as complacências com um grande *savoir-faire* e Truffaut a consagrar o seu talento, que é real, a pequenos nadas. *Baisers Volés* só vale pela presença de Jean-Pierre Léaud entregue finalmente a um belo trabalho de comediantes (as suas fatigantes gaguices tinham-nos feito esquecer que ele era capaz de impor uma personagem, e ele impõe a sua com tal mestreia que pode permitir-se jogar falso até ao limite exacto daquilo que é necessário para ser mais *verdadeiro* que o seu papel). Podemos, contudo, lamentar que Truffaut, partindo de uma comédia de costumes, deslize tão fàcilmente para o «boulevard», nem sempre evitando uma vulgaridade que surpreende neste autor, cuja subtileza e cuja inteligência sensível prezávamos. Sem dúvida, reencontramos em *Baisers volés*, aflorando por momentos, toda a ternura cruenta de Truffaut, a sua maravilhosa aptidão para fazer falar aqueles que a vida fez emudecer: a cena do banco, em que o louco vem declarar o seu amor diante dos dois jovens, é talvez a mais bela do filme, e a única, em todo o caso, capaz de nos interessar, de nos restituir imediatamente o cineasta de ontem. Mistela demasiado ao jeito de «boulevard», ou mistela para a grande burguesia, deste cinema exangue, que se volta sedento para os esquemas que a literatura lhe oferece. Quer se trate *Adolphe*, de Constant, quer de *Adélaide*, de Gobineau, não serão sempre pretextos? Fenómeno de demissão, ou esclerose? Cournot, para o seu primeiro filme, regressa ao seu livro, outros, às lições de literatura, mesmo que tenham decidido trair o tema, por não poderem ser fiéis a si mesmos. Em Godard, as citações invadem os diálogos (ou aquilo que faz as vezes destes). Não é uma osmose, mas uma contaminação. A vacuidade dos filmes de Robbe-Grillet só à vacuidade do seu último romance pode igualar-se. O cinema francês oscila desesperadamente entre o nada e o «bric-à-brac» cultural, incapaz de esquecer os seus mestres, de encontrar o seu caminho e a sua expressão própria. «Se — palavras ainda de Michel Cournot — houvesse milhares de pessoas a fazer cinema o lugar de Renoir seria bem modesto». (1) Sem necessidade de uma tal concorrência, os últimos filmes que tivemos oportunidade de ver, de Malo para cá (à excepção de uma tentativa, não de todo convincente, de Resnais com «Je t'aime»), não gozarão da vantagem de esperar, para serem esquecidos, que mais gente se meta a fazer cinema.

CLAUDE MICHEL CLUNY

1 — Declarações transcritas por G. Langeois, in *Les Lettres Françaises* (4-8-1966)

2 — Filme para o qual me parece ter eu sido demasiado indulgente.

# Edu Lobo

(Continuação da 5ª página)

Maria Bethânia, actualmente a representar-se no Brasil.

*J. D.—Em seu entender, qual o futuro da música brasileira?*

E. L.—Um futuro muito bonito... Sem querer «puxar a brasa á minha sardinha» acho que a música popular brasileira é a mais séria em todo o mundo, é mesmo mais erudita do que a música erudita que se faz no Brasil.

*J. D.—Para onde vai quando deixar Portugal?*

E. L.—Talvez Paris e Los Angeles. Brasil não tão cedo, compreende... Embora pareça incrível, em Los Angeles, na Califórnia, a música moderna brasileira é mais apreciada que no próprio Brasil!

*J. D.—Com «pleno poderes musicais» que atitude tomaria perante a música do Brasil?*

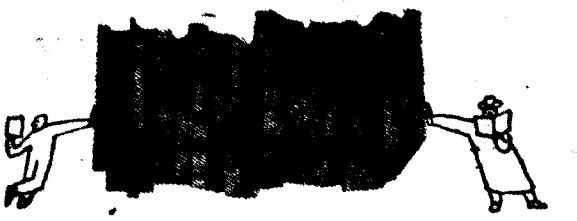
E. L.—... Gostaria de ser um novo Villa-Lobos...

*J. D.—Obrigado, Edu Lobo.*

E. L.—Obrigado a você, «tamos aí quando você quiser»...

*(declarações recolhidas em gravador)*

JOSÉ DUARTE



# ESCAPARATE

## Autores portugueses

**Título** — Cartas Dirigidas a António Barata Existentes na Biblioteca Pública de Évora
**Autor** — Gil do Monte
**Tradutor** — Prefácio do Dr. José Maria Pouras
**Editora** — Nazareth — Évora
**Número de páginas** — 128
**Preço** — 70$00

**Título** — Gago Coutinho — Precursor da Navegação Aérea
**Autor** — Pinheiro Corrêa
**Editora** — Edição do Centenário — Porto
**Colecção** — Portucalense Editora — Porto
**Número de páginas** — 366
**Preço** — 150$00

**Título** — «Flores ao Telefone»
**Autora** — Maria Judite de Carvalho
**Editora** — Portugália — Lisboa
**Colecção** — «Contemporânea» — n.º 100
**Número de páginas** — 225
**Preço** — 40$00.

**Título** — Os Afluentes do Silêncio
**Autor** — Eugénio de Andrade
**Editora** — Editorial Inova — Porto
**Colecção** — «O Espírito do Lugar
**Número de páginas** — 170
**Preço** — 55$00

**Título** — Uma Voz que se Ergue da Terra e outras Crónicas Líricas.
**Autor** — J. M. Boavida-Portugal
**Editora** — Edições do Cabo do Mundo — Lisboa
**Número de páginas** — 401
**Preço** — 40$00

**Título** — Sem Piedade (romance)
**Autor** — Albertine Sarrazin
**Tradutor** — Pedro Bom
**Editora** — Publicações Europa-América — Lisboa
**Colecção** — «Século XX» n.º 91
**Número de páginas** — 247
**Preço** — 45$00

**Título** — Os direitos do Homem Documentos da ONU
**Autor** — Introdução de Sottomayor Cardia
**Editora** — Seara Nova — Lisboa
**Colecção** — Cadernos Seara Nova — Série Política
**Número de páginas** — 147
**Preço** — 25$00

**Título** — U. R. S. S. — 50 Anos Depois
**Autor** — Alex Soljenitsine e outros
**Tradutor** — Carlos Araujo e outros
**Editora** — Publicações D. Quixote — Lisboa
**Colecção** — Cadernos D. Quixote — n.º 12
**Número de páginas** — 171
**Preço** — 25$00

**Título** — O Macaco Nu
**Autor** — Desmond Morris
**Tradutor** — Hermano Neves
**Editora** — Publicações Europa-América — Lisboa
**Colecção** — Estudos e Documentos — n.º 50
**Número de páginas** — 288
**Preço** — 55$00

## Autores estrangeiros

**Título** — O Volga Nasce na Europa
**Autor** — Curzio Malaparte
**Tradutor** — Marques Gastão
**Editora** — Livros do Brasil — Lisboa
**Colecção** — Dois Mundos — n.º 103
**Número de páginas** — 284
**Preço** — 45$00

**Título** — «Picasso. As Mulheres — Os Amigos — A Obra»
**Autor** — Jean-Paul Crespelle
**Tradutora** — Maria Margarida da Silva Dias
**Editora** — Livraria Bertrand — Lisboa
**Colecção** — «Figuras de Todos os Tempos»
**Número de páginas** — 337
**Preço** — 75$00.

**Título** — «A Guerra do Silêncio»
**Autor** — Kim Philby
**Tradutora** — Ana Lúcia Sena Lino
**Editora** — Livraria Bertrand — Lisboa
**Colecção** — «Documentos de Todos os Tempos»
**Número de páginas** — 342
**Preço** — 75$00.

**Título** — «O Gato» — Romance
**Autor** — Georges Simenon
**Tradutor** — António Barahona da Fonseca
**Editora** — Livraria Bertrand — Lisboa
**Colecção** — «Autores Universais»
**Número de páginas** — 227.
**Preço** — 45$00.


agora em 4ª edição (14ª milhar)

Deuses e Demónios da Medicina

por Fernando Namora

a obra que resume a maravilhosa aventura da uma ciência

Ed. especial encad. e ilust., com caixa própria (2 vols.) 220$
Ed. corrente brochada, com caixa própria (2 vols.) 120$
Col. "Obras de Fernando Namora"

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8, Mem Martins
Delegação em Lisboa:
Rua dos Fanqueiros, 45, 2.º
Delegação no Porto:
Rua de Entreparedes, 6, 2.º

# A A.I.C.A. em Portugal

## Folhetim artístico de José-Augusto França

NO OPTIMISMO CULTURAL do imediato pós-guerra, foi constituído, sob a égide da U. N. E. S. C. O., um certo número de organismos agrupando profissionais ou pessoas especialmente interessadas em vários sectores da vida artística. Assim se fundou o I. C. O. M., (International Commitee of Museums), o I. C. A. H. (International Commitee of Art History), a A. I. A. P. (Association Internationale des Arts Plastiques) — e a A. I. C. A. (Association Internationale des Critiques d'Art). Com excepção da A. I. A. P. (que bom seria organizar também os outros organismos têm, mais ou menos, reflexo em Portugal.

Quanto à A. I. C. A., a secção portuguesa foi criada em 1955 pelo falecido prof. Reys Santos, para tal convidado pelo então presidente geral, o prof. Paul Fierens. Desde então a A. I. C. A., como associação internacional, tem tido um enorme desenvolvimento, contando actualmente cerca de 1300 membros, em 42 secções nacionais, europeias, americanas e asiáticas — com actividades variadas, maiores ou menores e inteira independencia de acção. A secção francesa, por exemplo, que é, com a japonesa e a italiana, a mais numerosa, age num plano sindical, dela saem os organizadores das selecções nacionais nas bienais de Veneza e São Paulo, por comissão oficial, etc.

Após Paul Fierens, foi eleito presidente geral James Sweeney, (que há dias esteve entre nós), criador do Museu Guggenheim de Nova York e hoje director do rico museu de Houston. Em 1963, à candidatura de Raymond Cogniat, personalidade oficiosa francesa e crítico de «Le Figaro», opôs-se a do prof. G. C. Argan que é, como professor de História de Arte da Universidade de Roma, uma figura de primeiro plano intelectual permanentemente debruçado sobre a modernidade, com a mais profunda e mais exigente das consciências socio-culturais. A este coube a presidência no triénio seguinte — e tive o gosto de participar na Universidade de Urbino, em 1966, à grande homenagem que a jovem crítica italiana lhe fez, durante um congresso da A. I. C. A. Em 1963 declinei eu o seu amistoso e insistente convite para me fazer eleger secretário-geral da organização, cargo que acabou por ser ocupado pelo crítico grego de Paris T. Spiteris, com simpática competência.

A G. C. Argan sucedeu, em 1966, o crítico francês Jacques Lassaigne que exerceu a actividade organizadora tem desenvolvido.

Congressos ou assembleias anuais têm levado os membros da A. I. C. A. aos quatro cantos do mundo de Nova York ao México, do Brasil à Sicília e à Polónia, à Tchecoslováquia, a Veneza, a Munique, visitando lugares e museus, contactando com as vidas artísticas nacionais, discutindo temas estéticos e socio-culturais. Em 1969, novo presidente será eleito na Escandinávia, nos dois próximos anos anunciam-se congressos no Canadá e na Holanda.

Interessante (e proveitosíssimo) seria que Portugal pudesse entrar na fila destes países abertos ao convívio internacional no domínio da arte — já que tantas reuniões de outras especialidades aqui se realizam, ao longo do ano. Bom seria, para o conhecimento da nossa arte do passado e da nossa produção do presente — *e por que não?*

Com efeito, a secção portuguesa da A. I. C. A. entra agora numa nova fase de actividade ou, para mais realmente dizer, entra em actividade. O prof. Reys Santos, escolhendo respeitosamente o prof. Reynaldo dos Santos para presidente de honra, convidou para o seu lado os drs. Armando Vieira dos Santos e Adriano de Gusmão e o já falecido director do Museu de Arte Contemporânea, Diogo de Macedo — mas nunca chegou a organizar a secção que, sem coerência nem actividade, se manteve totalmente alheia à vida artística portuguesa, a ponto de falhar o «I Encontro de Críticos de Arte Portugueses» que lhe sugeri e que teve de realizar-se fora dela, em 1967. Isso causou sem dúvida prejuízo cultural (que os mais jovens críticos apontam, muito justamente), em perda de tempo e em impedimento a que mais dinâmicos e empenhados críticos pudessem entrar em contacto internacional. Eu próprio tive que entrar para a «secção livre» (não ligada a nenhum país) da A. I. C. A., em 1957, por proposta de colegas brasileiros (o mesmo faria o dr. Mário Dionísio), dela transitando para a «secção francesa». Desta passei agora, a pedido do presidente Lassayne e a convite dos meus colegas portugueses, para a nossa secção nacional, com o fim de colaborar na sua «mise-en-marche». O que acaba de ser feito, com a indispensável ajuda de outros membros antigos e modernos — aos quais outros ainda durante este ano se juntarão, de modo a que a secção portuguesa represente lealmente a crítica de arte que, com validade e responsabilidade, é feita em Portugal.

O papel que a A. I. C. A. portuguesa pode assumir, no contexto da nossa vida artística afigura-se-me importante e sem qualquer espécie de equívoco — adentro dum leal companheirismo aos artistas que sempre definiu os críticos mais responsáveis.

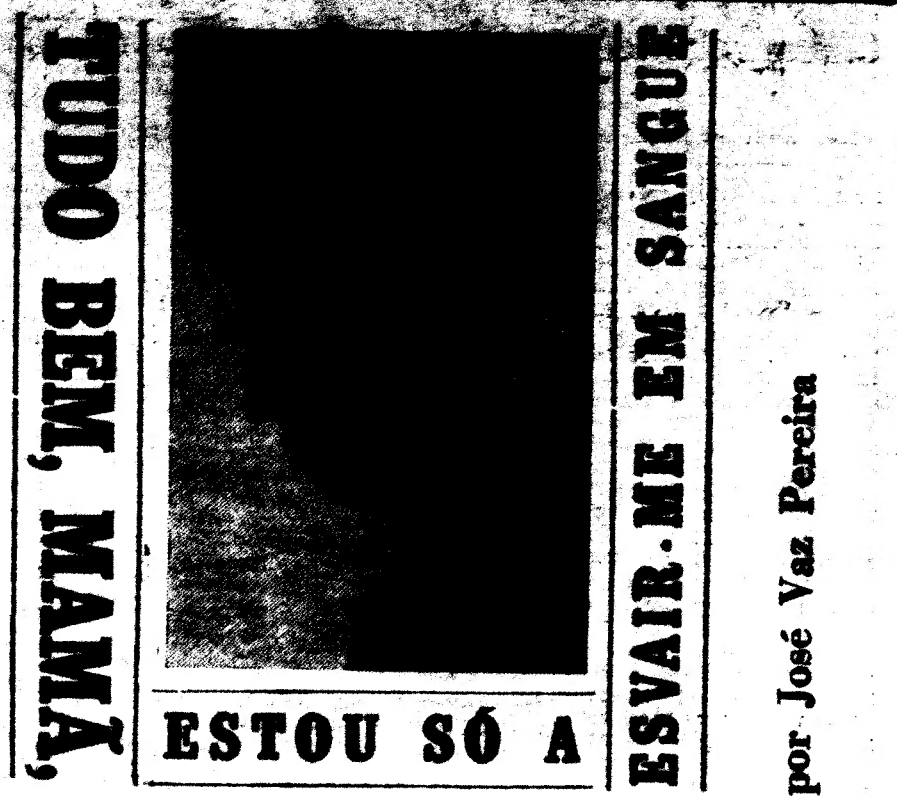
A crítica de arte tem, no seio de vidas artísticas *(ou de vidas sociais)* evoluídas, um papel a desempenhar, de elemento de ligação *entre o artista produtor e o público consumidor* — papel paralelo ou convergente aos dos museus, dos «marchands» e de instituições promotoras de actividades afins, cada qual no seu plano.

O crítico é apenas o que *dá a ver*, explicando o que se vê, integrando culturalmente (isto é, num jogo complexo de referências mentais, sensitivas e existenciais, com vectores dinâmicamente históricos) os produtos e os produtores analisados. Compete-lhe assim um papel de *orientador da opinião pública*, ou, por mais pretensiosa palavra, de pedagogo. Não é por acaso que muitos dos melhores críticos de arte de nosso tempo são professores: um G. C. Argan, um G. Dorfles, um H. Read, um W. Grohman, um P. Francastel, um J. Leymarie, um A. Chastel, um J Casson, um Romero-Brest, um M. Pedrosa, um J. Starzynski — com responsabilidade universitária. Mesmo entre nós, o Curso de Formação Artística da S. N. B. A., que comparável responsabilidade assume no contexto particular português, tem críticos de arte no seu quadro docente.

É claro que a acção dum crítico de arte exige preparação específica que em Portugal, até agora, pela exiguidade da informação de que se dispõe (total carência de museus, falta de continuidade nas exposições internacionais só ocasionalmente trazidas até nós, deficiência do ensino oficial de história da arte), não pode ser satisfatòriamente obtida. Mas também é verdade que pelo menos três de entre nós beneficiaram de estágios, mais ou menos prolongados e mais ou menos orientados, em Paris.

Esta preparação e esta acção (escrita, falada, em júris, na organização de exposições na programação de manifestações culturais especializadas, etc.) tendem a definir-se num nível tanto quanto possível profissional. Isto é: sujeito a *uma consciência cultural permanentemente empenhada* e a *uma ética exigente*. Na medida em que a sociedade portuguesa, entrada numa fase de mutação, evolua adensando as suas necessidades e o seu consumo de bens culturais, essa profissionalização se tornará possível — e necessária. Como a do médico, ou do engenheiro, ou do advogado. Ou a do artista plástico. E identicamente remunerada...

... Nisto tudo deve empenhar-se como as suas congéneres pelo mundo fora, a A. I. C. A. portuguesa. *Aqui e agora*, insisto.




**EU SOU BOB DYLAN**
*(Don't look back)*
filme de Pennebaker
*com Bob Dylan, Donovan e Joan Baez*

CINEMA-VERDADE com uma polémica, uma intenção, uma atitude. Nada de divinizar um ídolo. Antes uma conta corrente de 24 horas de chegadas, partidas, conferências de Imprensa, ensaios, complicações, microfones, contratos — e um homem, um jovem que insiste em cantar, em dizer que *não* é um «folk singer», em sublinhar as palavras que ele próprio escreve com um solo de harmónica, em se fascinar e impacientar com o mundo.

Um filme sobre Bob Dylan? Talvez. Mas antes de mais nada um filme sobre as outras pessoas vistas por Bob Dylan, como elas aparecem, como elas reagem, como elas se acobardam, como elas são movidas, mesmo na admiração por outros, pelo culto das suas próprias personalidades.

Focando uma «tournée» do cantor em Inglaterra, *Eu Sou Bob Dylan* (Don't look back) apresenta-nos uma equipa desprovida de vedetismos e de imagens fabricadas — tal como o cenário, os personagens atrevem-se a ser reais, sem por isso deixarem de ser humanos. Empurrados na leva, precipitados na confusão mas reconhecendo que «os tempos estão a mudar».

Insistimos na importância do documento filmado de Pennebaker, ao lado de tanto ensaio inócuo, de tanta retórica sem sentido. Certamente que o trabalho é facilitado pelo facto de as câmaras perseguirem um homem em que arte é igual á vida, em que ambas tem a mesma dimensão, a mesma plenitude, a mesma profunda necessidade de ter a verdade sessenta vezes por minuto.

Sem tratamento poético, com uma maravilhosa e balbuciante fotografia mas que ainda terá muita gente a criticá-la, B. Dylan surge-nos como uma espécie de Aroanjo da era electrónica, com um empresário que lembra um personagem das «Aventuras do Sr. Pickwick com estranhos óculos de lentes pentagonais, com uma informalidade que começa a tornar-se formal e uma poderosa capacidade de comunicação. O homem é uma pilha, um dinamo e uma reserva de energia: parece frágil mas quando a sua voz dramática rompe a noite, os focos de luz a iluminam o seu perfil de pássaro solitário, a força da sua presença e a revolta da sua mensagem invadem as salas e as assistências.

Assim, precipitadamente, nervosamente numa Londres que parece inclinada para outros ídolos, Bob Dylan vem registar um triunfo, vem falar com este ou aquele, experimentar, «saber onde está esse maldito Donovan», fazer malas, desfazer malas gracejar com Joan Baez, dizer adeus às inglesinhas que o saudam da entrada do Savoy, visitar a imensidade vazia do Albert Hall, responder a perguntas, fazer perguntas (o sr. não precisa de responder pois está a entrevistar-me).

Alguns momentos são saborosos: o incidente no hotel, a bulha com o estudante, o desmantelamento inesperado e feroz que Dylan executa em relação a essa pedra-base da sociedade americana que é a «Time Magazine» em que o repórter da revista só consegue mastigar banalidades ante a saraivada acusatória que lhe é lançada ao rosto. Uma espécie de espantoso jornalismo que pulveriza outro tipo de jornalismo.

Há a intenção de evitar o despudor de certas manifestações colectivas de idolatria: as retiradas do homem que também diz que *não* é um «pop singer» e dos seus colaboradores fazem-se sempre em boa ordem, para dentro de carros monstruosos nestes tempos de congestionamento de tráfego. E as imagens dessas retiradas são as imagens clássicas do cinema americano que povoam a nossa adolescência: as luzes lá fora, o brilho das carroçarias, os anúncios ora acende ora apaga na noite e o primeiro cigarro do alívio e as máscaras a humanizarem-se e ontem Edward G. Robinson e hoje Bob Dylan (motivações diferentes) que dizem «foi este pendo!»

A CARREIRA DE UM ESPIÃO SOVIÉTICO NO OCIDENTE

**A GUERRA DO SILÊNCIO**

por Kim Philby

Muitos livros e artigos têm sido escritos sobre as actividades de Kim Philby, mas só «A Guerra do Silêncio» nos dá a verdadeira face do genial espião e o silêncio de um espião sem paralelo nos anais dos serviços secretos.

VOLUME DE 346 PÁGINAS: 70$00
COLECÇÃO DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS
LIVRARIA BERTRAND